



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

JOSÉ MARCONE MARTINS

ESCOLA E FAMÍLIA: DA SEMENTE PLANTADA NO CHÃO DA ESCOLA AOS FRUTOS COLHIDOS NO QUINTAL DE CASA. A CONTRIBUIÇÃO DA EFA DOM FRAGOSO À LUZ DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA.

FORTALEZA

2019

JOSÉ MARCONE MARTINS

ESCOLA E FAMÍLIA: DA SEMENTE PLANTADA NO CHÃO DA ESCOLA AOS FRUTOS COLHIDOS NO QUINTAL DE CASA. A CONTRIBUIÇÃO DA EFA DOM FRAGOSO À LUZ DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola.

Orientador: Prof. PhD. José Ribamar Furtado de Souza

**FORTALEZA
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M343e Martins, José Marcone.

Escola e família: da semente plantada no chão da escola aos frutos colhidos no quintal de casa : a contribuição da EFA Dom Fragoso à luz da pedagogia da alternância / José Marcone Martins. – 2019. 133 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. José Ribamar Furtado de Souza.

1. Pedagogia da Alternância. 2. Relação Escola-Família. 3. Prática Pedagógica. I. Título.

CDD 370

JOSÉ MARCONE MARTINS

ESCOLA E FAMÍLIA: DA SEMENTE PLANTADA NO CHÃO DA ESCOLA AOS FRUTOS COLHIDOS NO QUINTAL DE CASA. A CONTRIBUIÇÃO DA EFA DOM FRAGOSO À LUZ DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola.

Orientador: Prof. PhD. José Ribamar Furtado de Souza.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Professor PhD José Ribamar Furtado de Souza (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Dra. Celecina de Maria Veras Sales
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Dra. Elisângela André da Silva Costa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

À minha mãe, analfabeta, negra, mulher da roça, Rita Severiano Martins; A meus familiares em especial minha irmã Maura Beatriz Severiano Martins (in memoriam) e a minha comadre Antônia Benedita Moreira Alves educadora (in memoriam), professora, a quem atribuo minha aprovação no mestrado por intercessão delas. À minha querida Ventura, terra do meu sossego e que me permitiu escrever esta pesquisa: “Quando eu morava aqui olhava o mar (a serra) azul no afã de ir e vir. Ah! Fiz de uma saudade a felicidade pra voltar aqui”. (Moacyr Luz/Aldir Blanc).

AGRADECIMENTOS

Ao Deus libertador, por tudo que busco, um mundo de justiça e fraternidade.

Aos meus pais, pelos valores a mim testemunhados.

Aos meus irmãos, Maurílio, Marcilio, Mônica, Márcia, Mirene, Mirieth, Maiana, Márcio, Mauro, Romário e Maura Beatriz (in memoriam) por serem o que são.

Ao Professor José Ribamar Furtado de Souza, meu estimado orientador, pela coragem de ser o que é, pelo amor demonstrado ao que pesquisamos e vivemos.

Às professoras Sandra Maria Gadelha de Carvalho e Celecina de Maria Veras Sales, pela colaboração no projeto que antecedeu estes estudos e pela Elisângela André da Silva Costa na avaliação do mesmo.

À Escola Família Agrícola Dom Fragoso, por ter me acolhido em seus espaços e pela gentileza prestada nas informações necessárias à construção dessa pesquisa.

Às famílias da comunidade de Santa Luzia, aos egressos que de forma brava e resistente caminhar na contramão do que é posto nesta sociedade ambulante, por ter me ajudado a compreender mais ainda o imenso valor das coisas que verdadeiramente é sinônimo de vida.

Aos meus companheiros de caminhada na pesquisa da UFC, em especial à Giselle, onde procuramos desbravar caminhos de esperança que só existe na Educação do Campo.

À minha primeira e já querida Paróquia de Senador Sá, pelo povo bom e paciente com todas as suas capelas.

À Diocese de Sobral.

Era a gente aprendendo alguma coisa que ele trazia de lá pra cá e eles aprendendo com nós levando pra lá. (Seu Alfredo, agricultor e pai de egresso).

RESUMO

A presente pesquisa versa sobre a relação da Escola Família Agrícola Dom Fragoso e a contribuição de sua prática pedagógica para as famílias dos egressos (as) em seus relacionamentos familiares. A referida instituição adota como metodologia de ensino a Pedagogia da Alternância, prática pedagógica que tem como proposta oferecer aos seus educandos (as) uma educação contextualizada, oportunizando aos jovens do campo uma formação integral e humanizadora. O referido estudo busca compreender como a alternância dos espaços pedagógicos e a prática pedagógica favoreceu a mudança na convivência familiar dos egressos. Diante dos desafios da relação escola e família e de uma educação que contemple em suas identidades os povos do campo. Verificamos na EFA Dom Fragoso uma prática pedagógica que alcança essa perspectiva. Conhecer o Projeto Político da Escola, estudar sua prática pedagógica e conhecer as relações familiares dos egressos alçamos como objetivos neste estudo. O arcabouço teórico utilizado na fundamentação dos conceitos propostos foram Gimonet (2007), Begnami(2004), Caldart(2005), Arroyo(2003), Mattos(2011), Freire(2005), Freire(1983). Obteve-se também respaldo nos seguintes documentos; Leis de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2010), os Marcos Normativos da Educação do Campo (2012), Projeto Político Pedagógico da Escola – PPP e o Regimento da Escola. Utilizou-se da abordagem qualitativa fazendo-se uso da estratégia de história de vida, pois foi debruçado em fenômenos já ocorridos. Em relação aos instrumentos metodológicos para coletânea de dados primários utilizou-se o recurso de entrevistas semiestruturadas, reuniões informais e observação participante. A pesquisa de campo foi realizada na comunidade de Santa Luzia com as famílias dos egressos que lá residem, por ser uma comunidade com maior número de egressos da Escola. A pesquisa revelou um processo de mudança na família dos educandos (as) em seus relacionamentos. A prática da escola em alternar os espaços pedagógicos leva a uma convivência no diálogo dentro de uma educação contextualizada. A referida prática apresentou – se como uma prática educativa humanizadora, em todo os contextos da vida dos educandos/as.

Palavras-chave: EFA Dom Fragoso; Pedagogia da Alternância; Família.

ABSTRACT

This research focuses on the relationship between the family agricultural school Dom Fragoso and the contribution of its pedagogical practice to the families of graduates in their family relationships. The aforementioned institution adopts as teaching methodology the pedagogy of alternation, a pedagogical practice that proposes to offer its students a contextualized education, providing opportunities for the young people of the field to have integral and humanizing formation. This study seeks to understand how the alternation of pedagogical spaces and the pedagogical practice favored the change in the family coexistence of the graduates. Faced with the challenges of the relationship between school and family and an education that contemplates in their identities the peoples of the countryside, we verified at EFA Dom Fragoso A pedagogical practice that achieves this perspective. To know the political project of the school, to study its pedagogical practice and to know the family relationships of the graduates we aim as objectives in this study. The theoretical framework used in the reasoning of the proposed concepts were Gimonet (2007), Begnami (2004), Caldart (2005), Arroyo (2003), Mattos (2011), Freire (2005), Freire (1983). The following documents were also obtained; Laws of national Curriculum Guidelines for Basic Education (2010), the normative Milestones of Field education (2012), the school's Pedagogical political project – PPP and the school's rules of procedure. The qualitative approach was used to use the life history strategy, because it was discussed in phenomena already occurring. In relation to the methodological instruments for the collection of primary data, the use of semi-structured interviews, informal meetings and participant observation was used. The field research was conducted in the community of Santa Luzia with the families of the graduates who reside there, because it is a community with the highest number of graduates from the school. The research revealed a process of change in the family of learners in their relationships. The practice of the school in alternating the pedagogical spaces leads to a coexistence in the dialogue within a contextualized education. This practice has presented itself as a humanizing educative practice, in all contexts of the life of the students.

Keywords: EFA Dom Fragoso; Pedagogy of alternation; Family.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do município de Independência.	33
Figura 2 – Fachada da escola.....	50
Figura 3 – Quintal produtivo de uma família de um egresso.....	51
Figura 4 - Canteiro de legumes na escola.....	52
Gráfico 1 – O alternante como sujeito	55
Figura 5 – Capela da comunidade de Santa Luzia	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categoria: Família	61
Quadro 2 – Categoria: Prática Pedagógica.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASA	Articulação no Semiárido Brasileiro
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
CEB	Câmara de Educação Básica
CDC	Cáritas Diocesanas de Crateús
CFR	Casas Familiares Rurais
CEFFA	Centro Familiar de Formação por Alternância
CPCs	Centros Populares de Cultura
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
CNE	Conselho Nacional de Educação
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EMATERCE	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará
EFAs	Escolas Famílias Agrícolas
FETRAECE	Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura do Estado do Ceará
IOCS	Inspetoria de Obras Contra as Secas
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
IDEF	Instituto de Desenvolvimento da Economia Familiar
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MEB	Movimento de Educação de Base
MFRs	Maison Familiare Rurale
MST	Movimento dos Sem Terra
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
ONGs	Organizações Não Governamentais
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PRONAF	Programa Nacional de Agricultura Familiar
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PDHC	Projeto Dom Helder Câmara
RESAB	Rede de Educação do Semiárido Brasileiro

SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SEDUC	Secretaria de Educação do Estado do Ceará
DAS	Secretaria do Desenvolvimento Agrário
STTR	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNEFAB	União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 O PERCURSO PARA A DESCOBERTA: A BUSCA DOS ACHADOS	23
2.1. Os procedimentos metodológicos da pesquisa.....	23
2.2 A pesquisa de campo e o campo de pesquisa: Aproximando da realidade.....	28
2.3. Situando o contexto.....	31
2.4 Situando os sujeitos.....	34
3 EDUCAÇÃO DO CAMPO E O CONTEXTO DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....	37
3.1 Breve itinerário histórico no contexto da Educação do Campo	37
3.2 A família camponesa.....	41
3.3 Escola Família Agrícola: A escola na família e a família na escola, a alternância como caminho pedagógico	42
3.4 O papel da Igreja e das Comunidades Eclesiais de Base	46
3.5 A EFA Dom Fragoso: A escola no sertão e o sertão na escola	49
3.6 Instrumentos Metodológicos da Alternância da Escola Dom Fragoso.....	56
4 A SALA DE AULA E O QUINTAL DE CASA COMO ESPAÇOS PEDAGÓGICOS COMPLEMENTARES NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA.....	59
4.1 O diálogo com as famílias: os dizeres em suas falas.....	60
4.2 Apreciação do que foi achado: Convivência e Diálogo	69
4.3 Educação Contextualizada e Educação Humanizadora.....	75
4.4 Consciência ambiental e Valores religiosos.	78
5 A SEMENTE DA ESCOLA E A TERRA DO QUINTAL: A RECONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES, CONCLUINDO A PESQUISA	83

REFERÊNCIAS.....	89
ANEXO A - MAPA DE ATUAÇÃO DA EFA DOM FRAGOSO EM 2019..	92
ANEXO B - MAPA DO SERTÃO DOS INHAMUNS/ CEARÁ.....	93
ANEXO C - MATRIZ CURRICULAR - CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO HABILITAÇÃO EM AGROPECUÁRIA – EM REGIME DE ALTERNÂNCIA.....	94
ANEXO D - OBSERVAÇÕES SOBRE O CURRÍCULO	95
ANEXO E - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA DO PROCESSO SELETIVO PARA 2019	96
ANEXOS F - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADAS – FAMÍLIAS E EGRESSOS	97
ANEXOS G - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – MEMBROS DA ESCOLA	98
APÊNDICE I – QUADROS DE ANÁLISE UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC FACULDADE DE EDUCAÇÃO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.....	99

1 INTRODUÇÃO

O quintal de uma casa para uma família do campo é extensão de sua própria vida. O manejo da terra no quintal de casa é uma das formas mais antigas que os agricultores e agricultoras do campo utilizavam para desenvolver suas atividades agrícolas, sobretudo aquelas famílias que não dispunha de grandes propriedades de terra. Como o acesso à terra e água era, e ainda se apresenta como privilégios de poucos, era preciso usar o pouco espaço de terra que tinham para fazer seus manejos. Assim, é neste espaço que a família se vê como foi, é e será.

Assim como a terra, é imprescindível a importância da presença da semente para vida humana, Vidal e Vidal (1999) argumentam que a semente é um óvulo desenvolvido depois do processo de fecundação para se constituir o embrião. A semente para o plantio também simboliza para o homem e a mulher do campo sua própria vida e sobretudo para sua sobrevivência. É da semente que germina na terra que está a vida que brota para sua família, ou seja, o seu sustento.

Toda semente em sua aparência é vista como um grão desprovido de sinais vitais, o semiárido também por séculos, e ainda hoje é tido como um lugar ermo e sem vida. Do semear, do cuidar da terra que é plantada a semente, da esperança da chuva que cai no chão fazendo germinar não só o fruto da semente, nasce também a alegria de que daquele chão pode sim nascer a vida. A relação que o homem e a mulher do campo têm com a semente e com a terra é uma relação que ultrapassa a concepção de exploração e o uso da terra como mercadoria defendida pelo agronegócio. Dessa relação da semente plantada na terra e do seu cuidado é que germinará os frutos que serão colhidos para a vida daqueles e daquelas que são os mais dignos de saboreá-los no quintal de suas casas.

Assim, transponho essas duas realidades muito significativas para os povos do campo para aquilo que irei elucidar neste trabalho de pesquisa. A educação contextualizada plantada no chão da escola como semente, e os frutos colhidos no quintal das famílias dos egressos da Escola Dom Frágoso, na perspectiva de uma educação humanizadora é o que irei trazer a lume neste estudo.

Nas últimas décadas, foram estabelecidas discursões sobre a Educação do Campo que foram impulsionadas, sobretudo, pelos movimentos sociais. A Educação do Campo estabelece uma relação direta com os sujeitos do campo e seu contexto, é uma educação que contempla suas identidades, que busca a partir do seu meio um saber que o faça o descobrir maneiras de conviver em seu próprio território. A negação de uma educação contextualizada para os povos do campo trouxe sérias consequências para as famílias do campo e, por

consequente, também para as cidades. Desertificando os territórios do campo e superlotando as cidades. A Pedagogia da Alternância é um modelo pedagógico que contempla os anseios por uma educação que se volta para os povos do campo, trata-se de uma prática pedagógica que alterna os espaços de aprendizagem e contextualiza o saber científico com os saberes do campo.

As questões do campo e sua gente sempre foram uma das minhas paixões e inspirações. Os povos do campo; seus saberes e os seus valores me lançam numa renovada esperança de acreditar numa sociedade mais justa e humana. Além de minhas raízes serem de famílias de agricultores, sou um ativista pelas questões ambientais e sociais. Em minha trajetória como religioso, engajei-me, desde terna idade, nos movimentos sociais de base, grupos da Pastoral da Juventude Rural - PJR, Pastoral da Juventude do Meio Popular - PJMP, bem como nos movimentos das Comunidades Eclesiais de Base – CEB's.

Por anos também assumi o magistério e assumindo, lecionando nos ensinamentos fundamental e médio. Também trabalhei em gestões escolares e formações de professores. Sempre busquei conduzir, em minhas ações, o engajamento por um mundo pautado na solidariedade. Nos trabalhos eclesiais nas comunidades onde trabalhei procurei o engajamento dos agricultores e agricultoras e dos jovens do campo trabalhando junto a entidades como as Cáritas Brasileira¹ que fomenta a formação das comunidades organizadas e as organiza

Quando presidi essa importante instituição da Igreja Católica na Diocese de Sobral, pude, então, colaborar com as famílias a buscar alternativas de renda no próprio ambiente do semiárido que estão inseridos, tendo uma formação contextualizada, buscando meios de sobrevivência na perspectiva do desenvolvimento sustentável do homem e da mulher do campo. Nas Cáritas Brasileiras, pude igualmente colaborar com jovens sedentos de entender seu próprio ambiente e de ser filhos (as) de agricultores fincados no semiárido.

Diante da notória dificuldade e do pouco investimento em que se encontram nossas escolas, agravado nas comunidades da zona rural, busco ser um militante da causa por uma escola que contextualiza a realidade dos jovens, e que estabeleçam com suas respectivas famílias, verdadeiras relações de comprometimento na busca de uma educação humanizada. Somente assim construiremos uma escola que, de fato, ofereça aos jovens camponeses uma justa oportunidade para as vivências de suas identidades.

¹ As Cáritas Brasileiras é uma Instituição da Igreja Católica fundada em novembro de 1956. Trabalha junto as comunidades de base, sobretudo comunidades camponesas. Organizando essas comunidades; é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário.

Em minha trajetória também pautei minha vida como educador, fui professor de escola pública, passando pela gestão das escolas e técnico educacional em secretarias de educação. Sustento a convicção de que não existe um outro caminho fora da educação para a emancipação do sujeito-cidadão e, por isso, minha dedicação. Enveredei no campo da pesquisa na educação e nas questões ambientais, fiz uma especialização em Gestão e Educação Ambiental (com uma pesquisa sobre a contribuição de uma Escola Família Agrícola em Caiçara, Distrito do município de Cruz) e em Gestão e Coordenação Pedagógica (com pesquisa sobre a gestão da EFA Dom Fragoso), ambas pesquisas pelo Instituto Vale do Acaraú. Estas pesquisas foram realizadas no intuito de fortalecer o embasamento teórico do presente estudo.

Enveredar pelo caminho da pesquisa sempre nos traz grandes descobertas e nos projeta cada vez mais para a busca daquilo que se quer conhecer e o que é ainda objeto de análise e verificação. A Educação do Campo, além de uma paixão, é objeto de minha ocupação não só como acadêmico, mas também no meu cotidiano.

Trabalhar junto às comunidades rurais, não só sendo um obstinado pesquisador, mas adentrar nas vivências do homem e da mulher do campo sempre foi meu impulso e alegria, pois vejo nas comunidades rurais a esperança de que um “outro mundo é possível”.

A investigação que me impulsionou a fazer, partiu de uma experiência vivida na comunidade de Caiçara, município de Cruz/CE. Cheguei à comunidade em 2011 para residir como sacerdote e conduzir os trabalhos pastorais, como também sou educador, interessei-me por pesquisar suas histórias e experiências neste campo. A referida comunidade possuía uma Escola Família Agrícola em regime de alternância que tinha sido desativada por falta de recursos e estruturas adequadas para aplicar a metodologia, uma vez que a instituição estava locada na casa paroquial da comunidade e inviabilizava o andamento pedagógico da mesma, e também por falta recursos humanos, pois a experiência no modelo de alternância ainda era novidade na época.

A partir da associação da comunidade (também desativada), que deu suporte para a escola, iniciamos um trabalho de resgate desta, convocando todos os envolvidos e toda a comunidade para iniciarmos um trabalho no intuito de reativar a associação e, conseqüentemente, a escola. A primeira iniciativa foi detectar as famílias que tivessem interesse de encaminhar seus filhos para estudar na Escola Dom Fragoso² no município de

² Escola Família Agrícola Dom Fragoso é uma escola que fica situada na comunidade de Santa Cruz Zona rural do município de Independência. Fundada em 2001 e credenciada pelo Parecer: 0712/2012 D.O.E - 15.03.2012. Em 2019 foi matriculado 86 educandos/as em regime de alternância.

Independência, escola de referência no modelo da alternância. Entramos em contato com a escola que, prontamente, nos deu suporte para sua reativação.

A Escola Dom Fragoso, com seu corpo de gestores, fez várias visitas à comunidade e ofereceu duas vagas para os jovens interessados em fazer a experiência e, assim, depois de criteriosa análise, foram enviados dois jovens da comunidade.

A partir das famílias destes jovens que foram enviados, percebi uma mudança significativa no cotidiano das mesmas, após a passagem de seus filhos pela escola. A mãe de um deles me relatou a mudança de seu filho nos trabalhos de casa, no comportamento, nas relações afetivas com eles, os pais e os irmãos. Foi percebido também que os jovens passaram a serem mais presentes na comunidade. Foi neste contexto da família dos jovens que passaram pela Escola Dom Fragoso que despertou em mim uma inquietação e o desejo de pesquisar as contribuições da prática pedagógica da Escola Dom Fragoso para as famílias dos egressos.

O presente estudo busca compreender as contribuições da prática pedagógica da EFA Dom Fragoso e seu projeto formativo nas relações familiares de seus egressos, tendo como modelo de ensino e aprendizagem a metodologia da alternância dos espaços pedagógicos, sendo a família o espaço catalizador dos resultados.

A educação contextualizada se apresenta, ainda, como um grande desafio para a questão dos povos do semiárido. Os jovens de comunidades rurais, em sua grande maioria, se veem obrigados a buscar nos grandes centros urbanos melhores condições de vida e, também, de aprendizagem, realidade também observada na comunidade onde fiz esta pesquisa. Logo, os jovens deixam suas famílias e comunidades em direção às grandes cidades em busca de trabalho, quase sempre sem qualificação, ficando sujeitos aos exploradores e detentores do mercado de trabalho. Este êxodo observado a décadas em nosso país, traz fortes consequências para as famílias do campo, sobretudo no que tange aos relacionamentos afetivos. Pais e mães obrigado a viver com a ausência de seus filhos e filhas, tendo que suportar as auguras dos seus destinos nas grandes metrópoles.

A educação ao longo das últimas décadas passa por profundas e significativas mudanças. Novas metodologias, rumos e posturas educacionais vêm sendo experimentados, no intuito de despertar no aluno o gosto pelo saber. Os grandes centros urbanos estão cada vez mais sobrecarregados de ofertas na área da educação, o que desemboca, muitas vezes, em uma comercialização desta e, conseqüentemente, compromete a qualidade da oferta. A massificação e a negação das diferenças também são tidas como grandes desafios da educação brasileira nos últimos anos.

Na educação para os povos camponeses, observa-se ainda uma problemática bastante significativa que é a evasão escolar, tendo como fator determinante o distanciamento do contexto do campo imposto aos estudantes pela política educacional oficial. Os procedimentos pedagógicos próprios da zona urbana, a inadequação dos materiais didáticos, a ausência de formação dos professores/as que compromete a qualidade do ensino, a falta de estrutura e as condições sociais próprias do campo são causas preocupantes na realidade educacional de pequenas comunidades rurais.

Diante deste quadro que não deixa de ser desolador para as famílias do campo, é mister que se procure a implementação de uma prática educacional que insira, de fato, o jovem em sua realidade. É urgente que se encontrem metodologias que o capacite a apreender e compreender sua identidade e, por conseguinte, permanecer em seu ambiente camponês sem perda educacional e desenvolvendo uma convivência sadia e que estimule o seu crescimento de forma integral no meio no qual nasceu.

Dentro do contexto de uma nova ordem do campo no que concerne à educação, surge um novo modelo que vem atender à demanda e às perspectivas próprias do ambiente camponês: as Escolas Família Agrícolas (EFA). A EFA é uma versão brasileira de uma experiência de escola e, conseqüentemente, configurou-se como uma prática pedagógica iniciada no sudoeste da França em 1935, no povoado de *Sérignac-Péboudou*, comunidade rural francesa na região administrativa da Nova Aquitânia, no departamento *Lot-et-Garonne*. Nosela (1977) nos relata que esta prática pedagógica deu seus primeiros passos aplicada numa experiência chamada de "Casa Familiar Rural" (*Maison Familial e Rurale*).

O líder religioso desta pequena comunidade rural francesa resolve, juntamente com alguns agricultores, iniciar uma experiência de educação utilizando os espaços da vida dos estudantes como ambiente escolar, por isso os alunos internos ficavam quinze dias na casa paroquial da comunidade e quinze dias na família e na comunidade, buscando aplicar o que aprenderam no internato, alternando o espaço e o tempo na absorção dos conteúdos e sua aplicação.

Esta modalidade teve esse embrião a partir de um jovem filho de agricultor que se desencantou com a escola que ora frequentava e não a oferecia atrativo próprio em sua condição como agricultor, decidindo, então, deixá-la e se dedicar somente às atividades agrícolas. A família preocupada com a decisão do filho em deixar a escola resolve procurar o vigário da comunidade e buscar uma solução que revertesse a decisão do então adolescente que queria permanecer em sua comunidade, não deixando sua condição de agricultor. A proposta do religioso de educar o garoto se estendeu para outras famílias da comunidade que começaram a

aventurar-se nessa jornada alternada de ensino, criando, assim, um novo modelo pedagógico de ensino para os jovens do campo, a chamada Pedagogia da Alternância.

Minha inquietação nesta pesquisa é exatamente elucidar esta proposta de educação para os sujeitos do campo, ou seja, como essa prática pedagógica contribui para as relações familiares. A questão da convivência na família, questões afetivas e o diálogo, bem como a própria identidade da família camponesa foram minhas buscas de compreensão dentro do contexto da alternância. Como as famílias envolvidas no processo pedagógico podem contar com uma escola que atenda seus anseios por uma escola contextualizada e humanizadora, foi minha dedicação neste estudo.

A EFA, que adota a Pedagogia da Alternância, é uma escola com projeto político e educacional de desenvolvimento sustentável com educação diferenciada das escolas convencionais. Esta metodologia pedagógica busca formar filhos e filhas de agricultores e agricultoras para encontrar alternativas adequadas para conviver com o semiárido/campo e tirar dele seu sustento, tanto para o jovem, como também para sua família.

Esta modalidade de ensino pela alternância configura-se como um modelo de educação contextualizada para formar o jovem do campo, sendo uma alternativa de ensino que conscientiza e que quer ser conscientizadora. Historicamente percebeu-se que os modelos de educação para os povos do campo implementado pelas Políticas Públicas oficiais não contemplam, a contento, esse anseio, de ser uma educação conscientizadora. A Alternância é uma prática educativa que é considerada como um método que articula a formação participativa de jovens e sua interação com a família e sua comunidade. Portanto, esse método tem intuito de educar o/a jovem camponêsino/a, enquanto sujeitos de direitos e deveres e orientando para serem jovens cidadãos protagonistas de um processo de transformação social.

Por conseguinte, o presente estudo buscou evidenciar as contribuições desta prática pedagógica para as famílias dos egressos. A nossa inquietação, desde já, é com a passagem do estudante/filho na escola: como se deu o retorno ao convívio familiar? De que forma a alternância dos espaços escolares se interligam? Com a presença da escola em casa, que situações favoráveis ou desfavoráveis surgiram no comportamento do estudante/filho? Essas e outras são as inquietações que busquei elucidar nesta pesquisa.

Portanto, verificar como são utilizadas as práticas educacionais da Pedagogia da Alternância e analisar os processos socioambientais com a implantação de uma prática pedagógica voltada totalmente para campo, bem como identificar as mudanças processadas a partir da implantação dessa prática na família do egresso são os objetivos deste estudo.

Os sujeitos da pesquisa foram famílias dos egressos da Escola Dom Fragoso, bem como os próprios egressos. São famílias da comunidade de Santa Luzia, fincada no semiárido do Ceará região dos Inhamuns. Esta comunidade foi escolhida por mim devido possuir um significativo número de egressos da escola e que permanecem em suas famílias na comunidade. Dois monitores da escola e dois de seus idealizadores deram também suas contribuições para esta investigação.

Diante do exposto, foi verificado as contribuições desta promissora e ainda pouco divulgada prática de ensino para famílias dos educandos (as) que passaram pela Escola Dom Fragoso no que se refere a contribuição direta nos relacionamentos familiares.

Identificamos a eficácia dos instrumentos pedagógicos para o desenvolvimento nas relações familiares e socioambiental dos alunos egressos, a partir da investigação de suas trajetórias, a fim de perceber as contribuições da metodologia aplicada pela escola, além de vermos a adequação das práticas observadas e suas contribuições socioambientais no cotidiano das famílias dos alunos/filhos (as) egressos.

A partir dos sujeitos tomei como caminho metodológico relatos da história de vida, pois detive-me em fenômenos já ocorridos, tendo como referência a pesquisa com abordagem qualitativa, descritiva e explicativa, dentro de uma concepção do materialismo histórico, pois dei voz aos sujeitos. Neste estudo, adotei o estudo de caso como opção metodológica, posto que esse delineamento possibilita descrever e compreender, com profundidade, o fenômeno proposto. Assim, a pesquisa procura abranger todos os envolvidos na implantação dessa instituição escolar com foco nas famílias dos egressos.

Foi trabalhado para a coletânea de dados com dados primários e secundários; sendo entrevista semiestruturadas, observação participativa e visitas domiciliares nos dados primários e os documentos da escola como Regimento da escola, Projeto Político Pedagógico e atas de reuniões e encontros com as famílias como dados secundários.

No que concerne as tendências teóricas pautamos nossa pesquisa dentro das concepções freirianas, posto que é o educador que busca uma educação que é compreendida como um processo de conscientização. Freire salienta que o ato de aprender só tem sentido quando envolve o educando no compromisso de transformar sua realidade. Para ele a melhor maneira de refletir é pensar a prática e retornar a ela para transformá-la, ou seja, pensar o concreto e não pensar os pensamentos (FREIRE, 1997). Em sua concepção traz o educador e o educando dentro do processo de mútua aprendizagem, ensina e aprendem ao mesmo, tudo isso mediado pelo mundo. Portanto, a formação autêntica promove a autonomia e dialogicidade.

Busquei também para melhor compreensão centrar o estudo dentro dos princípios que embasam a Educação Popular na abordagem da Pedagogia da Alternância.

Além de Freire foi utilizado como arcabouço teórico, as fundamentações dos autores franceses, Gimonet (2007) e Pineau (2000), tidos como maiores expoentes da Pedagogia da Alternância, além de teóricos brasileiros e, ainda, os estudiosos da Prática Pedagógica e familiar.

O itinerário deste trabalho está composto por cinco capítulos e seus tópicos que buscam melhor compreender o assunto proposto. No primeiro capítulo, discorro sobre os percursos metodológicos que foi traçado para busca da compreensão do que foi proposto neste estudo, método, as técnicas e os procedimentos da pesquisa. Os procedimentos metodológicos aqui locados inicialmente, mostra os caminhos que percorri para a busca dos meus dados em buscar de responder o problema da pesquisa. Temos também os métodos que utilizei na pesquisa tendo como instrumento primeiro a questão de história de vida, numa abordagem qualitativa. Para me aproximar da realidade da pesquisa e seus sujeitos enfatizo a pesquisa de campo neste capítulo. Situo também a questão do contexto da pesquisa bem como os sujeitos e a caracterização dos mesmos.

No segundo capítulo foi abordado a questão da Educação do Campo passando pela contextualização histórica bem como seus desafios atuais. Nos tópicos deste capítulo foi feito um breve histórico das EFA's salientando como surgiu o modelo da Pedagogia da Alternância até sua chegada no Brasil e o papel da Igreja e seus setores neste processo pedagógico. A questão da família campesina foi abordada, enfatizando suas características, sua identidade, suas potencialidades e desafios. Foi posto também uma breve história da EFA Dom Frágoso desde sua idealização até os dias atuais, contemplando também os instrumentos pedagógicos da escola.

No terceiro capítulo, vou abordar a realidade geográfica do *lôcus* da pesquisa, dando ênfase ao semiárido cearense, mas dentro de uma perspectiva de valorização desse aspecto geográfico de que é possível produzir mesmo diante de um ambiente que causa grandes desafios, olhando não como uma terra sem vida, mas como uma terra de possibilidades e que pode gerar vida e resistência. Olhar a questão da seca não como desastre natural, pois vista dessa forma se quer combatê-la, a seca enquanto um fenômeno natural é necessário aprender a conviver com ela. A escola em sua prática se propõe a fazer com o educando (a) aprenda a conviver com ela buscando tecnologias tendo o próprio meio como laboratório. E, por fim, vamos salientar a comunidade de Santa Luzia que é a comunidade que possui o maior número de egresso e que visivelmente vemos as mudanças causadas nas famílias da comunidade,

sobretudo nos quintais dessas famílias. Neste capítulo, apresento a referida escola da pesquisa evidenciando também a questão de sua prática pedagógica, enfatizando a Pedagogia da Alternância, sua história, metodologia de ensino e sua contribuição direta nas famílias dos educandos (as).

No quarto capítulo, faço análise dos dados, ou seja, o que encontrei de concreto na minha pesquisa. A partir dos relatos que colhi na pesquisa de campo com as entrevistas, saliento a contribuição da prática pedagógica da Escola Dom Fragoso nas relações das famílias dos egressos. As categorias de análise que surgiram no desenvolvimento da pesquisa como a educação contextualizada, educação humanizadora, convivência, o diálogo, consciência ambiental e valores religiosos serão refletidas em tópicos.

No último capítulo, faço arremate geral da pesquisa e sua importância para o registro de uma metodologia pedagógica que de fato cumpre com sua real missão. É posto nesta pesquisa uma educação que quer formar as novas gerações buscando não só a questão da sobrevivência em si movidos aos moldes do sistema em vigor hoje, mas sobretudo ver cada educando que quer aprender mediado pelo seu espaço, como salienta Paulo Freire dialogando com sua realidade. Solidificando sua contribuição para família, dentro do contexto de suas relações.

2 O PERCURSO PARA A DESCOBERTA: A BUSCA DOS ACHADOS

Os caminhos percorridos no decorrer de todas as etapas desta pesquisa encontram-se neste capítulo. Assim proponho-me a descrever a metodologia usada, bem como os instrumentos utilizados para melhor compreensão das indagações que foram feitas para a proposta desta pesquisa nos seus desdobramentos a partir da questão central, a saber; quais as contribuições da prática pedagógica da EFA Dom Fragoso para as famílias dos egressos em suas relações.

Como caminho metodológico, optou-se pela abordagem da pesquisa qualitativa, do tipo descritiva e explicativa, trabalhando dentro de uma perspectiva do materialismo histórico dialético, tendo como técnica de pesquisa o estudo de caso.

2.1. Os procedimentos metodológicos da pesquisa

Enveredar pelo caminho da pesquisa é buscar direções de compreensão e apreensão daquilo que se está investigando. Meu caminho partiu de uma inquietação e curiosidade. Cervo

e Bervian (2002) nos mostram que, no encadeamento da pesquisa, é necessário que a pergunta seja clara, objetiva e precisa, e o resultado seja viável. Assim, pontua que a construção clara do problema seja não só fruto de uma revisão de literatura, mas também de uma reflexão pessoal.

Alguns questionamentos me inquietavam sobre a prática pedagógica da Escola Dom Fragoso, como por exemplo: como uma escola que alterna os espaços pedagógicos na escola e na família consegue transformar a trajetória do jovem do campo? Como pode modificar suas relações familiares? Como uma escola, fincada no ambiente tão “desolador” que é o sertão do semiárido, pode chegar a resultados tão surpreendentes? A partir destes questionamentos e de um contexto de desesperança e desolação que historicamente configurou-se a Educação do Campo e a necessidade de investigar experiências exitosas no enfrentamento de tal problemática, que decidi-me aventurar nesta pesquisa.

Assim, emergiu a proposta de pesquisar um modelo de educação implantado por uma escola do campo que tem como princípio pedagógico a alternância dos espaços pedagógicos de ensino, entendendo como essa prática contribui para as famílias dos egressos.

Para Minayo (2009), aquele que busca investigar e desenvolver estudos no campo da pesquisa social tem como objeto de investigação o ser humano em seus diferentes contextos, seja qual for o problema de pesquisa proposto. Busquei, portanto, elucidar as contribuições para as famílias que tiveram seus filhos formados no modelo de alternância, ou seja, os alunos egressos da EFA Dom Fragoso.

Pesquisar a prática pedagógica aplicada nesta escola me fez optar por algumas escolhas, ou seja, escolha do caminho que foi utilizado para o seu encaminhamento, bem como a maneira como chegar a estabelecer a relação com os sujeitos da pesquisa, além dos conceitos a serem abordados e procedimentos de organização e análise dos dados.

Para viabilizar a coleta e análise dos dados, dentro da investigação desta pesquisa, e tendo em vista a identificação da contribuição da proposta educacional adotada pela EFA Dom Fragoso, foi delineado a pesquisa dentro de uma abordagem qualitativa. Esta abordagem nos lança, segundo Minayo (2009), a um universo de motivações, significados, aspirações, crenças, atitudes e valores, ou seja, buscar melhor compreender as experiências humanas isso nos leva a aprofundar esse fenômeno social que detectamos na escola. Portanto, trabalhamos com a subjetividade dos envolvidos.

Creswel (2007) nos transporta para o entendimento que, na abordagem qualitativa, o ambiente natural é a fonte direta, por excelência, para a coletânea de dados, sendo esses eminentemente descritivos. Neste contexto, o pesquisador é um instrumento de muita relevância. O referido autor enfatiza também que a preocupação com o processo deve ser bem

maior do que com o próprio resultado do produto, ou seja, para ele, o foco do pesquisador deve ser a verificação como se manifesta nas atividades, no cotidiano e na interação entre os sujeitos. Romanelli (1998, p. 128) nos chama atenção para esse mesmo intento quando diz:

A subjetividade, elemento constitutivo da alteridade presente na relação entre sujeitos, não pode ser expulsa, nem evitada, mas deve ser admitida e explicitada e, assim, controlada pelos recursos teóricos e metodológicos do pesquisador, vale dizer, da experiência que ele, lentamente, vai adquirindo no trabalho de campo.

O estudo foi sistematizado tendo como condução dentro de uma pesquisa investigativa de natureza descritiva e explicativa na perspectiva de seus objetivos. Em relação a ser descritiva pelo fato de ser fatos observados, analisados, bem como classificados, interpretados e registrados sem interferência de quem está pesquisando (PRODANOV; FREITAS, 2013). Explicativa porque teve como finalidade nos levar mais informações sobre o estudo investigado, viabilizando sua delimitação e proporcionando sua definição. Entendemos assim, que esta abordagem se coaduna de forma mais adequada para a natureza daquilo que pesquisamos como um fenômeno social.

A pesquisa teve como referência a concepção do materialismo histórico dialético, por entender que os sujeitos nos darão caminhos de compreensão daquilo que lhes é próprio: sua identidade e vivências. Este enfoque nos remete à realidade, à totalidade e, sobretudo, à dinâmica dos fenômenos que ora investigado e que, a priori, não serão definidos, mas construídos.

Para Frigotto (1991), o que deve ser considerar é a produção de um conhecimento crítico que modifique e transforme a realidade que a antecedeu, pois, o cerne da reflexão teórica é uma ação para transformar. Portanto, este enfoque metodológico se apresentou como o mais apropriado e que contribuiu para o encadeamento da pesquisa neste campo de investigação. Assim também pontua Lakatos e Marconi:

Assim, o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época (LAKATOS, MARCONI, 1991, p. 106).

Recorreu – se como técnica metodológica no intuito de chegar aos objetivos propostos foi o estudo de caso, pois ele é o que se apresenta melhor na compressão do fenômeno estudado no que tange o caso específico da Escola Dom Frágoso, pois, conforme Yin (2005,

p. 32), é “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

A unidade de pesquisa trabalhada foi a Escola Dom Frágoso, tendo como base para a coleta dos dados primários a comunidade de Santa Luzia, comunidade que fica a 48km da sede do município de Independência. Optou-se pela comunidade como coleta dos dados primários porque, possui o maior número de famílias que tiveram seus filhos estudando na escola. Ao chegar na comunidade deparei-me com uma visível diferença das famílias dos egressos com as demais famílias, sobretudo por possuírem um quintal produtivo em suas casas. Percebeu-se também as contribuições dos egressos na própria comunidade, pois são jovens que atuam, participam ativamente na comunidade. Optando pela comunidade de Santa Luzia, nos daria melhor compreensão das contribuições da escola para as famílias e para a própria comunidade.

Para a definição e a identificação das famílias que foram sujeitos da pesquisa procurei a coordenação da escola que nos remeteu dados dos egressos, suas localizações e ocupações atuais. Esses dados levantados na pesquisa, os dados primários, nos permitiram clarificar a investigação diante de todo o contexto que foi pesquisado sobre as contribuições da prática pedagógica da Escola Dom Frágoso para as famílias de seus egressos.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará – UFC para a coleta dos dados no campo de pesquisa, aguardando o parecer para sua efetivação. Neste ínterim, dediquei-me a buscar literaturas que fundamentasse as categorias que foi selecionado para o desenvolvimento da pesquisa, sobretudo as categorias, Pedagogia da Alternância e família camponesa. Portanto, foram três meses esperando a aprovação para ir para o campo.

Diante da liberação, comecei os primeiros contatos com as famílias da comunidade de Santa Luzia, ou seja, conhecer cotidiano das famílias dos egressos.

Ainda no que tange aos sujeitos da pesquisa utilizei como critério famílias de egressos que tinham pelo menos um ano de conclusão do curso, totalizando cinco famílias. Levei em conta suas trajetórias até chegar na EFA Dom Frágoso e o atual estado no que toca suas ocupações. Organizei em três categorias de sujeitos; família, egressos e membros da escola. Na categoria família, foram entrevistados pai e mãe, na categoria egressos, os próprios egressos levando em conta homens e mulheres e na categoria membros da escola dois monitores e dois idealizadores da escola desde sua fundação. Totalizando, portanto, vinte sujeitos.

Os instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa foram a entrevista semiestruturada, reuniões informais, visitas domiciliares, observação participativa em sala de aula, procurei também fazer caminhadas transversais no campo da escola acompanhando os trabalhos nas unidades didáticas. Na comunidade fiz também caminhadas transversais. Organizei meus dados e os analisei utilizando temas e categorias de análise recorrendo uma referência teórica da análise de conteúdo da Laurence Bardin (1977).

Diante da natureza que do foi elucidado e sua relevância para a Educação do Campo e levando em conta os sujeitos da pesquisa, a entrevista semiestruturada foi que nos deu melhores condições para a clarificação para os nossos objetivos. Para Bogdan e Biklen (1994),

Uma entrevista semiestruturada é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (BOGDAN e BIKLEN, p. 134).

A observação participativa como coleta de dados nos foi muito valiosa, em sala de aula e com as famílias. Para Lüdke e André (2018), a observação participativa é um dos instrumentos básicos numa investigação qualitativa. Este instrumento metodológico foi relevante para minha pesquisa porque nos remeteu obrigatoriamente a um contato direto com a realidade dos sujeitos da pesquisa.

Segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 132), “uma fonte rica para a construção de hipóteses é a observação que se realiza dos fatos ou da correlação existente entre eles. As hipóteses terão a função de comprovar (ou não) essas relações e explicá-las.”

Nas entrevistas utilizei para o registro dos dados o recurso de equipamentos de gravação de áudio, vídeo e fotografia (devidamente autorizado pelos sujeitos) que nos permitiu um maior aproveitamento das informações. Como consulta de registros em nossos dados secundários, foi analisado o Regimento da Escola, o Projeto Político Pedagógico e as atas de reuniões com as famílias.

De posse de todas as informações de nossa pesquisa e para atingir a compreensão de seus significados, detive-me na organização e análise desses dados, que de fato foi feito. Dentro da abordagem qualitativa, processamos os dados científicos tendo como referência a análise de conteúdo tendo como referência Laurence Bardin (1987) e Augusto Triviños (1987).

O referido estudo tem como foco norteador verificar na família as contribuições da prática pedagógica da escola. Buscar qualificar as vivências do sujeito, bem como suas percepções sobre determinado objeto e seus fenômenos (BARDIN, 1977).

Segundo Olabuenaga e Ispizúa (1989), ler e interpretar o conteúdo de forma adequada nos remete ao conhecimento de aspectos da vida social. Assim, o enfoque dialético é o que nos fornece melhores condições de análise, haja visto que podemos relacionar pontos convergentes, bem como os contraditórios, dos dados obtidos para chegarmos a uma síntese e delinear novas teorias de compressão do fenômeno pesquisado. Triviños (1987), dentro dessa referência da análise de conteúdo, nos reporta para uma visão mais ampla da pesquisa, pela qual o método dialético possibilita o seu aprofundamento.

Na proposta inicial da pesquisa foram estudadas como categoria conceitual; Prática Pedagógica e Família, no entanto com a organização do quadro das falas dos sujeitos e com base nas ideias centrais dessas falas foi identificado as categorias da análise, a saber; Educação contextualizada, convivência, diálogo e educação humanizadora, consciência ambiental e valores religiosos, confirmando assim com as categorias conceituais. Todas essas categorias foram fundamentais na construção desse estudo e elucidação das descobertas surgidas em vista da resposta para a questão central.

Esta pesquisa foi impulsionada no intento de buscar compreender as contribuições da prática pedagogia da Escola Dom Fragozo para as famílias dos educandos/as que passaram por ela. Uma prática pedagógica completamente voltada para o campo, onde, de fato, a família e a comunidade se apresentam como agentes e sujeitos de todo o processo pedagógico.

Com essa metodologia, procurei alcançar na medida de suas limitações compreender as contribuições desse fenômeno da Educação do Campo e disponibilizar para a comunidade acadêmica, os gestores de políticas públicas, os profissionais da educação e a sociedade em geral um registro das vivências e identidades resgatadas a partir dessa prática educativa em uma escola do campo.

2.2 A pesquisa de campo e o campo de pesquisa: Aproximando da realidade

Para este trabalho de pesquisa utilizei na coletânea de dados primários a entrevista semiestruturada e a observação participativa. Foram métodos que me deram melhores condição de aproximação da realidade que estava pesquisando. Lüdke e André (2018 p. 30) nos aponta para esta concepção onde nos diz que, “a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com fenômeno pesquisado, apresentando assim uma série de vantagens”.

Objetivando compreender a contribuição da escola para as famílias dos egressos, organizei-me em duas bases de pesquisa de campo, a escola Dom Fragoso e as famílias da comunidade de Santa Luzia.

Aproximando-me daquela realidade escolar pude constatar *in loco* o encadeamento pedagógico e seu direcionamento em sua dinâmica própria de ensino, que articula teoria e prática dentro de todo o contexto do jovem do campo. A Escola Dom Fragoso é uma escola que já conheço desde 2011. Ao enviar os jovens de Caiçara procurei fazer visitas constante para acompanhar os educandos da comunidade, tornando assim um espaço bastante familiar.

Na pesquisa de campo tendo como base as famílias fui a comunidade de Santa Luzia, comunidade que fica a 48km de distância da sede do município de Independência. Esta comunidade tem o maior número de egressos da escola e atualmente possui educandos/as. Escolhi cinco famílias desta comunidade usando como primeiro critério ter ao menos um ano de conclusão do curso.

Na escola para este estudo específico fiz duas visitas. A primeira ocorreu em novembro de 2018, passando dois dias na escola. Concentrei minhas observações na gestão pedagógica da escola, participei de uma reunião com os monitores e analisei os documentos da escola como o Projeto Político Pedagógico, o Regimento e atas das reuniões com as famílias.

Nesta visita constatei o envolvimento de todos no processo educativo, nas reuniões pautavam sempre o andamento dos educandos/as em suas famílias. Os monitores relatavam as visitas que foram feitas e os trabalhos desenvolvidos dos mesmos em suas comunidades. Observei também uma concepção democrática com que eram conduzidos os trabalhos na gestão, sendo compartilhados as ações da escola inclusive na manutenção da própria escola, os monitores assumiam campanhas de captação de recursos e socializavam as atividades corriqueiras da escola como limpeza e momentos lúdicos da sessão escolar. Concluí esta primeira visita com as entrevistas dos membros da escola, um monitor e uma monitora, o fundador e a cofundadora.

Na segunda visita ocorrida em dezembro de 2018 detive-me nas observações. Estive em sala de aula e acompanhando os educandos/as nas unidades produtivas/didáticas com caminhadas transversais. Em sala pude perceber as aulas sendo dinamizadas com a participação dos educandos/as, constantemente havendo intervenções por parte dos mesmos motivados pelo professor. Os conteúdos eram sempre contextualizados com as vivências dos educandos/as, direcionavam constantemente para concepções em relação à política e cidadania. Tive também a oportunidade de colaborar ministrando uma aula de filosofia a pedido da coordenação.

Nas unidades produtivas/didáticas os educandos/as dividiam-se em grupos por unidade, sempre a cada sessão escolar revezando esses grupos e acompanhados pelo um monitor. Nas unidades trabalhavam a questão da aprendizagem pela prática, através do manejo daquela unidade e a questão da produção que iam para o consumo da escola, como por exemplo para as refeições e a merenda escolar.

Antes das atividades corriqueiras logo pela manhã se encontram para um momento de música ou educação física, e a noite atividade de preparação e apresentação do sarau, como parte integrante do processo pedagógico.

Nestas visitas que fiz a escola observei uma realidade escolar bastante diferenciada, todos os seus espaços eram espaços de convivência e interação. Todos os envolvidos no ambiente escolar compartilhavam os momentos comuns como as refeições, as atividades de limpeza e os momentos de lazer. Todos espaços da escola são conduzidos como espaço pedagógico que direcionam para uma convivência que continua no outro espaço de convivência do educando/a que é a família, tido também pela escola como espaço pedagógico.

Na pesquisa de campo com as famílias fui a comunidade de Santa Luzia, distante 62 km da escola. Foram duas visitas a comunidade, visitando cinco famílias totalizando 16 pessoas entrevistadas. Na primeira visita ocorrida em dezembro de 2018, entrevistei duas famílias.

Nesta visita ocorrida em janeiro de 2019 registrei os relatos de dois pais, três mães e três educandos. São famílias de agricultores, relatavam sempre que escola é uma escola que atendia suas realidades como homens e mulheres do campo. Expressavam o contentamento com a mudanças de seus filhos depois que foram estudar na EFA Dom Fragoso.

Relatavam também seus envolvimento e as pesquisa que faziam com a comunidade incentivando seus familiares a participar também da comunidade.

A segunda visita ocorrida em fevereiro de 2019 foram entrevistados dois pais, duas mães e quatro educandos. No mesmo contexto das outras famílias também encontrei um cenário de contentamento com a contribuição da escola para suas famílias. Observei que nas residências dessas famílias entrevistadas que tinha um diferencial em outras casas da comunidade, essas famílias sempre tinha um quintal produtivo. Eram os projetos dos egressos que a família conservava, quintal que contratava com os demais quintais.

A comunidade de Santa Luzia fica no sertão dos Inhamuns, região muito árida, na qual o clima é caracterizado como semidesértico. Muitas famílias ainda usam as práticas das queimadas como método de fazer agricultura. As famílias dos egressos a partir da escola deixaram essa prática, e com os projetos de manejos da terra e práticas de convivência com o

semiárido como o reuso de água por exemplo, favoreceram para que tenha um quintal produtivo.

Em nossa observação diante do que constatamos ao visitar a comunidade é que acontece a prática pedagógica da escola de fato na família. O Projeto de Vida da Família Camponesa que um dos instrumentos pedagógicos, é de fato desenvolvido e continuado mesmo após a passagem do educando/a pela escola. Porém observa-se também, que essa prática se restringe a família do egresso não havendo uma contribuição efetiva para o conjunto da comunidade.

2.3. Situando o contexto

O semiárido brasileiro dentro de suas características peculiares em relação as outras áreas semiáridas do mundo, fundamentalmente caracterizado pelo bioma da caatinga³, impõe as famílias dos agricultores e agricultoras enormes desafios.

Na região do sertão no município de Crateús/Inhamuns onde está situada a escola, o processo de desertificação é uma realidade bastante desafiadora. A região fica no chamado polígono da seca que é caracterizado pela aridez do solo e um grande déficit no volume de chuvas, portanto é fenômeno ocasionado por períodos longos de estiagem, verificado muito intensamente nesta última década. Além dessas questões naturais a região também sofre com práticas inadequadas de agricultura que tem as queimadas como forma de manejo da terra tendo como base a monocultura.

Nas décadas de 1970 a 1980 as políticas oficiais implementaram na região uma política do chamado “combate à seca”, promoveram atividades de emergência, de entrega de subsídios agrícolas e de repasses financeiros que ficou conhecido como os “bolsões da seca”. Essa política de compensação para a região na verdade tornou-se ao longo dos anos a chamada “indústria da seca”, que eram grandes recursos destinados aos agricultores desviados para a manutenção do poder dos detentores de terras. As políticas praticadas nestas décadas para (CARVALHO, 1988) desembocou no avanço do poder conservador na região que dificultaram iniciativas populares de convivência com o semiárido.

³ O termo caatinga vem da língua tupi guarani que quer dizer “Floresta branca”. A etimologia do termo surgiu devido à vegetação que no período da seca solta suas folhas. É um bioma marcadamente brasileiro que ocupa 10% do território nacional e tem como característica principal um baixo volume pluviométrico, com temperaturas elevadas. Por conta dessa característica sua vegetação apresenta mecanismos de sobrevivência nos períodos de estiagem.

Historicamente o bioma caatinga foi um dos biomas menos valorizados com relação a política ambiental do país. Apenas em 1965, com a instituição Código Florestal sob a Lei 4.771 revogando o primeiro Código Florestal Brasileiro de 1935 que fixava as bases gerais da política ambiental que sinaliza a proteção das florestas e as demais formas de vegetação existentes no território brasileiro. A região nordeste possui grande parte do semiárido brasileiro, são 10% do território nacional, e 90% de todo nordeste.

Ao todo, doze municípios compõem a região dos Inhamus, são eles: Aiuaba, Arneiroz, Crateús, Independência, Ipueiras, Monsenhor Tabosa, Nova Russas, Novo Oriente, Parambu, Poranga, Tamboril e Tauá. Estes municípios estão inseridos no contexto geográfico da caatinga, que nos últimos anos sofreu uma grande estiagem. Foram seis anos de baixos volumes de chuvas.

O município de Independência⁴, situado no município do Ceará, tem uma extensão territorial de 3.218,6 Km², possuindo o quarto maior município em extensão territorial do Ceará. Sua população atual é de 25.967 habitantes.⁵ Independência fazia parte do chamado vale do Poty região pertencente ao Estado do Piauí.

O início do povoado deu-se com a chegada de um Frei chamado Vitale da Frascarolo, vindo do Convento da Penha do Recife. Frei Vidal da Penha como era conhecido, chega na Fazenda Pelo Sinal situada na ribeira de Crateús freguesia de Nossa Senhora do Desterro da Vila de Marvão, pertencente ao Capitão José Ferreira de Melo que era natural do Ceará, nascido na Freguesia de Santo Antônio de Quixeramobim.

Uma vez instalado resolve construir uma capela que fora concluída em 1810, em torno desta capela foi formando um povoado. Já em 1836 o lugarejo já figurava como distrito de Paz denominado de Pelo Sinal pertencendo a Província do Piauí. A freguesia foi criada em 15 de setembro de 1853. Em 1892 e recriada em 1896, em 1931 o município foi rebaixado a categoria de distrito de Crateús novamente. Definitivamente em 04 de dezembro de 1933 teve sua emancipação política. Diante das sucessivas perdas de sua autonomia política foi colocada com o nome de Independência. Atualmente Independência conta com 6 distritos: Ematuba, Iapi, Jandrangoeira, Monte Sinai, Tranqueiras e várias comunidades rurais.

⁴ O município de Independência está na região do sertão dos Inhambus e tem uma área de 3.218,64Km². Em sua história de emancipação política, perdeu por várias vezes a autonomia política e sempre na luta para reconquistá-la, e por isso tem o nome de Independência como origem de sua emancipação definitiva. Sua criação é datada pelo decreto de lei nº 1.156 do ano de 1933. (IBGE, 2017).

⁵ Dados do IBGE, 2016.

Figura 1 – Mapa do município de Independência



Fonte: IPECE (2012).

É neste contexto geográfico que está fincada a Escola Dom Fragoso, localizada na comunidade de Santa Cruz que fica distante 14Km da sede do Município de Independência região Centro-oeste do Estado do Ceará. A escola em sua prática pedagógica alterna o espaço de ensino e aprendizagem a partir de todo contexto dos educandos e educandas. São duas semanas de sessão escolar e duas semanas de sessão comunidade/família.

As sessões coadunam-se na perspectiva de uma formação integral, estimulando ao educando e educanda a convivência com semiárido contribuindo para a sustentabilidade do meio rural por meio de práticas apropriadas nas atividades agrícolas integradas com as famílias dos mesmos e a comunidade onde vivem. Nas sessões realizam atividades específicas para cada tempo e espaço. Na sessão escolar além das aulas normativas do ensino médio estudam técnicas agrícolas tendo como laboratório a própria escola através das unidades didáticas/produtivas.

A comunidade de Santa Cruz sofreu uma forte estiagem, no território da escola tem um açude de pequeno que é usado para as atividades de produção das unidades didáticas, este açude ficou completamente seco trazendo uma enorme dificuldade para a escola dá

continuidade as suas práticas educativas. Foram anos de grandes desafios para a escola e as comunidades dos educandos e educandas sendo paulatinamente superados com técnicas de convivência com a seca, sobretudo com a técnica do reuso de água e projetos financiados por entidades parceiras como as Cáritas Brasileiras e a MISERIOR⁶ que é uma entidade alemã.

A Escola Dom Fragoso oferece curso Técnico em Agropecuária, Integrado ao Ensino Médio, em Regime de Alternância. Os educandos e educandas são filhos e filhas de agricultores e agricultoras da região. O curso é destinado aos jovens que concluíram o Ensino Fundamental e/ou o Ensino Médio, sendo credenciado pelo Conselho Estadual de Educação e pelo MEC.

A Educação do Campo ainda se constitui como desafio para as famílias que permanecem no campo, as metodologias pedagógicas que contemplem suas identidades e que as ajudem no processo de convivência com o semiárido no cenário educacional do país não são suficientemente implementadas como políticas públicas. Os movimentos sociais e os educadores fomentam a discussão na perspectiva da construção de novos projetos educativos para os povos do campo. Uma educação que ver o camponês e camponesa como sujeitos, que valorize suas diversidades ambientais, socioculturais e formas de se organizarem. Uma educação que prepare o jovem camponês para uma posição de protagonista de seus processos humanos e sociais e o oportunize esses jovens a sua permanência no seu próprio *habitat*.

2.4 Situando os sujeitos

As famílias dos egressos da Escola Dom Fragoso foram os sujeitos principais para o desenvolvimento desse estudo. Na prática pedagógica da escola o espaço escolar não se constitui apenas como um único espaço de aprendizagem, a família e a comunidade fazem parte diretamente do processo pedagógico por meio da alternância do tempo e desses espaços.

Os sujeitos desta pesquisa foram agrupados em três categorias: família que corresponde o pai e mãe, egressos e membros da escola. Assim, foram escolhidas as famílias dos egressos que tinham pelo menos um ano de conclusão do curso na escola, os dois monitores (que estão a mais de dez anos sendo monitores e atualmente acompanham educandos e educandas) e dois membros da escola que faz parte do núcleo gestor da escola e que foram os

⁶ A MISEREOR é uma entidade da Igreja Católica da Alemanha que trabalha na cooperação para o desenvolvimento social, fomenta projetos de entidades trabalha no combate à pobreza na África, Ásia e América Latina. No Brasil, apoia atualmente cerca de 280 projetos de organizações sociais. Fonte: CNBB.

fundadores da escola. A partir da definição dessas categorias de sujeitos pontuo agora a caracterização desses sujeitos dentro dos critérios utilizados nas escolhas dos mesmos.

Os sujeitos da pesquisa foram no total de vinte pessoas; na categoria família foram cinco famílias, sendo quatro pais e cinco mães, na categoria egressos foram sete egressos, três do sexo feminino e quatro do sexo masculino e na categoria membros da escola fora quatro pessoas, um monitor e uma monitora, um fundador da escola e uma fundadora. Irei caracterizar em dois blocos, as famílias que contempla o pai, a mãe e o egresso dessas famílias e os quatros entrevistados membros da escola.

A família “F1”, é composta de onze membros, pai, mãe e mais nove filhos. Entrevistei o pai, a mãe e o egresso desta família. O pai tem 68 anos é agricultor, aposentado e reside na comunidade de Santa Luzia; a mãe, 68 anos, é agricultora e aposentada. O egresso tem 26 anos, casado, tem um filho, mora em Independência ingresso na escola em 2010 concluindo em 2012. Após a conclusão trabalhou no Projeto Dom Helder e em 2015 trabalhou na secretaria do meio ambiente de Independência. Atualmente é monitor da escola. Esta família foi pioneira na comunidade a enviar um dos seus filhos para estudar na escola, sendo que o mesmo passou dois anos na escola e não concluiu. Dois anos depois um outro filho ingressou concluindo o curso.

A família “F2” é composta de sete membros. O pai é agricultor, possui 58 anos e a mãe, 54, agricultora; ambos residentes na comunidade de Santa Luzia. A egressa desta família entrevistada tem 23 anos, ingressou na escola em 2011 concluindo em 2013. Após a conclusão trabalhou na ESPLAR - Centro de Pesquisa e Assessoria, uma entidade ligada ao campo. Atualmente é acadêmica do curso de Agroecologia, Campesinato e Educação Popular na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

A família “F3” é composta de seis filhos, duas dessas filhas estudaram na escola, entrevistei a mãe e as duas egressas da família. A mãe tem 63 anos, viúva e agricultora, perdeu o esposo no período em que suas filhas estudaram na escola, sendo também a escola um apoio para a família. A egressa da família que primeiro ingressou na escola tem 23 anos, ingressou 2012 concluindo em 2014, atualmente está cursando Ciências Biológicas. A segunda filha que estudou na escola tem 19 anos, ingressou em 2015 concluindo em 2017, trabalhou em 2018 na GT1 – Gestão e Tecnologia (empresa que presta serviço para SEMACE) e atualmente cursa Engenharia Florestal na Universidade Federal de Mossoró.

A família “F4” teve dois filhos que estudaram na escola, família composta de oito membros. O pai de 59 anos agricultor, a mãe de 55 anos agricultora aposentada. O primeiro filho que ingressou em 2002 concluindo em 2006 na escola tem 26 anos é casado, pai de um

filho, residente no município de Santa Quitéria, atualmente trabalha no Instituto para o desenvolvimento da economia familiar – IDEF, sendo técnico agrícola para acompanhar as famílias da região inclusive a sua comunidade de origem Santa Luzia. Outro egresso que entrevistei foi o filho mais novo dessa família de 23 anos ingressou em 2013 e concluiu em 2015, atualmente trabalha em um estabelecimento comercial da área veterinária.

A família “F5” também tem duas egressas que passaram pela escola, foi entrevistada a mais nova da família que ingressou em 2015 e concluiu em 2015, atualmente está no curso Bacharelado em Agroecologia e participando dos grupos de jovens da comunidade onde reside, em Santa Luzia. A mãe tem 49 anos agricultora e o pai 49 também agricultor, família composta de quatro membros.

O grupo dos membros da escola que foi entrevistado foram dois monitores e dois fundadores da escola. O sujeito “membro 1” é uma monitora tem 35 anos, solteira e residente na Comunidade de Santa Cruz mesma comunidade da escola, é monitora a 15 anos na escola, é formada em Geografia e possui três especializações, em Agroecologia, Psicopedagogia e gestão pedagógica. Leciona na escola as disciplinas de Geografia, história, Sociologia Rural e agroecologia.

O sujeito “membro 2” é monitor a 13 anos, tem 36 anos casado tem um filho, reside no município de Independência, é Técnico Agrícola com habilitação em agricultura, formado em Língua Portuguesa e Literatura possui especialização em Português e Literatura. Está cursando o curso de Física e especialização em Gestão escolar. Leciona a disciplina de Física, Construções e instituições Rurais, desenho e topografia, acompanha o Projeto de Vida da Família Camponesa – PVFC com as turmas da escola.

O sujeito “membro 3” é o idealizador da escola, sacerdote da Igreja Católica tem 69 anos, assumiu a Paróquia de Independência em 1992, a pedido do então bispo de Crateús Dom Fragoso e junto com uma religiosa começou a organizar os trabalhadores e as trabalhadoras rurais na região da Diocese através das pastorais da Igreja em especial da CPT – Comissão Pastoral da Terra, em 2001 deu início as atividades da escola. Lecionou na escola a disciplina de filosofia. Atualmente o religioso é pároco da Paróquia de Aarendá e colabora com assessoria pedagógica.

O sujeito “membro 4” é uma religiosa do Instituto de Jesus Missionário tem 82 anos, reside em Fortaleza, iniciou junto com sujeito “membro 3” um trabalho de organização dos camponeses e camponesas da região da Diocese de Crateús culminando com o surgimento da escola, já lecionou na escola a disciplina de Filosofia e Formação Humana que compõe o currículo da escola e atualmente colabora com a formação pedagógica dos monitores.

3 EDUCAÇÃO DO CAMPO E O CONTEXTO DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

As escolas do campo passam por novas configurações e paradigmas, o ambiente rural visto apenas como um local de escassas possibilidades no que se refere ao desenvolvimento econômico, entra no cenário das possibilidades a partir de um novo olhar e práticas educativas em todo seu contexto.

Os movimentos sociais com a organização das famílias no campo buscam cada vez mais reordenar suas práticas numa perspectiva de convivência com o semiárido buscando superar os desafios próprios da realidade campesina.

A realidade educacional no meio rural eram apenas extensão das escolas urbanas que nada traduzia e contemplava a identidade do campo, eram escolas que estavam apenas no campo. A partir de práticas pedagógicas contextualizadas com a identidade das famílias do campo nestes últimos anos estão buscando novas possibilidades.

As EFA's são uma dessas possibilidades pedagógicas de contextualização da educação para os povos do campo. Sua prática pedagógica permite as famílias conduzirem e serem sujeitos na vivência e convivência de si e com o meio. Neste intento trago a lume o itinerário histórico desta modalidade de ensino que articula e coaduna todos os espaços do educando/a como espaços pedagógicos.

3.1 Breve itinerário histórico no contexto da Educação do Campo

A humanidade perpassa a cada década por um processo de mudança em grandes proporções, as instituições, os grupos sociais, as lideranças e todo o conjunto da organização social experimenta até mesmo na sua constituição uma vertiginosa mudança. A globalização e os avanços tecnológicos, sobretudo na área da comunicação favoreceu um campo fértil para essas mudanças, os paradigmas mudaram a concepção de determinadas ideias tomaram outros contextos e até de significados, ou seja, aquilo que foi não é mais. Diante desse quadro novas perguntas precisam ser dadas, e respostas contextualizadas.

A escola que é o lugar por excelência onde se inicia o conhecimento formal está inserida nesse contexto volátil e desafiador. A educação é uma ferramenta imprescindível na construção de uma nação e na formação de seus cidadãos. As políticas públicas, as leis e todos os mecanismos sociais precisam se voltar para a educação no intuito de buscar desenvolver uma nação que atenda a contento seus cidadãos. Historicamente o Estado brasileiro não teve de fato

uma política educacional que seja efetiva na qualidade dentro da igualdade para todas as camadas da sociedade brasileira.

Na educação brasileira, historicamente, sempre houve dificuldades de se ter uma logística educacional própria para as populações camponesas. No processo de formação da sociedade brasileira, verificam-se alguns elementos que favoreceram o chamado “esquecimento” de Políticas Públicas para a educação dos povos do campo. Apesar de o Brasil ser um país marcadamente de grandes extensões de terras, e sua população, por anos, ser numericamente rural, ela foi deixada de lado em nome de um desenvolvimento industrial e econômico que o país experimentava, sobretudo, nas últimas décadas. Assim, as Políticas Públicas brasileiras, no tocante à educação, voltaram-se para as realidades urbanas com a justificativa de que o campo não necessitava de escolarização, fazendo das escolas na zona rural apenas extensões das escolas urbanas. Salienta Bergami,

É importante ressaltar que a escolarização é uma reivindicação dos agricultores e se coloca no campo do direito, e na época a universalização obrigava apenas as quatro séries primárias, garantido pela Constituição Federal. As Comunidades rurais sem escola básica “do campo” e sem política definida, apropriada à educação rural, colocam esta demanda para a EFA como “salvadora” de uma situação que é caótica em todo o país (BERGAMI, 2003, p. 34).

O agravamento da problemática educacional brasileira chega ao campo e de modo muito mais acentuado e grave, sob todos os aspectos. O Estado, historicamente, sempre teve dificuldades nos processos educacionais próprios para a realidade camponesa. Diante disto, o sucateamento das estruturas das escolas, a inadequada metodologia aplicada nelas, a desolação e a falta de formação dos profissionais da educação e, por conseguinte, a evasão escolar no meio rural são ainda maiores.

A problemática própria do campo é agravada dentro de um contexto do chamado êxodo rural, fenômeno social importante detectado em meio à industrialização ocorrida no Brasil no século XIX. Mesmo diante do fluxo migratório para os grandes centros urbanos, é significativa a parcela da população brasileira fixada na zona rural do país.

É certo também que tivemos ao longo das últimas décadas significativos avanços no campo da educação. Em nossa história recente a partir do Movimento Pioneiros da Educação tivemos um direcionamento mais sistemático para a educação com as ideias de grandes teóricos que deram suas contribuições para que o país se voltasse para a educação. Foram ideias históricas que sintetizam os pontos centrais desse movimento, redefinindo mais uma vez o papel do Estado em matéria educacional. O referido manifesto enfatizava a construção e a aplicação

de um programa de reconstrução educacional de âmbito nacional, afirmando a finalidade da educação, que se definia de acordo com a filosofia de cada época.

A sociedade brasileira das décadas de 1920 e 1930 passou por profundas transformações sociais, econômicas e culturais. Neste contexto, os movimentos sociais começaram a ganhar força em pequenas organizações civis, mas somente na década de 1970 começaram a se proliferar e ganhar notoriedade, sobretudo com o Movimento dos Sem Terra (MST), com fortes manifestações contra o regime militar instaurado no Brasil em 1964.

A partir desse contexto, identifica-se, nessa luta, um movimento em favor da Educação do Campo. Uma proposta que vem sendo materializada através da luta coletiva e o fazer educativo dos povos do campo na perspectiva da garantia de seus direitos que tem relação direta com a chamada Educação Popular. Essa concepção é justamente forjada no processo de organização das classes mais populares, ou seja, educação que busca garantir, através da resistência e lutas, seus direitos e cidadania. Assim, busca uma conceber a escola pública não apenas como espaço escolar, mas também um espaço de efetivar as transformações sociais.

As décadas de 1960 e 1970 foram de fundamental importância para a Educação do Campo no Brasil, em um contexto de grande abertura do capital internacional na economia brasileira, desembocando para uma notória contradição do capital nacional-desenvolvimentista. Neste período, o país experimentava um forte regime de ditadura, suas instituições civis eram suprimidas e os cidadãos viviam em extrema repressão de seus direitos.

A ditadura militar, portanto, impôs a forma mais dura de repressão aos movimentos sociais tanto do campo, quanto da cidade. No entanto, foi nesse mesmo contexto que houve a proliferação dos movimentos sociais (como operários e camponeses), o surgimento de partidos de esquerdas, pequenos grupos sociais e entidades, inclusive religiosa e, sobretudo alguns setores da Igreja Católica em seus quadros progressistas que almejavam uma outra sociedade que passava por uma transformação em suas estruturas, travaram lutas e grande movimentos de resistências. Estabeleceu-se, neste período, também a difusão de que a educação é um dos fortes instrumentos que proporciona uma maior integração na questão da conscientização política e social, no sentido de que a participação para transformar as estruturas capitalistas presentes na nossa sociedade seria imprescindível.

Neste intento, o campo retoma a agenda dos debates políticos no Brasil (MATTOS, 2011). Assim, as lutas pelas reformas de base, por exemplo, reformas agrária, tributária e eleitoral foram fortalecidas pelos movimentos sociais. De acordo com (ARROYO; CALDART; MOLINA):

Os movimentos sociais carregam bandeiras da luta popular pela escola pública como direito social e humano e como dever do Estado. Nas últimas décadas os movimentos sociais vêm pressionando o Estado e as diversas esferas administrativas a assumir sua responsabilidade no dever de garantir escolas, profissionais, recursos e políticas educativas capazes de configurar a especificidade da Educação do Campo ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p. 14).

Contudo, ocorreram inúmeras ações por parte do regime vigente na tentativa de coibir o avanço dos movimentos sociais (torturas, prisões arbitrárias, processos forjados, perseguições políticas, assassinatos de camponeses, operários líderes sindicais e membros da Igreja e de partidos de esquerda). Portanto, o processo de se ter uma Educação do Campo voltada de forma contextualizada para os sujeitos deste espaço não foi amistoso, assim, das lutas os movimentos sociais trouxeram para pauta oficial a reivindicação do campesinato, que é uma Educação do Campo e no campo.

Paulo Freire (1921-1997) configurou-se como um dos grandes expoentes desta reflexão de construir uma educação a partir do conhecimento do povo, com o povo e para o povo. Foi a partir de sua própria realidade como oprimido, que buscou entender as classes populares como detentoras de um saber que não é valorizado pelo contexto de uma sociedade capitalista e neoliberal.

O campo sofreu significativas mudanças em sua configuração, tanto no aspecto geográfico, quanto no humano. A vegetação do semiárido em seu processo histórico de manejo da caatinga teve como principais interferências nas atividades produtivas a pecuária e a agricultura de subsistência. Nisto, a degradação e o desembocar na desertificação se fez como uma realidade gritante no seminário brasileiro.

O êxodo rural acentuou-se enquanto realidade de profundos impactos econômicos e sociais, consequência disso, nosso seminário se apresenta cada vez mais com uma região desértica e sem vida. Os grandes centros urbanos, com o aumento demográfico, sofrem as mazelas sociais típicas dessa realidade; os jovens em idade produtiva são os principais agentes dessa migração, pelo fato de não encontrarem em suas comunidades de origem o espaço produtivo-econômico que os leva a se deslocarem para as grandes cidades em busca de sobrevivência e melhores condições de vida.

Diante dessa realidade, é urgente uma prática educacional que insira, de fato, o jovem em sua realidade, encontrando metodologias que o capacite a permanecer em seu ambiente campesino, sem perda educacional e desenvolvendo uma convivência sadia e que o estimule em seu crescimento. É preciso buscar práticas pedagógicas que façam do aluno sujeito de transformação a partir de sua identidade como homem e mulher do campo. Uma proposta

pedagógica que venha atender essa necessidade surge no interior da França na década de 1930, e chega ao Brasil na década de 1960 para estimular os jovens camponeses e suas famílias a permanecerem no campo. Uma proposta que aposte na família do campo e sua organização um caminho de construção de convivência com o semiárido. A partir de seus territórios e identidade superar a concepção de um local ermo e sem vida.

3.2 A família camponesa

A sociedade brasileira se configurou por séculos como uma sociedade rural, por ser um país de grande extensão territorial teve seu tecido social marcado pela as atividades agrícolas. Sua população até meados do século XIX e início do século XX era marcadamente rural, o processo de urbanização do país pode ser considerado recente em relação aos países considerados desenvolvido que teve seu processo e urbanização já no século XVIII. Vejamos:

Em 1940, o Brasil tinha 71 milhões de habitantes. Deste contingente, 70% viviam na área rural e 30% nas áreas urbanas. Em 1980, a população triplicou, totalizando 121 milhões de habitantes, 68% dos quais, ou seja, 82 milhões de brasileiros passam a residir nas cidades. O abrupto processo de urbanização inverteu dramaticamente esta equação e, hoje, o Brasil tem mais de 75% da sua população vivendo em áreas urbanas. (MATTOS, 2011, p. 38).

A concentração fundiária e a mecanização do campo impulsionaram a saída de muitas famílias que tinham a terra como meio de viver e produzir. Os grandes latifundiários fortaleciam a produção agrícola em suas propriedades rurais através de investimentos com aquisição de maquinário, insumos e tecnologia.

Na contramão desse processo social que ainda hoje permeia o meio rural brasileiro encontramos uma dinâmica de organização encontrada pelos sujeitos do campo, o campesinato. São famílias que resistem a esse processo de migração e através da organização de seus territórios e técnicas de convivências com semiárido permanecem no campo. Permanecem para produzir, fortalecer a identidade camponesa, estabelecer laços entre elas e a partir da organização comercializar os produtos do trabalho de suas atividades agrícolas. Assim temos;

Campesinato é o conjunto de famílias camponesas existentes em um território. As famílias camponesas existem em territórios, isto é, no contexto de relações sociais que se expressam em regras de uso (instituições) das disponibilidades naturais (biomas e ecossistemas) e culturais (capacidades difusas internalizadas nas pessoas e aparatos infraestruturas tangíveis e intangíveis) de um dado espaço geográfico politicamente delimitado. (CARVALHO, COSTA, 2012, p. 113).

Os grandes aglomerados urbanos e a sua força de produção industrial impulsionado pela cultura do consumismo remete ao campo uma outra perspectiva, a de que o campo é um espaço de vida, de relações e um espaço também de produção onde as famílias criam alternativas econômicas para melhor conviver naquele território. A característica fundamental da família camponesa é suprir suas próprias necessidades de consumo, as atividades comuns, as vivências e seus meios são fundamentos do ciclo de produção dessas famílias.

Um fator preponderante e determinante da família camponesa também é a questão da organização dessas famílias. A questão do território, ou seja, o acesso à terra e sua viabilidade de seus recursos naturais favorecem essa organização e conseqüentemente o sucesso da produção. A partir desta organização toda a produção se direciona para o autoconsumo e também para o mercado externo como resultado desta organização.

No campesinato está um conjunto e a organização das unidades camponesas, são famílias que para além de um laço produtivo se unem e se organizam na perspectiva do fortalecimento da identidade camponesa. As atividades comuns na direção da produção e do consumo fortalecem o aspecto de comunidade peculiar nos grupos camponeses. Os espaços comuns, as atividades comuns e os objetivos comuns direcionam a vivência coletiva sem perda da individualidade de cada integrante da unidade camponesa e da comunidade como sujeitos, vejamos:

Não há anonimato na comunidade camponesa. Todos se conhecem. As relações de parentesco e vizinhança adquirem um papel determinante nas relações sociais do mundo camponês. Nisto se distingue profundamente das culturas urbanas e suas mais variadas formas de expressão. (GÖRGEN, 2019, p.5).

As relações se estabelecem nos grupos camponeses há uma clara busca para além do aspecto de parentesco e de produção, verifica-se uma verdadeira rede de convivência que se fortalece na direção da constituição e a firmação da identidade campesina. A diversidade, suas culturas, costumes contemplados no espaço, verdadeiros territórios de construções de relações familiares e sociais.

3.3 Escola Família Agrícola: A escola na família e a família na escola, a alternância como caminho pedagógico

Dentro do contexto de uma nova ordem do campo, no que concerne à educação, surge um novo modelo que vem atender à demanda e às perspectivas próprias do ambiente campestre: as Escolas Família Agrícolas – EFA.

A EFA é uma versão brasileira de uma experiência de escola e, conseqüentemente, configurou-se como uma prática pedagógica iniciada no sudoeste da França em 1935, no povoado de *Sérignac-Péboudou*, comunidade rural francesa na região administrativa da Nova Aquitânia, no departamento *Lot-et-Garonne*.

Esta prática pedagógica deu seus primeiros passos aplicada numa experiência chamada de "Casa Familiar Rural" (*Maison Familiale Rurale*). O padre da referida comunidade chamado *Abbé Granereau*, juntamente com um grupo de agricultores, decidiu assumir uma experiência escolar que atendesse aos anseios na formação dos filhos dos agricultores. A partir da falta de estímulo em estudar em uma escola que não oferecia uma educação que o formasse para a vida no campo, um jovem chamado *Yves Peyrat* de 12 anos decide interromper seus estudos e opta por auxiliar seu pai inteiramente nos trabalhos na agricultura. O pai do jovem, o agricultor *Jean Peyrat*, não aceita a decisão do filho e procura uma solução que o ajude a não desistir da escola, pois, segundo o autor francês *Nové-Josserand* (1998), ele era um agricultor bastante engajado nas organizações do campo de sua comunidade, sendo, inclusive, presidente do Sindicato Rural de *Sérignac-Péboudou*. Este agricultor tinha convicção da importância da educação na vida de seu filho, sendo uma perda irreparável, caso abandonasse a escola antes de concluí-la, porém, também não queria, ao mesmo tempo, que seu filho se afastasse da família, pois a sequência nos estudos exigiria sua partida para outras cidades distantes.

Diante disso, *Jean Peyrat* procura o pároco da comunidade para externar sua preocupação com a educação de seu filho. Então, o padre propõe que ele próprio o eduque. Pensando nos filhos de seus companheiros da comunidade, decide, então, procurar os outros agricultores com a mesma realidade para procurarem, juntos, a solução.

Visto as inúmeras dificuldades em encontrar estabelecimentos de ensino que atendessem suas necessidades, decidem procurar alternativas de educação para seus filhos, uma vez que, de todas as possibilidades, muitas se apresentaram inviáveis, decidindo, então, que o padre seria o professor de um grupo de quatro alunos.

A proposta, inicialmente, não foi bem aceita pela comunidade, pois muitos resistiam à essa alternativa de escola. Não se dando por vencido, procura outros agricultores que pareciam mais abertos à proposta. Com esta abertura iniciou a ideia da alternância que, inicialmente, possuía três famílias, sendo quatro jovens por grupos, alternadamente, na casa paroquial. Assim, fala *Nosella* (1977, p. 18), “foi à ideia de uma Escola realmente para o meio

rural e do meio rural; uma escola que rompesse com o modelo urbano, não nascida de um estudo teórico, nem de uma tese pedagógica, nem de um levantamento sociológico”.

Foi lançado, assim, um modelo diferenciado de educação, pois em virtude de uma necessidade dos agricultores, foi encontrada uma forma compatível com sua realidade, que era uma escola no ritmo do campo e para o campo, sendo lançada nessa experiência arriscada de educação. Esta experiência metodológica-educacional foi trazida ao Brasil pelos padres italianos na década de 1970 no Estado do Espírito Santo, com o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES).

Em sua dinâmica fundamental como prática pedagógica está a alternância dos espaços pedagógicos, onde os jovens recebem formação na escola de forma integral em quinze dias, sendo adquiridos conhecimentos gerais e técnicos voltados para a realidade agrícola e quinze dias nas propriedades rurais da região com sua família, onde exerciam a prática dos conhecimentos absorvidos.

A EFA é uma escola com projeto político e educacional de desenvolvimento sustentável com uma educação diferenciada das escolas convencionais. Esta metodologia pedagógica busca formar filhos e filhas de agricultores e agricultoras para encontrar alternativas adequadas para conviver com o semiárido/campo e tirar dele seu sustento, tanto para o jovem, como também para sua família.

A prática pedagógica adotada pelas EFA's leva o alternante a passagens e transições de um lugar da vida, escola, a um outro lugar da vida, a família e a comunidade. Uma experiência que leva a outra, um conhecimento que leva ao outro. Um aprender que não tem só na sala de aula, um aprender que não só se encontra na figura do letrado professor, mas um saber que tem no terreiro e no quintal de casa. É o que nos esclarece neste entendimento Gimonet,

Criar uma escola que não mantenha os adolescentes presos entre quatro paredes, mas que lhes permitam aprender através dos ensinamentos da escola, com certeza, mas também através daqueles da vida cotidiana, graças a uma alternância de períodos entre o ambiente familiar e o centro escolar (GIMONET, 2007, p. 22).

Assim, o modelo da alternância se apresenta como uma educação contextualizada na formação do educando, sendo uma alternativa conscientizada (e conscientizadora) diante das Políticas Públicas oficiais educacionais que não atendem, a contento, as realidades campesinas. Assim, é um sistema de educação considerado como um método que articula a formação participativa de jovens e sua integração com a família e sua comunidade, no intuito de educá-los como sujeitos de direitos e deveres e cidadãos protagonistas de um processo de transformação social. Sentencia Gimonet quando diz sobre o alternante:

Ele se torna então, na lógica da formação alternada, um reservatório de formação e de educação, um componente maior das aprendizagens e da construção da personalidade do jovem. Por isso, convém ajudá-lo a aprender seu meio ambiente, vivendo e atuando nele, mas também atreves da discussão, da confrontação dos pontos de vista, da reflexão sobre ação (GIMONET, 2007 p. 38)

Este modelo pedagógico procura contemplar as realidades em todas as suas esferas dos homens e mulheres do campo. O ambiente rural tem características próprias e a vivência do homem e da mulher campesina também diferencia da realidade urbana. Neste intento, uma escola que adeque suas características, direcione os filhos e filhas do campo a aprender a conviver com o *habitat* de origem e procurar alternativas de renda sem precisar sair em busca de melhores condições de vida configura-se como proposta salutar e necessária. Nossa legislação, no tocante à educação, nos últimos anos vem buscando contemplar a questão da Educação do Campo com todas as suas peculiaridades. Sentencia, o artigo 28 do Capítulo II da atual LDB, que:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - Adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 2017).

O método da Alternância utilizado nas EFA's busca reparar um dos grandes problemas da educação no meio rural brasileiro que é falta de adequação de uma metodologia educacional própria para o contexto do campo. As metodologias pedagógicas, os materiais didáticos e as dinâmicas de escolas convencionais urbanas eram completamente inseridas no ambiente do campo, desestimulando, assim, os jovens que eram obrigados a aceitar o *modus operandi* que a escola impunha. Como consequência disto, ao longo de décadas, o semiárido brasileiro foi ficando desértico, delineando um fenômeno social que conhecemos como êxodo rural, pois o campo não oferecia mais condições de vida e sobrevivência aos seus nativos. Nesta realidade presente nas escolas rurais, grande contingente de jovens migrou para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida.

O processo metodológico de ensino vivenciado nas EFA's tem como grande objetivo buscar uma integral conscientização e mostrar a necessidade de fazer chegar ao campo o desenvolvimento sustentável, levando, ao homem e à mulher campesina, a convivência com o

semiárido, tirando dele as riquezas necessárias para sua sobrevivência sem precisar abandonar seu local de origem. Neste intento, Gimonet sentencia:

A pedagogia da alternância se inscreve na lógica explicada por Jean Piaget na fórmula “praticar e compreender”. Praticar quer dizer a ação, a experiência que temos das coisas, e compreender significa a explicação, a teorização, a conceitualização e a abstração que se pode extrair da prática ou que pode resultar dela (GIMONET, 1999, p. 44).

A Pedagogia da Alternância é um sistema de educação considerado como um método de educação que articula a formação participativa de jovens e sua integração com a família e a sociedade, no intuito de educá-los como sujeitos de direitos e deveres e cidadãos que sejam ativos no processo de transformação social. Uma educação contextualizada requer não só uma base teórica, mas uma estrutura didática que possibilite que toda a vivência do educando e da educanda seja direcionada para seu contexto de vida como jovem camponês.

3.4 O papel da Igreja e das Comunidades Eclesiais de Base

Na gênese histórica do processo pedagógico da alternância verificamos que tem como chão a ação pastoral, missionária e social da Igreja. Do seu nascedouro na década de 1930 na França, passando pela experiência pioneira no Brasil no estado do Espírito Santo em plena Ditadura Militar em 1964. A experiência também aconteceu de forma pioneira no estado Ceará nos sertões dos Inhamuns a Igreja através de seus religiosos e religiosas junto com conjunto de suas pastorais sociais em especial as Comunidades Eclesiais de base – CBB’s e a Comissão Pastoral da Terra - CPT, tiveram um papel relevante na implantação, condução e desenvolvimento desse método de ensino. De acordo com o articulador das CEB’s da diocese de Crateús Machado,

Foram muitas visitas, reuniões e encontro nas comunidades, regiões da paróquia, na diocese, animadas pela CPT para a formação sindical, para a discussão sobre a organização são dos trabalhadores/as, para refletir o jeito de fazer a agricultura e foram surgindo as “tecnologias alternativas”, com a assessoria da ESPLAR e outras entidades, como viver no campo, nos anos com secas sucessivas; para juntar jovens do campo, que deu origem à Pastoral Rural – PJR. As CEB’s se envolveram nesta batalha para que, assim, pudessem contar com uma formação integral de jovens, com suas famílias e comunidades, na perspectiva da convivência com o semiárido. (MACHADO, 2017, p. 170).

A chegada de Dom Antônio Batista Fragoso a região nos sertões dos Inhamus na visão de muitos agricultores e agricultoras e de vários setores locais foi muito promissora. Em agosto de 1964, o então bispo de Crateús, chegara na maior cidade da região para iniciar os trabalhos episcopais da nova diocese, a Diocese de Crateús implantada no referido ano. Dom Fragoso chega a Crateús com as novíssimas orientações da Igreja, pois estava ascendendo uma nova ordem na sua condução pastoral. Convocada pelo papa João XXIII, “o papa bom” alcunha recebida na época, o Concílio Vaticano II trazia uma verdadeira revolução na estrutura, na hierarquia e sobretudo na mentalidade do, “ser Igreja” da Igreja Católica.

O Concílio Vaticano II trouxe uma Igreja mais comprometida com as realidades do mundo, deixou de ser uma Igreja voltada para si e suas estruturas e passou a discutir sua inserção no mundo. Nos concílios anteriores os eixos de discursões eram pautados em questões dogmáticas objetivando reafirmar a fé católica no mundo. O papa João XXIII chamou atenção dos bispos e toda a Igreja para uma nova ordem, agora dialogando com as grandes questões no mundo cada vez mais em transformação. Em seu discurso inicial salientou;

A finalidade principal deste Concílio não é, portanto, a discussão de um ou outro tema da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos Padres e dos Teólogos antigos e modernos, que se supõe sempre bem presente e familiar ao nosso espírito. Para isto, não havia necessidade de um Concílio. Mas da renovada, serena e tranquila adesão a todo o ensino da Igreja, na sua integridade e exatidão, como ainda brilha nas Atas Conciliares desde Trento até ao Vaticano I, o espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro espera um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências; é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo. (COMPÊNDIO DO VATICANO II: CONSTITUIÇÕES, DECRETOS E DECLARAÇÕES, 29ª EDIÇÃO).

A Igreja no Brasil em muitas dioceses foram aos poucos absorvendo e experimentado essa nova perspectiva trazida pelo Concílio Vaticano II. Muitos bispos, padres e religiosas foram implementando em sua ação pastoral esse novo jeito de ser Igreja, apesar da resistência também de representantes de muitos setores conservadores da Igreja. As pastorais sociais a partir de então foram se fortalecendo, as Cáritas Brasileiras, Pastoral da Criança, os grupos de base, as mais variadas expressões de jovens na Igreja foram surgindo. A CPT – Comissão Pastoral da Terra e as Comunidades Eclesiais de base – CEB’s foram destaques nesta acessão das pastorais sociais.

⁷ O Concílio Vaticano II foi um concílio muito marcante na Igreja, teve início em outubro de 1962 pelo papa João XXIII e encerrando no dia 7 de dezembro de 1965 pelo papa Paulo VI.

As CEB's e a CPT foram expandindo sua ação pastoral Brasil a fora, tendo como dinâmica de orientação nos encontros pastorais o método do VER – JULGAR E AGIR. Essa dinâmica trazida pelas Comunidades Eclesiais de Base – CEB's norteou e ainda se encontra presente nos encontros pastorais das dioceses.

A dinâmica da nova diocese e seu primeiro bispo foi pautada neste contexto. Dom Frágoso com o conjunto dos leigos e leigas, religiosas, sacerdotes sensíveis as causas sociais e entidades voltadas para a organização das classes populares, sobretudo os agricultores e agricultoras foram se organizando e fomentando as discursões em direção da busca maneiras de convivência com o semiárido.

A Escola Dom Frágoso é fruto deste empenho da Igreja diocesana de Crateús juntamente com os agricultores e agricultoras, os movimentos sociais organizados e as entidades representativas das classes populares. É fruto das famílias organizadas que acolheram e colhem os resultados, agora em condições de permanência no campo com seus filhos e filhas tendo uma educação que contextualiza a vida no campo.

Uma expressão desta renovação também da Igreja no Brasil foram as Campanhas da Fraternidade que até hoje é um grande veículo de reflexão sobre as grandes questões sociais pertinentes no país. A primeira fase da Campanha da Fraternidade também era voltada para as questões internas da Igreja. Nascida em 1964 numa experiência pastoral no Rio Grande do Norte tendo como tema; Igreja em Renovação e o lema; Lembre-se: você também é Igreja, a Igreja no Brasil ainda buscava entender o espírito do Concílio Vaticano II. Somente numa segunda fase da campanha em 1973, a Igreja voltou – se para as grandes questões das problemáticas da vida brasileira.

Em 1973 abordou o tema sobre as várias formas de escravidão existente ainda no Brasil. Em 1974 a questão da reconstrução da vida, em especial em situação de risco, em 1975 a questão miséria e da fome, tendo como lema repetir o pão. Em 1976 a família, em 1977 o mundo do trabalho. Saúde, educação, violência, a questão dos negros, da mulher, das drogas, dos desempregados, dos excluídos, do tráfico de pessoas, dos biomas brasileiros e da política já foram temas para as discursões nos quarenta dias da quaresma, período que é intensificado a campanha.

Neste ano de 2019 a campanha da fraternidade abordou a temática das políticas públicas objetivando a conscientização do povo na busca de direitos, despertar nas pessoas o senso de Justiça Social e participação nas ações políticas do país e chamando atenção dos representantes legais do povo para seus compromissos com implementação de políticas públicas efetivas.

Portanto, a presença de setores da Igreja na mobilização e organização dos movimentos populares do campo com suas pastorais sociais é marca no percurso histórico das EFA's. Verifica-se também que os trabalhos de base que sedimentou o nascedouro da Escola Dom Fragoso foram as comunidades Eclesiais de Base e todo um contexto de uma Igreja comprometida e profética trazida pelos novos ventos do Concílio Vaticano II.

3.5 A EFA Dom Fragoso: A escola no sertão e o sertão na escola

A Escola Família Agrícola Dom Fragoso está situada no sertão dos Inhamus, região semiárida do nordeste brasileiro. Possui uma área de 3.218,64 Km², sua localização está na porção centro – oeste do Estado do Ceará. Faz limite com os municípios de Tauá, Novo Oriente, Crateús, Boa Viagem, Monsenhor Tabosa, Tamboril, Pedra Branca e Novo Oriente. A escola está localizada na comunidade de Santa Cruz, distante 14km da sede do Município de Independência Estado do Ceará.

A Escola teve sua ideia embrionária com a chegada, em Crateús, de Dom Antônio Batista Fragoso, bispo que assumiria a diocese do município na década de 1964. Um bispo voltado para as questões sociais e uma grande sensibilidade ao homem e à mulher do campo.

Dom Fragoso, juntamente com Pe. Machado, então pároco da Paróquia de Independência e a religiosa Ir. Siebra através das pastorais da Igreja, em especial a Comissão Pastoral da Terra (CPT), que é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), foi articulando e formando os trabalhadores e as trabalhadoras em sindicatos e em encontros.

Nestes encontros, foram sentindo a grande necessidade de ter na região uma escola que contemplasse as realidades do semiárido, onde seus filhos fossem formados para aprender a conviver com o semiárido. Nesta perspectiva, de acordo com relato dos referidos idealizadores da escola, expôs que, na época, os trabalhadores e trabalhadoras pontuaram: “Queremos uma educação para a convivência com o semiárido, o que permitirá a permanência na terra e a conquista de uma vida decente e feliz no nosso lugar”. A partir de então foi iniciada uma verdadeira saga para a concretização desta ideia.

A escola iniciou suas atividades educacionais em 2002 e está em pleno funcionamento, pela legislação do MEC, desde então, com o Parecer nº 0712/2012 – D.O.E: 15/03/2012. São atendidos, anualmente, cerca de 80 estudantes de todas as regiões do Estado do Ceará em regime de alternância, ou seja, tendo atividades em todos os turnos, iniciando às

06:30h até as 21:30h, atendendo turmas de 8º e 9º anos com orientação profissional e educação profissional técnica de nível médio integrada ao Ensino Médio do 1º ao 3º ano.

Figura 2 - Fachada da escola.



Fonte: elaborada pelo autor, dezembro de 2018.

Tem como entidade mantenedora a Associação Escola Família Agrícola de Independência (AEFAI) que celebra parcerias com várias entidades nacionais e internacionais ligadas às Políticas Públicas do campo e poderes públicos.

Sua estrutura física conta com duas salas de aula, uma sala de coordenação, um auditório, um anfiteatro, dois laboratórios (um laboratório de informática e outro de Ciências Agrárias), um refeitório, uma cozinha, uma dispensa, sala de TV, uma padaria, uma telhosa⁸, e várias unidades produtivas, como caprinocultura, apiário, pocilgas, minhocário, mandala, canteiros medicinais e de legumes entre outras, totalizando vinte unidades produtivas.

⁸ Telhosa é um espaço arredondado possuindo apenas colunas e um telhado, este espaço é utilizado para momentos comuns como as místicas e trabalhos em grupos.

As chamadas unidades produtivas que também são chamadas de unidades didáticas existentes na escola são fundamentais na prática pedagógica da alternância, são como que uns verdadeiros laboratórios de aprendizagem, contextualizando toda a realidade do educando/a. Essas unidades são cuidadosamente articuladas nos períodos da formação teórica e prática, assim, a práxis pedagógica associa o saber teórico com o saber prático na escola. Toda essa proposta está direcionada na perspectiva da sustentabilidade, consciência ambiental e da produtividade com práticas de convivência com o semiárido.

Figura 4 - Quintal produtivo da família de um egresso.



Fonte: elaborada pelo o autor, janeiro de 2019.

A reflexão, a observação e a experiência são parte de um mesmo processo, e esse processo tem sua continuidade efetiva na sessão familiar. Os projetos elaborados na escola e lá experienciados nas unidades didáticas são vivenciados na família. Esses projetos são continuados no quintal de casa no primeiro momento, sendo inclusive um fator econômico para a renda da família, depois repassados para os pais e as mães em suas práticas agrícolas.

No Projeto Político Pedagógico da escola encontramos esta disposição:

A experiência é o ponto de partida e de chegada do processo ensino aprendizagem. O plano de estudo envolve experiência e observação reflexiva. Estes planos têm continuidade quando o educando encontra-se em seu meio. A formalização das observações sobre a experiência se dá no espaço escolar. Os conteúdos curriculares formais são trabalhados após a colocação em comum dos conhecimentos empíricos vividos e refletidos pelos educandos. O processo não para na contextualização. Ele continua através do plano seguinte, ou seja, da aplicação ativa no meio onde o educando vive. Neste sentido a alternância torna-se uma estratégia

fundamental para articular a aprendizagem experiencial com a aprendizagem teórica/escolar. E quando este ocorre de forma orgânica e integrada o processo formativo acontece de maneira significativa para os educandos e útil para o desenvolvimento de sua realidade. (Projeto Político Pedagógico, p. 17).

Atualmente a escola possui 29 unidades produtivas/didáticas, são chamadas produtivas porque os produtos delas extraídos são consumidos na própria escola, a merenda escola, as refeições são em sua grande parte advindas dessas unidades. São didáticas porque são laboratórios de aprendizagem, são espaços nos quais os monitores, através da observação e experiência, corroboram as reflexões em sala de aula.

A escola nasceu com projeto político e pedagógico para promover o desenvolvimento sustentável, propiciar uma formação integral e, sobretudo, fazer de todos os ambientes da vida dos educandos um espaço pedagógico, oferecendo uma educação contextualizada.

Figura 5 – Canteiro da escola.



Foto: elaborada pelo autor em dezembro de 2018.

Diante desta proposta de ensino, a EFA Dom Fragoso se apresenta como uma educação diferenciada das escolas convencionais e é uma alternativa e proposta conscientizada de educação diante das políticas educacionais. A escola forma filhos (as) de agricultores e agricultoras para buscar alternativas adequadas para conviver com o semiárido/campo e tirar dele o sustento para o jovem e sua família, além de oferecer uma formação contextualizada.

A Escola Dom Fragoso é mantida por várias entidades públicas e privadas, nacionais e internacionais, tendo como entidade captadora e gestora a AEFAl. Esta entidade é

composta por todas as famílias que têm filhos matriculados regularmente na escola, também por pessoas físicas e jurídicas que têm interesse e o compromisso com o desenvolvimento do semiárido de forma sustentável, tendo a educação como ferramenta imprescindível para a concretização de uma formação contextualizada dos filhos e filhas do campo.

A EFA Dom Fragoso organiza a gestão pedagógica e administrativa de forma participativa e democrática. A escola possui uma organização chamada Conselho de Escola, composto por representantes dos monitores, educandos, pais e mães dos mesmos, tendo a incumbência de acompanhar a execução e fazer a avaliação do Plano de Formação que é o principal instrumento pedagógico utilizado na Pedagogia da Alternância, implantado na escola. Este conselho é formado dentro dos critérios formulados pelo Conselho Administrativo da AEFAI e uma equipe educativa da própria EFA.

O Conselho de Escola discute e analisa os problemas de toda a comunidade escolar, direcionando os devidos encaminhamentos para a busca de soluções aos casos propostos, tendo, também, a missão de fazer uma apreciação global dentro do processo de avaliação.

A gestão pedagógica tem como princípio a questão da participação de todos os envolvidos no processo de formação dos educandos e educandas, sobretudo partindo deles próprios, tendo-os como sujeitos de sua formação e não meros receptores de conteúdo, contrapondo-se a um modelo de escola que não vê o educando e a educanda como também responsáveis por sua formação e se utilizando da prerrogativa de que ela deve ser a responsável por oferecer o absoluto conhecimento, assim nos ajuda nessa compressão o grande educador Paulo Freire com a chamada Educação Bancária.

Com o regime de alternância, os educandos e educandas ficam por quinze (15) dias nos espaços pedagógicos da escola e os outros quinze (15) dias nos espaços pedagógicos da família e comunidade. Esses dias letivos estão amparados pelo regimento escolar e Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, atendendo à legislação vigente com o Parecer nº 1 do CNE/CEB de 2016, bem como a nossa LDB 9394/96 em seu artigo 28.

O calendário escolar segue todo um itinerário sob a égide do Regimento das Escolas de Alternância do Brasil, a saber: sessões letivas na e escola e na família, bem como no meio socioprofissional que é o ambiente da comunidade em que está inserido.

A Escola também proporciona férias escolares, comemorações cívicas e religiosas, aulas práticas e teóricas, atividades extracurriculares de caráter social, cultural, cívico, artístico, desportivo e lazer. Toda a efetivação e implementação dessas atividades pedagógicas visa a promoção de uma formação integral do educando e da educanda.

A EFA Dom Fragoso que utiliza a proposta educativa da alternância busca, sobretudo, a promoção da formação integral do aluno/filho e o desenvolvimento do campo em bases sustentáveis, estando articulada em quatro princípios delineados como pilares, conforme nos mostra o Projeto Político e Pedagógico da escola, a saber:

a) A Associação como princípio da participação – é princípio da participação, sem o envolvimento da família não a possibilidade de estabelecer uma formação integral para os alunos/filhos. O processo educativo é construindo sobretudo pelas famílias e toda comunidade. Todos são sujeitos no processo ensino-aprendizagem, o alternante não é somente o aluno da escola, mas um ator em todo seu contexto como cidadão, nisso é considerado como espaço pedagógico todos os seus ambientes.

b) A Pedagogia da alternância como princípio metodológico – é a metodologia aplicada como estratégia de ação pedagógica, essa ação verificou-se que é a mais apropriada à realidade do campo. A alternância entre o ambiente escolar e o meio sócio – familiar com períodos em ambos os contextos têm a finalidade e a primazia da experiência e tem por compromisso o envolvimento de todos no processo educativo como atores na formação; famílias, monitores, educandos e profissionais do meio.

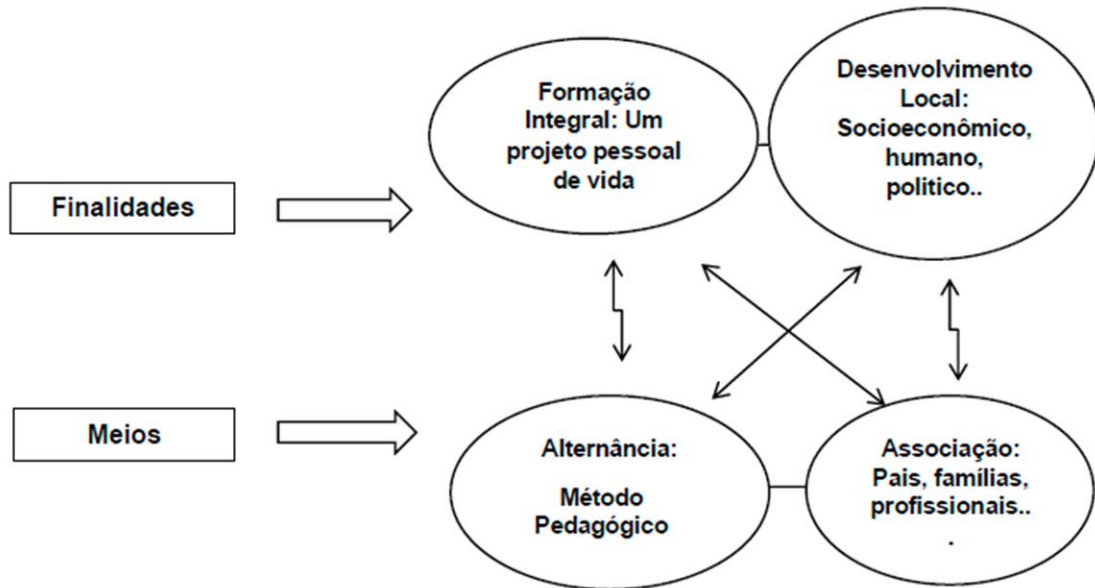
c) A formação Integral da Pessoa Humana – propõe-se desenvolver a pessoa como um todo; humano, espiritual, ético, intelectual, social, político, enfim, colocando os/as educandos/as como sujeitos responsáveis pelo seu percurso formativo, visando o engajamento social, a participação comunitária, o envolvimento com a família e a profissionalização.

d) O Desenvolvimento Rural Sustentável – leva em conta as pessoas, o ambiente, a agropecuária com princípios da agroecologia, as relações de gênero e a socioeconômica solidária. Desenvolver o ambiente onde está inserido o educando é questão *sine qua non* para a permanência do homem e da mulher do campo.

Partindo destes pressupostos, a prática pedagógica da Escola Dom Fragoso estabelece como itinerário formativo a formação integral do jovem e o desenvolvimento de sua comunidade, além de todo o seu contexto. Por meio da alternância dos espaços pedagógicos,

vê-se o alternante como sujeito, bem como sua família e a associação delas, como observamos na Figura 1 a seguir: segundo GIMONET (2007 p. 15).

Gráfico 1 – O alternante como sujeito.



Fonte: Gimonet (2007).

A EFA Dom Frágoso conduz, em sua estrutura fundamental, portanto, esses pilares apresentados, pois tem na Pedagogia da Alternância sua prática principal. Na compreensão de Gimonet (2007, p. 28), a finalidade dessa prática pedagógica é de um lado a formação integral do alternante, a educação como a mola mestra e, de outro, articulada com a inserção em seu ambiente socioprofissional, com o objetivo último de contribuir com o alternante em seu desenvolvimento de seu território. Assim, a metodologia compreende um conjunto dos períodos formativos que se repartem entre o meio socioprofissional, entendendo também no meio familiar, a comunidade e a escola. Confirmando o Projeto Político Pedagógico da escola em seus objetivos:

Promover uma formação contextualizada e integral de jovens agricultores/as camponeses/as, buscando desenvolver o protagonismo juvenil e tecnologias apropriadas para a convivência com o semiárido do território Inhamuns/Crateús, na perspectiva do bem viver no sertão cearense. (Projeto Político Pedagógico - PPP, 2015, p. 29).

Compreender essa prática da alternância é compreender como um conceito polissêmico, pois a referida metodologia não se reduz apenas a uma justaposição de idas e

vindas do alternante pelos ambientes. Este projeto pedagógico fundamenta-se nas pedagogias ativas e criativas, construído no que poderíamos denominar de “paradigma emancipatório”, ou mesmo de empoderamento dos alunos, sendo esses sujeitos de todo processo formativo.

3.6 Instrumentos Metodológicos da Alternância da Escola Dom Fragoso

Os instrumentos utilizados na prática pedagógica da escola seguem um Plano de Formação, uma vez organizados, integram os conteúdos vivenciados aos conteúdos próprios da educação profissional como técnicos agrícolas e da formação como todo. Para melhor compreensão dividirei os instrumentos pedagógicos adotados na EFA Dom Fragoso que estão no Projeto Político Pedagógico da Escola aqui organizados em dois blocos; aspectos metodológicos e registros:

a) Organização das experiências formativas: Aspectos metodológicos

1. Colocação em Comum (CC) - Socialização da pesquisa do PE. Acontece no início da sessão escolar. É o elemento que gera o ponto de partida do processo ensino-aprendizagem. Ou seja, a lógica dos conteúdos disciplinares, numa EFA, segue a tematização a partir da realidade e não do livro didático e a ordem do programa oficial. Nesta perspectiva, os conteúdos curriculares devem estar em função de iluminar, aprofundar a visão sobre o tema em estudo.
2. Viagens e Visitas de Estudo - Uma atividade complementar ao PE. Implica em intercambiar experiências concretas e interessantes, conhecer como outros as fazem e comparar, interrogar-se, tirar conclusões e lições que possam ajudar na melhoria da realidade social, profissional, etc. do educando.
3. Intervenções Externas - São palestras, cursos, testemunhos de pessoas com práticas. Também está ligada ao tema do PE como forma de complementar. Geralmente, são realizadas por profissionais, lideranças, parceiros que colaboram voluntariamente como conformadores.
4. Estágios - Vivências práticas em meios produtivos da agricultura familiar ou camponesa, organizações sociais afins, serviços, com o devido acompanhamento do “supervisor de estágio”.
5. Aplicações práticas no meio - Atividades de Retorno e Experiências - A cada volta para casa, o educando traz uma nova pesquisa de PE ou uma Folha de Observação e, conseqüentemente, uma atividade.

6. Atividade relacionada com o PE anterior aprofundado na EFA, “fechando” o ciclo de uma alternância. São experiências, atividades práticas aplicadas em sua realidade. Estas atividades podem estar ligadas aos setores econômicos, sociais, culturais, ecológicos, etc. É fundamental, na Pedagogia da Alternância, o empreender para aprender.
7. Visitas às Famílias e Comunidades - Atividade realizada pelos monitores (as) para diagnosticar a realidade social, econômica, cultural, religiosa, ecológica dos educandos, suas famílias e comunidades. Uma EFA não só ensina, mas faz debates, pesquisa, experiências e comunica, interage com as famílias e suas comunidades. Este instrumento é uma das formas da EFA acompanhar o educando em seu meio, avaliar sua intervenção junto à sua família e comunidade.
8. Acompanhamento Personalizado ou Tutoria - Cada monitor/a é tutor/a, ou seja, fica responsável por acompanhar de perto certo número de jovens. Este acompanhamento acontece no início e decorrer de cada sessão escolar, onde o monitor aprecia a pesquisa do PE, orienta a sua melhoria, dá um visto no Caderno da Realidade, no Caderno de Acompanhamento, nas atividades escolares da sessão familiar; conversa de forma informal sobre como foi a vida, a convivência na família, no trabalho, na comunidade, etc. Este instrumento ajuda na orientação profissional, na construção do Projeto de Vida da Família Camponesa - PVFC.
9. Serões de Estudo - Um espaço à noite para debates abertos sobre os temas mais variados da atualidade e, sobretudo, do interesse dos educandos. Por isso, eles devem participar da construção e execução de um Plano de Serões ao longo do ano. Esta atividade é acompanhada por um monitor que exerce apenas a função de orientador.
10. Projeto de Vida da Família Camponesa (PVFC) - O Projeto de Vida da Família Camponesa (PVFC) nasce pela necessidade de se contemplar toda a produção familiar, além de se entender que uma atividade apenas, não garante a sustentabilidade produtiva da família. Sendo assim, numa reflexão da semana pedagógica de 2011-2012 com toda a equipe, foi estabelecido que fosse potencializada e/ou ampliada (para os que já tivessem uma ou mais atividades produtivas); e para os que não tivessem, passassem a implantar, sendo que, no final do curso tivessem implantado uma média de cinco unidades produtivas. Contudo, devido a este período prolongado de seca, sendo inviável cinco para a maioria das famílias, combinou-se que seriam exigidas apenas três atividades. Outro fator que justifica o PVFC é a importância do envolvimento de toda a família no assumir do projeto. Deixando evidenciado que o projeto não é apenas do Jovem e sim de toda a família. Assim, quando o mesmo não estiver no espaço familiar, a família assume o projeto e não o faz por obrigação, mas como uma atividade que possibilita mais autonomia familiar na produtividade. O PVFC não é meramente um trabalho

prático que o jovem apresenta ao término do Ensino Médio Técnico. Mas sim um instrumento que dentro da Pedagogia da Alternância, equipara-se ao PPJ, contudo, sendo mais abrangente. Específico da EFA Dom Fragoso, tem como finalidade primordial envolver toda a família na construção da autonomia no setor produtivo da agropecuária, de modo a gerar desenvolvimento e renda, visando garantir ao concluinte e sua família, meios para se manter profissionalmente no campo. Então o jovem não sai apenas com um certificado que resume sua trajetória formativa junto à EFA Dom Fragoso, mas com uma proposta concreta e viável de produtividade no seio familiar. Portanto, o jovem passa a desenvolver suas atividades produtivas, no 1º ano, numa perspectiva de chegar ao 3º ano com todas as atividades em prática, conforme definido pela EFA, de acordo com o diagnóstico da família/comunidade. Ao final do 3º Ano, os jovens apresentam o projeto a uma banca para ser aprovado no curso, cujo principal requisito é tê-lo colocado em prática. Ou seja, o jovem escreve sobre as atividades, põe em prática e defende, apresentando possibilidades de produtividade no semiárido cearense e conseqüentemente, de vida digna, a partir das perspectivas de produção camponesa. O PVFC enquanto documento, é uma sistematização final do curso. Ele representa um meio de desenvolver as capacidades, de se projetar, elaborar formalmente o que pretende fazer. Um meio de planejar o seu futuro e contribuir para o desenvolvimento rural sustentável de sua família no campo (Documento da EFA D. Fragoso, 2014).

11. Avaliações - Na Pedagogia da Alternância a avaliação ganha uma dimensão ampla e necessária continuamente. Toda Sessão Escolar deve privilegiar um tempo para avaliar a convivência na vida de grupo do internato: o desempenho, interesse e participação nos instrumentos pedagógicos, nas tarefas domésticas, nos aprendizados das áreas de conhecimento, etc. No processo avaliativo deve-se buscar promover um senso de responsabilidade nos educandos. A equipe de monitores, o Plano de Formação, os temas de PEs, enfim, todo o Projeto deve ser avaliado. Compreendendo que a alternância equivale a um tempo na escola integrado com um tempo na família-comunidade e que o PE constitui o elemento integrador, aglutinador destes tempos e espaços. É fundamental que se faça uma avaliação ao final de cada ciclo de alternância averiguando a pertinência do tema, o nível de interdisciplinaridade que se conseguiu implementar. Busca fazer com que os educandos tirem suas conclusões a partir da relação do que pesquisaram, dos conhecimentos empíricos obtidos com o PE, da visita de Estudo, da intervenção externa, com os conhecimentos científicos aprofundados na sessão escolar por meio das aulas.

b) Organização das experiências formativas: Registros

1. Planos de Estudo (PE) - Um tema da realidade para o jovem pesquisar junto à sua família, comunidade etc. Por princípio, o PE é um dos elementos integradores do tempo-escola com o tempo-família-comunidade.
2. Folha de Observação - (FO) - Um recurso de pesquisa, complementar ao PE.
3. Caderno da Realidade (CR) - Livro da vida do jovem alternante. Espaço onde ele vai registrando as suas pesquisas, ou seja, os Planos de Estudo: as sínteses pessoais, grupais, os relatórios de visitas de estudo, das intervenções externas, das experiências e atividades de retorno em geral que aplica na escola, na família e comunidade, a partir do PE.
4. Cadernos Didáticos - Uma modalidade de “livro didático” elaborado dentro da metodologia de alternância, com a finalidade de dar o aporte teórico, ou seja, o aprofundamento científico.
5. Cadernos de Acompanhamento da Alternância - É um documento que registra o que aconteceu na sessão escolar e no tempo socioprofissional. Permite monitorar, avaliar, e ao mesmo tempo, é um veículo de comunicação de mão-dupla entre escola-família e família-escola.

4 A SALA DE AULA E O QUINTAL DE CASA COMO ESPAÇOS PEDAGÓGICOS COMPLEMENTARES NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

A humanidade perpassa, a cada década, por um processo de mudança em grandes proporções. As instituições, grupos sociais, lideranças e todo o conjunto da organização social experimenta, até mesmo na sua constituição, uma vertiginosa mudança. A globalização e os avanços tecnológicos, sobretudo na área da comunicação, favoreceram um campo fértil para essas mudanças; os paradigmas mudaram a concepção de determinadas ideias, tomaram outros contextos e significados, ou seja, aquilo que foi não é mais. Diante desse quadro, novas perguntas são impostas, com isso as respostas precisam ser contextualizadas.

Há um entendimento global que hoje a família, a célula basilar da sociedade, passa por novas configurações, concepções, modelos e até sua ausência são postos em discussão, a família nunca foi tanto objeto de análise quanto nos dias atuais. Sobre os impactos das mudanças do século XXI, a família, dentro das instituições da sociedade atual, foi a que mais sofreu com as mudanças, a ponto de trazer uma nova ressignificação em sua própria constituição. Assim, nos aponta Scott (2017):

Família é tema instigante, polêmico, desafiador, além de bastante complexo. Mas será que a família está em crise? Vimos que ela está diferente e está se reinventando, o que

a rigor, não é novidade, já que a história tem mostrado que a família é uma instituição dinâmica (SCOTT, 2017, p. 108).

Desafia a escola hoje, a busca de uma relação de mútua cooperação efetiva da família no cotidiano da escola. O segundo espaço que uma criança e um jovem mais passam tempo em sua idade de formação é o ambiente escolar, como fazer da casa uma extensão da escola e a escola uma extensão da casa? Iremos buscar resposta na EFA, que tem a casa também como sala de aula.

4.1 O diálogo com as famílias: os dizeres em suas falas

Pontuo aqui as falas dos envolvidos da pesquisa, estão alocadas considerado as falas relevantes nos quadros,⁹ levando em conta as categorias conceituais, as ideias centrais, evidenciando também as categorias de análise surgidas como verificaremos a seguir. No apêndice estão as falas dos os sujeitos que nos levaram as categorias de análise a partir das frequências que surgiram.

No final dos quadros darei detalhes de como foi organizado esses dados lembrando que teve como referência a análise de conteúdo da Laurence Bardin. Saliento ainda que a coleta desses dados primários teve como instrumentos metodológicos as entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas foram elaboradas dentro de temas que possibilitavam aos sujeitos expressar suas compreensões acerca da prática pedagógica da escola e sua contribuição para as famílias dos mesmos. Os temas propostos para os sujeitos foram; EFA Dom Frágoso, Família, Pedagogia da Alternância, comunidade e Educação do Campo.

Por questões metodológicas e objetivando a busca de compressão da prática pedagógica da escola e sua contribuição para as famílias organizei neste primeiro momento em dois quadros com as categorias; Família e Prática Pedagógica.

⁹ Os quadros estão detalhadamente no apêndice.

Quadro 1 – Categoria Família.

SUJEITOS	FALAS	IDEIAS CENTRAIS	CATEGORIAS DE ANÁLISE
F 1 – P	Ele era calado demais, até dentro de casa ele conversava pouco, ele era muito tímido, mas ele desenvolveu a conversar, tá entendendo? E com esse negócio lá ele já foi desenvolvendo onde ele já dava reunião, em muito lugar por aí. Fez foi melhorar tudo, a convivência lá é outra também, a convivência lá é outra também, aqui estava numa convivência boa, mas porque trazia de lá, beleza era a gente aprendendo com ele e ele aprendendo com a gente.	Diálogo e aprender com a convivência.	Convivência familiar.
F 1 – M	A gente dizia para fazer isso, e eles não iam na hora que a gente mandava. Ai depois que eles foram pra EFA, ficaram uns meninos mais entendidos, mais calmos, eles agora procuram é concertar o que está errado. Eles ficaram mais próximos, se abriram mais, ficaram mais amorosos. Porque lá eles cuidam deles como se eles fossem pais e mais de cada aluno.	Diálogo, afeto e Convivência familiar.	Convivência familiar.
F2 - E	Uma grande mudança que eu vivenciei, a gente tinha que dialogar muito com a nossa família, e na adolescência a gente não tinha esse hábito, era muito na minha, a gente conversava uma coisa ou outra, mas não tinha aquele hábito de sempre conversar, de falar da nossa vida, e ai com o PE, que foi primeira pesquisa, que era	Diálogo e Convivência familiar.	Convivência familiar.

	descobrir a história da nossa família e da comunidade, aí tive que ir atrás de informações, que eram muitas perguntas, quais as nossas origens, de onde os familiares vieram, e a partir daí a gente foi criando esse vínculo, de conversar.		
M-1	Nós encontramos situações de jovens que não falavam com os pais direito, que eram praticamente intrigados. Os pais relatavam, que uns não tinham um bom relacionamento, não tinham diálogo, eles falam que na primeira seção eles conseguem perceber essa mudança, essa mudança pessoal, essa mudança de relação mesmo, entre pais e filhos, filhos e comunidade de um modo geral. Existe sim essa mudança, e ela começa a acontecer, eu diria que nos primeiros dias.	Diálogo e Convivência familiar.	Educação humanizadora.
SUJEITOS	FALAS	IDEIAS CENTRAIS	CATEGORIAS DE ANÁLISE
F2 – P	Elas pensavam em sair da comunidade, aí quando foi pra EFA, foi quando perceberam que queriam ficar aqui mesmo, daí elas não quiseram mais sair. Dizendo, que aqui dava para conviver e elas aprenderam lá. Agente ficou sempre participando das reuniões na comunidade.	Permanência na comunidade.	Convivência.

<p>F5 - E</p>	<p>Antes da escola você se preocupava com a comunidade? Não. Posso dizer que essa minha mudança toda, foi depois que eu entrei na escola, tanto na família quanto na comunidade. Porque o primeiro plano de estudo que a gente faz quando chega na escola é com a família e a com a comunidade, que é quando a gente vai saber a história da comunidade, procurar as pessoas mais idosas da comunidade que já estão mais tempo aqui, e a gente vai descobrindo qual é a cultura da comunidade as formas das famílias viverem a história da própria comunidade, como surgiu, quais foram os primeiros habitantes na comunidade, o porquê do nome da comunidade. Eu praticamente não conhecia muitas famílias daqui.</p>	<p>Diálogo com as famílias da comunidade.</p>	<p>Diálogo.</p>
<p>M-4</p>	<p>Na comunidade, por exemplo é necessário quando eles vão fazer visita, que eles visitam as casas, conversem, escutem mais do que falam pra entender como é a situação pra depois refletimos juntos e outra coisa que agente insisti em muito é que nessas visitas eles tenham um momento especial pra comunidade, como é que a comunidade vai está dizendo o que é que a comunidade está pensando, o que é que está sentindo.</p>	<p>Diálogo com as famílias da comunidade.</p>	<p>Diálogo.</p>

Quadro 2 – Prática Pedagógica

SUJEITOS	FALAS	IDEIAS CENTRAIS	CATEGORIAS DE ANÁLISE
F1- P	Na EFA lá só tem uma coisa que eles não ensinam os alunos é roubar, mas o resto, eles ensinam a trabalhar, ensina a vocês se educar, ensinar você a conviver com o campo, meio ambiente. Eles já vinheram várias vezes. Eles vieram saber como era que estava aqui, as coisas e tal, se seu filho aqui, se mudou ou não mudou.	Acompanhamento na família, educação contextualizada e humanizadora.	Educação contextualizada.
F1- M	A escola tem uma vantagem muita mais do que essa outra. Eles educam as crianças do jeito que é pra ser. Ser um caminho certo, não entrar no caminho errado. O pessoal da escola vem me visitar duas vezes por ano. Perguntava como estava indo ele tinha um caderno de atividade em casa. Era para saber como estava aluno indo na sua comunidade se ele participava de reunião.	Acompanhamento na família, educação contextualizada e humanizadora.	Educação humanizadora.
F3 - M	Os alunos se cria lá 3 anos parece que são irmandade, é uma coisa mais maravilhosa. Irmandade um dos outros, eles são irmãos né, aquela humanidade que quando sai da EFA quando vão se despedir chora com saudade, a união que faz a força. Lá eles traz a verdade, não mentir, a falar o que viu, e de praticar, se tem uma coisa errada, olha mãe é assim e assim.	Afetividade, convivência e valores.	Educação humanizadora.

<p>F2- M</p>	<p>Eu coloquei eles na EFA porque eles aprenderam lá a trabalhar e a respeitar as pessoas, aprenderam a conviver com as pessoas, mexer com as plantas e os animais. A diferença é que aqui, os meninos não tinha um certo moral, eles não tinham respeito nem pelos estudos deles, e lá nunca ouvi falar de danação deles.</p>	<p>Valores, educação contextualizada e convivência.</p>	<p>Educação humanizadora.</p>
<p>F4 - E</p>	<p>A gente enxergava a EFA como uma escola que ensinava as atividades do campo que a gente aprendia a viver no campo a trabalhar as coisas que tem da agricultura né a desenvolver a agricultura familiar. Eu via a EFA com uma visão maior do desenvolvimento, no geral no desenvolvimento no todo lá além de ser, de aprender a trabalhar na agricultura e pecuária você também aprender a conviver com pessoas diferente locais, diferentes aspectos culturais é uma coisa que você vai aprender a conviver em qualquer lugar que você chegar. A EFA ensina você a olhar para o pedaço de terra e ali você está enxergando que ali que você vai conseguir fazer alguma coisa que vai obter lucro que vai obter uma vida né, as vezes a gente passa próximo a um local que tem um potencial bem grande né e não enxerga e a gente indo para EFA consegue enxergar um potencial enorme.</p>	<p>Educação contextualizada e convivência.</p>	<p>Educação contextualizada.</p>

M - 2	O que presa muito aqui na escola são as unidades produtivas, que é onde você consegue fazer na teoria, na sala de aula, ou lá mesmo dentro das unidades produtivas, e consegue fazer a turma pra dentro das unidades pra fazer na prática, que é aquilo que você viu na teoria, então essas experiências que a gente faz aqui, ela faz com que os próprios educandos percebam que aqui na escola, que está situado no semiárido.	Teoria e prática na Educação do Campo.	Educação contextualizada.
SUJEITOS	FALAS	IDEIAS CENTRAIS	CATEGORIAS DE ANÁLISE
F1 - M	A raiz começou daqui, completou lá, o que eu não sabia lá, ela explicou para mim. Era diferente porque não tinha tanta coisas boas que elas praticaram lá e trouxeram pra semear no nosso lugar pra nós fazer aqui, fazer o que comer e ter mais vida.	Interação entre escola e família.	Diálogo.
F4 - E	A questão da alternância, facilita muito a desenvolver para a gente aprender a conversar aprender a dialogar com pessoal. Toda vez na alternância, porque a gente trabalha com temas nos planos de estudos aí primeiro começou a família, a convivência com o semiárido, a família e aspecto cultural, cada tema desse a gente trazia para a família para a comunidade discutir ver como as famílias trabalhava aqui, dentro da comunidade esses temas se existia, quais as culturas que tinha aqui na comunidade e além	Interação entre escola e família	Diálogo

	da agente está levando para a escola, a gente aprendia lá outras culturas diferentes que os outros estudantes traziam da comunidade deles, a gente fazia uma troca de experiência.		
M-4	Mais uma preocupação que a gente tem nessa metodologia de trazer para a escola, o trabalho dos pais a experiência dos pais, o que eles já fazem no campo. Agora a finalidade era refletir com ele. Ampliar esse conhecimento, enriquecer, questionar, devolver. Isso relaciona a família. Isso naturalmente já é uma fonte de ligação de abertura é a coluna vertebral, a espinha dorsal da pedagogia da alternância.	Interação entre escola e família.	Convivência familiar.
SUJEITOS	FALAS	IDEIAS CENTRAIS	CATEGORIAS DE ANÁLISE
F2 - P	Elas foram aprendendo mais do que eu, aí foi bom. Tem coisa que eu aprendi lá. O veneno ninguém usa mais, eu usava. A gente ver que não é necessário o veneno. Está melhor. Aí o alimento é saudável, e ninguém queima mais. Rapaz, o quintal da gente, antes delas irem pra lá, se você visse como era antes, era igual esse terreiro ai do lado, não tinha nada, e hoje tem uma grande diferença.	Consciência ambiental e pais e filhos aprendendo juntos.	Educação contextualizada.
F5 - E	A gente ia plantar, ia ajudar a colher, mas pela importância de fazer a adubação no solo, de compreender que as queimadas não é essa coisa bacana que vemos nossos pais fazendo, que tem resultados muito negativos.	Consciência ambiental e educação contextualizada.	Educação contextualizada.

	<p>E fomos despertando pra isso, pra entender que aqui não é esse lugar desgastado de gente sofrida, de gente pobre, de gente que não tem oportunidade.</p>		
<p>M - 4</p>	<p>A educação ela precisa ser integral, então não podemos botar ideias novas na mente dessa turma, pra que eles não se preparem somente pro ENEM pra faculdade, mas a preocupação maior é que eles se percebam como gente, como pessoas eles fazem parte de uma família duma comunidade, de uma sociedade que tem esse tipo de problema, então ajudando esses jovens, esse relacionamento rapaz e moça, ajudando essa turma a ter uma convivência familiar, onde os monitores não se coloquem somente como professores, mais como alguém que quer acompanhar, quer ser amigo, ser companheiro, que escuta, que conversa e, tudo mais, ajudando esses jovens a crescerem melhor, creio que temos que ajudar essa turma a valorizar mais a convivência familiar</p>	<p>Educação para a vida.</p>	<p>Educação humanizadora.</p>

Fonte: Dados de pesquisa, 2019.

No processo de organização e análise desses dados e diante do que eu buscava na investigação da pesquisa recorri a temas que me proporcionou a verificação do material para análise. Esses temas são por ordem: EFA Dom Fragoso, Família, Pedagogia da Alternância, Comunidade e Educação do Campo. Como proposta de análise de conteúdo busquei a referência de Laurence Bardin (1977), que salienta que a análise de conteúdo procura conhecer aquilo está por trás das palavras sobre as quais se debruça.

Na esquematização dos temas e sua organização utilizei um quadro, no apêndice, pode-se verificar a estrutura dessas entrevistas de forma detalhada, ou seja, na íntegra. O quadro foi assim organizado: na primeira coluna do lado direito são os temas que usei na entrevista, na coluna que segue traz os sujeitos da pesquisa devidamente codificados, na terceira coluna foi levantado as falas de cada sujeito referente a cada tema, na coluna que segue foi identificado as ideias centrais, logo após expus as ideias que mais se repetiram e dei as frequências, vide no apêndice, somando as maiores frequências que se constituíram em categorias de análise.

Na fala dos sujeitos a partir das frequências de seus depoimentos nas entrevistas foram identificadas as categorias de análise, surgindo também outros temas que nos serviram de contribuições. Assim tivemos; Convivência Familiar com 51 frequência, Educação Contextualizada com 31 frequência, Educação Humanizadora com 14 e Diálogo com frequência de 12 vezes.

Após a organização e análise dos dados ficou evidenciado a constituição das seguintes categorias de análise: convivência familiar, educação contextualizada, educação humanizadora, diálogo, consciência ambiental e valores religiosos. Estas categorias, portanto, serão objeto de nossa apreciação.

4.2 Apreciação do que foi achado: Convivência e Diálogo

Diante dos dados devidamente organizados, partimos agora para a identificação daquilo que achamos nesta pesquisa, ou seja, trazer a luz a contribuição, bem como a eficácia da prática pedagógica da Escola Dom Fragoso para as famílias dos egressos.

Dentro de um contexto de expansão da Educação do Campo, em nossa investigação nos portamos para uma experiência pioneira e exitosa no Estado do Ceará, mais precisamente na Escola Família Agrícola Dom Fragoso que está situada na comunidade de Santa Cruz, município de Independência, que desde 2002 adota como prática pedagógica o modelo da Pedagogia da Alternância.

A prática pedagógica da alternância se apresenta hoje como uma novidade pouco elucidada na área da educação, esse conceito e sua prática já estão há algumas décadas em pauta no mundo, e em nosso país, como já vimos anteriormente, este conceito fundamenta-se na prática educativa que foi desenvolvida pelos movimentos sociais nas últimas décadas e pelas diferentes organizações que atuam com Educação do Campo.

Segundo Calazans (1993), na direção do histórico social e da influência dos movimentos populares na educação do país, torna-se importante enfatizar os movimentos educacionais, como o MEB, com o método de Paulo Freire, que desenvolveram propostas inovadoras contrárias às que incidiram até então e destacaram-se pela criatividade teórica e metodológica.

Na LDB, em seu artigo 1, vê-se:

A educação deve abranger os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996).

Ou seja, de acordo com a LDB, os indivíduos podem ser educados e se tornarem cidadãos e cidadãs em família, no trabalho, na escola, nas organizações sociais e por meio de sua cultura. Assim, sustenta que a escola e os espaços extraescolares são grandes ferramentas de aprendizagem para o exercício da cidadania. A prática pedagógica da alternância, com sua metodologia, linguagens e instrumentos, contempla o anseio de uma educação contextualizada e que tem como foco disseminar o conhecimento sistemático sobre o ambiente onde estão inseridos os jovens e, sobretudo, possibilitando o envolvimento de toda família na formação dos filhos.

A discussão sobre a inserção da família no cotidiano das escolas sempre foi pauta instigante e desafiadora. Pesquisadores, educadores e setores da sociedade sempre trazem à tona a urgente necessidade de buscar meios para que a família participe de forma direta da formação de seus filhos.

A metodologia com alternância dos espaços pedagógicos leva ao alternante/aluno a buscar, em seus ambientes, sua própria formação, pois o aluno não é apenas um receptor e o meio, é fonte de formação e conhecimentos que, na sua integração, vai se delineando na medida de sua exploração e interação. Segundo Gimonet:

Com a Pedagogia da Alternância deixa-se para trás uma pedagogia plana para ingressar numa pedagogia no espaço e no tempo e diversificam-se as instituições, bem como os atores implicados. Os papéis destes não são mais aqueles da escola costumeira. O jovem (pré-adolescente, adolescente, ou jovem adulto) em formação, isto é, o “alternante”, não é mais um aluno na escola, mas já um ator num determinado contexto de vida e num território. Sua família é convidada a participar ativamente de sua educação, de sua formação, acima de tudo porque é jovem (GIMONET, 2007, p. 19).

A prática pedagógica da alternância busca uma nova e dinâmica relação entre família e escola, onde nem a escola é imposta como uma instituição soberana e carregada exclusivamente na prática do ensino, nem a família é mera coadjuvante no processo de ensino-aprendizagem. Os instrumentos pedagógicos da alternância levam ao aluno/filho a se inserir nessa dinâmica entre escola e família, ou seja, o seu meio como construção de sua formação.

A alternância dos espaços pedagógicos é fundamental dentro do processo de aprendizagem da Escola Dom Fragoso, ou seja, ela é a espinha dorsal de sua prática pedagógica. Como afirma um dos sujeitos da pesquisa membro da escola M – 18, em sua fala,

A pedagogia da alternância ela alterna o que? Em primeiro lugar alterna o tempo, o tempo que os alunos, e os educandos passam no campo e na escola, e o tempo que passam na comunidade, na família, então a gente começou a compreender que a pedagogia da alternância ela se equilibra, ela se realiza a partir de três colunas mestres, a escola, a família e a comunidade. A gente então estuda o tempo depois a gente alterna essa participação dessa integração de professores, direção com as famílias e a comunidade. A gente alternou também a questão da teoria da prática, alterna não só o tempo, alterna o conteúdo então vai olhar a realidade, vai olhar qual é a sabedoria o que é que eles já sabem de conhecimento a partir dos pais. (Membro da escola 4 – fundadora da escola).

Corroborando com essa fala o Projeto Político Pedagógico da escola:

A alternância está embasada no princípio de que a vida ensina mais que a escola, por isso o tempo escolar é alternado e integrado com o tempo familiar. O trabalho e as experiências sociais no meio integram o currículo, constituem os conteúdos vivenciais básicos da ação educativa da EFA. (Projeto Político Pedagógico - EFA Dom Fragoso, 2015, p. 10).

O que foi averiguado foi que a partir do espaço pedagógico, escola, e do espaço pedagógico, família, bem como a comunidade também como espaço pedagógico, coadunado entre si na dinâmica do aprender, temos uma valiosa e verdadeira interação entre a unidade educativa, com todos os seus espaços pedagógicos e a família com todos os seus espaços familiares, resultando no que se chama de resgate da convivência familiar. Eis o que nos relata um dos egressos:

Antes era bem complicado, porque a gente praticamente não conversava, não tinha nada de sentar de conversar era escola, brincadeiras com os colegas as vezes ia para roça e a gente nunca tinha trago para a família que a família se interessasse, a partir que a gente começou a fazer um quintal produtivo, começou a desenvolver a caprinocultura, a família foi se aproximando a gente começou a trabalhar junto, mas antes não tinha isto, melhorou muito a questão da convivência com a família. (Família 04 - Estudante egresso).

O que nos remonta definir a questão da grande contribuição da escola na questão da melhora ou até mesmo da descoberta da convivência na família pelos quais os egressos vivenciaram foi a questão desse modelo pedagógico de alternar os espaços. Na sessão escolar os educandos/as compartilham todo dia suas experiências, todo espaço é comum, não só a sala de aula.

As atividades são todas direcionadas não somente para aprendizagem em si, mas que essa aprendizagem se constitua a partir da convivência, sobretudo nas unidades produtivas. É entendido e vivenciado, portanto, a concepção de que a convivência nos transporta a uma dinâmica da vida de que viver é conviver, saber que o diferente também é caminho de aprendizagem. E os/as alternantes acabam transpondo essa prática do conviver para seus espaços familiares. É neste sentido que a escola em sua prática através da pedagogia da Convivência e da Alternância é que vai construindo esse cenário na família, vejam-se:

Na EFA também tem a questão de que nós vivemos aqui como se fosse uma grande família, então esse trabalhar sobre os valores, esse diálogo franco verdadeiro que existe aqui na seção monitores e educandos, eles acabam levando, eles acabam aprendendo a olhar no olho, a dizer aquilo que pensa, pois que o que eles pensam não seja aquilo que a gente quer ouvir, mas isso é bom de falar na cara aquilo que pensa e acabou, se não gostou vamos entender porque não gostou nós vamos entender por que não gostou, procurar pelos menos compreender. O diferencial da EFA é a convivência. Esse povo conhece mais da gente do que o povo da minha própria família. (Membro da escola 1 - Monitora).

E ainda enfatiza, a mesma,

(...) a convivência, eu atribuo muito a convivência, ela permite isso. Ela faz com que de verdade quando dizemos que somos uma família isso se torna real, porque é realmente uma grande família, com aquilo que é legal e com os nossos defeitos também, é tal e qual e aquilo que não é legal a gente vai todo dia trabalhar para mudar isso, a partir da aceitação, a partir de compreender que cada ser é um ser na sua individualidade mas que essa individualidade é que faz com que o coletivo aconteça, porque ninguém é igual a ninguém, cada qual com suas individualidades, mas essas individualidades sendo trabalhada coletivamente no sistema de grupo, ele faz de verdade o potencial com que isso se torne real. Todos que estão aqui tem esse objetivo, os objetivos são comuns, da questão da aprendizagem, do conviver melhor no semiárido. Todo nosso objetivo de verdade ele é vivenciado aqui dentro. (Membro da escola 1 - Monitora).

A proposta metodológica na prática pedagógica da EFA Dom Fragoso trazida em seu Projeto Político Pedagógico é regida pela construção de saberes tendo como sentido último

a convivência com o semiárido. Nesta construção está intrinsecamente a construção do bem viver, sendo a família o depositário último dessa construção. Compreender o verdadeiro papel e o sentido da convivência a partir dos fundamentos epistemológicos da Pedagogia da Alternância é fundamental para compreender o sentido de uma autêntica educação que se apresenta como uma educação humanizadora. Assim, vai construindo a busca do bem viver em seu habitat como campesino, tendo como base a família que vive e convive.

O conviver nos remete não só a viver no determinado ambiente geográfico, não só é apenas a ocupação de espaços por várias pessoas. O que vai se construindo na escola é que essa convivência remete a uma vivência relacional, ou seja, as relações vão se construindo. O compartilhar a vida uns com os outros naquele espaço, e só é possível dentro de uma dinâmica de interação e integração, que necessariamente nos remetem ao diálogo. Para Freire (2015), a autossuficiência é incompatível com o diálogo. Na busca de descobrir maneiras do bem viver na sua realidade campesina a família do alternante vai construindo essa busca juntos, dentro de uma condição básica da comunicação humana, que é o diálogo.

Nos relatos dos sujeitos o que perpassava como fio condutor era a questão do diálogo. No compartilhar os espaços juntos e por conseguintes desempenhar todas as atividades também juntos, sobretudo nas unidades didáticas/produzidas leva a todos os envolvidos no processo pedagógico a uma comunicação. Não se trata, porém, de uma simples troca de palavras, mas o construir descobertas, tendo seu próprio chão como um grande laboratório. E assim como a convivência, o diálogo também é transposto para a família. Vejamos o que diz uma egressa,

Uma grande mudança que eu vivenciei, a gente tinha que dialogar muito com a nossa família, e na adolescência a gente não tinha esse hábito, era muito na minha, a gente conversava uma coisa ou outra, mas não tinha aquele hábito de sempre conversar, de falar da nossa vida, e aí com o PE, (Plano de Estudos) que foi primeira pesquisa, que era descobrir a história da nossa família e da comunidade, aí tive que ir atrás de informações, que eram muitas perguntas, quais as nossas origens, de onde os familiares vieram, e a partir daí a gente foi criando esse vínculo, de conversar. (Família 02 – Estudante egressa).

E ainda o que nos disse um Monitor da escola,

(...) tem muitos educandos, quando chega na escola não tem o diálogo com a família, só passa a ter depois que sai da escola, você compara quando o aluno que acabou de chegar na escola que ele tem pouco diálogo com os pais, mas no percurso que ele está nos 3 anos aqui, isso vai modificando, os próprios pais colocam isso pra gente, modificando ao ponto de que quando chega no 3º ano, você passa a observar de como ele está saindo de como ele chegou, assim uma coisa absurda, uma mudança muito brusca, houve uma melhora muito grande, do diálogo, da relação, nós tivemos diversos casos aqui que nem dialogava, e quando havia diálogo era em outros sentidos

não era no sentido de melhorar eram discursões na verdade, a gente percebe essa melhora. (Membro da escola 2 - Monitor).

Segundo Freire (2015), a essência da educação é como “prática de liberdade”. Na EFA os educandos/as são estimulados a serem autores de sua formação e, portanto, são livres para formular suas ideias e inseri-la em seu e espaço. O autor demonstra o quanto é importante o desenvolvimento do diálogo no processo educativo, em contraposição ao método bancário de transmissão de conhecimento: diálogo não só para conversar, mas para transformar o mundo, ou “pronunciar o mundo”. Vejamos o que diz uma egressa,

A gente aprendeu a trabalhar, mas em conjunto sabe, a gente aprendeu mais assim a sentar, planejar as coisas pra fazer então tudo o que eu fazia, mãe é assim ó, pai e as meninas, eu dizia, fulano de tal eu ouvi as experiências dele, era assim, eu achei bem bacana, vamos ver se a gente consegue fazer isso pra ajudar aqui em casa, pra melhorar isso. (Família 03 – Estudante egressa).

Dentro do arcabouço teórico de Paulo Freire, o diálogo é um dos eixos fundantes no conjunto de sua obra. Ao pronunciarmos uma palavra estamos na verdade executando uma *práxis*, transformando o mundo, pois uma palavra é uma *práxis*, e nela surge uma *práxis*. Nascido na prática da liberdade, para ele o diálogo é que historiciza o contexto que está enraizado na existência que se compromete com a vida. Define assim, o diálogo como a essência da educação como prática da liberdade. Neste entendimento, o referido autor sedimenta que quando não há um verdadeiro diálogo, não há encontro, não há uma relação de amor e respeito. Sintetizando isto expõe que:

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronúncia-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que os que assim se encontram negados no direito, proibindo que este assalto desumanizante continue” (Freire, 2015, p. 109).

No Projeto formativo da EFA Dom Fragoso há uma concepção pedagógica que direciona a proposta da escola através de um processo dialógico, que vai além de racionalidade pura somente, esse processo é construído sobre consensos de sentidos e verdades. Portanto, perpassando por todo o contexto relacional, não do educando/as, mas como também por suas famílias. Conviver remente necessariamente a dialogar, duas condições primordiais das relações humanas, que a família deve ser dentro do tecido social a base de vivência dessas condições, que transposta em consequência para todas as relações sociais.

4.3 Educação Contextualizada e Educação Humanizadora

A educação nas últimas décadas passa por profundas e significativas mudanças, novas metodologias, rumos e posturas educacionais sendo experimentados no intuito de levar ao aluno o gosto pelo saber. Os grandes centros urbanos estão cada vez mais sobrecarregados de ofertas na área de educação que desboca muitas vezes para a comercialização e conseqüentemente comprometem a qualidade na oferta.

No campo observa-se ainda uma problemática bastante significativa, que é a evasão escolar. Os procedimentos pedagógicos e seus instrumentos, que são de realidades urbanas, a estrutura das escolas rurais, e as condições sociais próprias do campo são causas preocupantes na realidade das famílias no que se refere a educação de seus filhos e filhas.

Ter uma educação contextualizada para os povos do campo se apresenta ainda como um grande desafio. A saída de suas famílias e comunidades dos jovens de pequenas comunidades em sua grande maioria se dá porque se veem obrigados a buscar nos grandes centros urbanos melhores condições de vida. E saem de suas famílias e de suas comunidades em direção às grandes cidades a procura de trabalho sem a menor qualificação e, portanto, ficam sujeitos aos exploradores de mão de obras baratas.

A escola surge no semiárido dos sertões dos Inhamus como uma proposta pedagógica que parte do chão da realidade dos/das campesinos/as tendo a família e a comunidade inseridas neste processo. Uma educação que contextualize vidas e vivências nos apontando para uma renovada perspectiva para educação, é o que impulsiona nesta direção a partir fala de uma das egressas,

Eu achei diferente, por isso que quis conhecer e ir pra lá, e a princípio até a estrutura da escola, me encantou o jardim, todo o espaço é muito acolhedor, os professores que são os monitores, eu achei tudo muito diferente, o que me chamou atenção não foi, a vivência do campo em si, não foi o curso técnico, foi a pedagogia da alternância, a educação contextualizada, porque tudo fazia muito sentido. (Família 02 – Estudante egressa).

Em seu itinerário metodológico e pedagógico a EFA Dom Fragoso busca uma educação que contemple e abarque os anseios do homem e da mulher do campo. Uma experiência de escola que proporcione aos seus alternantes, desde o início, boas práticas do campo e de ir aprendendo a conhecer sua realidade na essência e a conviver com as adversidades

nela existentes, encontrando meios do bem viver e de transformá-la por meio de práticas organizadas que se vão acumulando ao longo do processo.

Confirma isto, o Projeto Político Pedagógico, quando salienta que:

O surgimento da EFA Dom Fragoso decorre do anseio e das necessidades das famílias camponesas desfavorecidas. A organização dessas famílias acontecia, em boa parte, nos próprios assentamentos, colocando como ponto de pauta a prática de uma educação contextualizada que pudesse contribuir com novas formas de convivência e práticas produtivas no campo, a fim de alterar e melhorar a condição de vida das comunidades rurais, além de diminuir o êxodo rural e evitar, em relação ao mundo urbano e a totalidade social, o isolamento cultural, a fim de que, mesmo localizadas no meio rural, as pessoas possam estabelecer relação com um contexto mais amplo. (Projeto Político Pedagógico - EFA Dom Fragoso, 2015, p. 08).

No centro da proposta metodológica em alternância é que o conhecimento e o aprender não se construam apenas por meio das palavras e ações na relação professor e aluno, mas se construam dentro de seu contexto peculiar, numa perspectiva dialógica de compreensão da realidade.

Faz-se necessário, portanto, desvelar o espaço cotidiano como lugar de aprendizagem para sua cultura, como campesino, o trabalho e as práticas agrícolas em suas famílias, contextualizando – se, fazendo assim, sentido a partir de sua análise em seu contexto histórico e tenham relação objetiva e direta com os conteúdos escolares. Uma mãe nos relatou isto:

Os 15 dias aqui eram para eles fazerem as atividades deles, e as atividades da casa. Quando chegava aqui passavam o que aprendiam, o tempo que eles passam lá eu cuidava aqui, aí quando eles vinham eles ajudavam. Eles conversavam com a gente, explicava o que estava acontecendo lá. (Família 04 – mãe de egresso).

O aprender nesta dinâmica se dá partir das unidades didáticas existentes na escola que se estende e se torna extensão do espaço escolar no quintal de suas famílias, assim confirmar um membro da escola, veja-se:

Nossa experiência faz com que os próprios educandos percebam que aqui na escola, que está situado no semiárido, numa comunidade onde temos bastante dificuldade de água, o que eles conseguem fazer aqui, muitos também vão conseguir fazer em casa. Uma das coisas que a gente faz é fazer essa troca de experiência né, principalmente das nossas unidades produtivas com a parte técnica que a gente vai fazendo, com a realidade deles que também eles trazem muitas coisas das comunidades que a gente não tem conhecimento, mas quando chega aqui a gente faz a troca de experiência assim também quando a gente visualiza nas comunidades quando a gente ia fazer as visitas dos jovens. (Membro da escola 2 - Monitor).

Confirmando mais ainda através do relato de uma mãe de um egresso,

Lá você passa 12 dias na escola e 12 dias aqui, é um negócio totalmente melhor, isso aí já tem vantagem, porque os dias que tão aqui, pode ajudar os pais, fazer os deveres dele, ajuda alguma coisa que o pai tem que fazer. O que eles fizer lá é pra eles praticar no seu lugar, fazer horta que é pra você ter os alimentos, mas saudável. (Família 01 – mãe de egresso).

A alternância e os instrumentos pedagógicos implementados na metodologia proporcionaram uma transformação da concepção de escola e sua relação com a família. Um desses instrumentos consiste nas visitas as famílias, realizadas pelos monitores/as. Estas visitas têm, segundo os membros da escola, o objetivo de estabelecer uma interação da unidade educativa e todo seu programa pedagógico com as famílias. Enfatizam que mais do que visitar, é no sentido pleno do acompanhar os educandos/as. Eis o que diz o Projeto Pedagógico da Escola:

Visitas às Famílias e Comunidades - Atividade realizada pelos monitores (as) para diagnosticar a realidade social, econômica, cultural, religiosa, ecológica dos educandos, suas famílias e comunidades. Uma EFA não só ensina, mas faz debates, pesquisa, experiências e comunica, interage com as famílias e suas comunidades. Este instrumento é uma das formas da EFA acompanhar o educando em seu meio, avaliar sua intervenção junto à sua família e comunidade. (Projeto Político Pedagógico - EFA Dom Fragoso, 2015, p. 24).

Nas visitas os monitores/as se organizam em duplas, na família hospedam-se e acompanham sua rotina, acompanham e avaliam a execução e a implementação das práticas e experiências propostas na sessão escolar. Um dos sujeitos entrevistados da pesquisa, pai de egresso relatou,

Eles já vinheram várias vezes. Eles viam saber como era que estava aqui, as coisas e tal, se seu filho aqui, se mudou ou não mudou. (Família 01 - Pai de egresso).

A condução metodológica, na dinâmica dos processos pedagógicos com seus instrumentos fundamentados na alternância de todos os espaços dos educandos/as como espaços pedagógicos se caracteriza por ser um projeto educativo que prioriza a experiência de vida do educando/a, articulando os saberes aprendidos “na escola” com os saberes vividos “em casa”.

Esses processos são vivenciados coletiva e individualmente, num processo de socialização que tem o sentido último o desenvolvimento de todas as potencialidades de cada ser humano no que toca sua espacialidade, as relações de gênero, relações com a natureza bem com o sagrado.

Verificamos dentro da perspectiva Freiriana que a escola busca uma formação do ser humano como um todo, a Educação passa a ser assumida com características semelhantes à

concepção humanizadora. Nesse sentido, entendida e assumida como um amplo processo de humanização, portanto a educação passa a ser vivida a partir, de características específicas para a transformação de todo o contexto da família. Vemos o que relata um membro da coordenação da escola,

Na EFA a gente tinha a preocupação não só diz muito, aprender a identificar o solo a cuidar da terra a cuidar das plantas a saber cuidar de um pomar de animais né. Fazer todas as coisas necessárias, mas a gente quer que acima de tudo que eles sejam pessoas humanas que eles sejam verdadeiros cidadãos responsáveis por si, pelas famílias, pela sociedade. Ser pessoas que tenham consciência crítica tudo isso implica na pedagogia da alternância. (Membro da escola 4 – Fundadora da escola).

As visitas às famílias tomam uma conotação de acompanhamento, de cuidado de bem-querença com os educandos, o Projeto Político Pedagógico da escola aponta para essa direção, vejamos;

Cada monitor/a é tutor/a, ou seja, fica responsável por acompanhar de perto certo número de jovens. Este acompanhamento acontece no início e decorrer de cada sessão escolar, onde o monitor aprecia a pesquisa do PE, orienta a sua melhoria, dá um visto no Caderno da Realidade, no Caderno de Acompanhamento, nas atividades escolares da sessão familiar; conversa de forma informal sobre como foi a vida, a convivência na família, no trabalho, na comunidade, etc. Este instrumento ajuda na orientação profissional, na construção do Projeto de Vida da Família Camponesa - PVFC. (Projeto Político Pedagógico - EFA Dom Fragoso, 2015, p. 24).

Portanto, partindo da perspectiva de que a prática pedagógica da EFA é um processo relacional do ser humano, em todas as suas dimensões, trata-se de um projeto a ser refletido como um projeto de educação que assumi de forma coletiva e sem perda da dimensão individual como projeto de educação humanizadora. Um projeto de educação que possibilita o resgate da identidade campesina, de serem vistos como sujeitos que constroem a partir de seu contexto, suas vivências e meios de convivência no semiárido.

4.4 Consciência ambiental e Valores religiosos.

Os tempos atuais vivem momentos de bastante transformações. Avanços tecnológicos e na ciência marcam a ordem mundial, pois dita padrões e postura que influenciam todo um processo de desenvolvimento no mundo. Questões econômicas e política também se apresentam como esferas importantes em grandes decisões. Portanto, a crise é marca da sociedade atual, pois em todos os setores da sociedade apresentam sérios desafios a serem enfrentados pelo homem.

No cotidiano da escola verifica-se a preocupação em trazer essa reflexão para dentro da sala de aula numa perspectiva propositiva no que se refere a ver o jovem como sujeito e protagonista da solução dentro de seu próprio meio em que vive. E é isso que nos relata um dos idealizadores e fundador da escola que foi nosso colaborador desta pesquisa:

A EFA é uma tentativa de refletir o campo, a sua realidade, a suas potencialidades, e os desafios, e que possam trabalhar a partir disso, uma educação que ajude a turma a descobrir e a enfrentar os problemas que tem na sua realidade, e a viver no campo descentemente, porque a gente não quer um pessoal no campo de qualquer jeito, a família tem direito de permanecer no campo, com qualidade de vida, com acesso à terra, água, a energia elétrica, as condições de trabalho, produzindo para seu sustento, mas também comercializar de forma justa, que produz, contribuindo também com o pessoal da cidade. (Membro da escola 3 – Fundador da escola).

O meio ambiente também traz sérias preocupações para ordem mundial, o meio ambiente certamente é a área que está no topo da lista de preocupações da humanidade. As questões ambientais entraram em discussão nos últimos anos devido principalmente as grandes catástrofes ambientais que arrolaram nos últimos tempos ao redor do mundo. Essas catástrofes ambientais certamente são consequências de uma série de crimes cometidos pelo homem com a justificativa do desenvolvimento econômico.

A preocupação com as questões ambientais se apresenta como a pedra-fundamental da discussão hoje em prática sobre o direcionamento do processo produtivo para a gestão responsável dos recursos, e não apenas para a geração de riqueza e consumo. Com diversas práticas exitosas com famílias de agricultores/as organizadas no próprio semiárido nordestino, é possível afirmar que a evolução dessas práticas em relação à preservação de recursos naturais gera resultados mais favoráveis não somente para a sociedade e para as gerações futuras, mas para os próprios contextos e produção urbana inclusive com ganhos financeiros, tanto da cidade como no campo possibilitando a permanência do camponês em sua área de produção. No Projeto Político Pedagógico da Escola percebe-se esse direcionamento:

As famílias precisam de uma escola que ensine aos seus filhos/as a lidarem com a terra, o meio ambiente, de forma criativa, inovadora e independente de fatores externos à sua propriedade e que lhes proporcione segurança, através do conhecimento de valores éticos, morais, intelectuais, meios de convivência com o semiárido, onde os jovens possam adquirir todos os conhecimentos da base nacional comum e ainda se prepararem para exercerem empreendimento dentro da sua comunidade, não precisando migrar. (Projeto Político Pedagógico - EFA Dom Frago, 2015, p. 9).

A educação ambiental se apresenta hoje como uma novidade na área da educação, esse conceito e sua prática já está algumas décadas em pauta no mundo, em nosso país este conceito

fundamenta-se na prática educativa que foi desenvolvido nos movimentos sociais nas décadas de 1980 e 1990 e nas diferentes organizações que atuam com educação.

A prática de ensino na perspectiva de uma preservação da natureza e seus recursos tendo o próprio meio ambiente como laboratório seja na escola, seja na família e na comunidade contribui para uma verdadeira revolução na consciência ambiental de toda família dos educandos/as. As famílias dos egressos/as praticavam a chamada agricultura de subsistência, com práticas que danificam o solo como uso das queimas e dos agrotóxicos. É o que nos relata o pai de uma egressa:

Elas foram aprendendo mais do que eu, ai foi bom. Tem coisa que eu aprendi lá. O veneno ninguém usa mais, eu usava. A gente ver que não é necessário o veneno. Está melhor. Aí o alimento é saudável, e ninguém queima mais. Rapaz, o quintal da gente, antes delas irem pra lá, se você visse como era antes, era igual esse terreiro ai do lado, não tinha nada, e hoje tem uma grande diferença. (Família 5 – pai de egressa).

A escola trabalha em sua prática pedagógica dentro do princípio do cuidado com natureza e seus recursos em interação, e não na exploração dela. E dentro desta, pedagogia da convivência através das aulas práticas nas unidades didáticas/produativas e seus conteúdos ensinados em sala de aula, constamos através dos relatos das famílias que, é possível sim viver, e viver de forma mais saudável e ter um ambiente sustentável no semiárido, vivendo e convivendo com qualidade, vejamos alguns desses relatos:

O que presa muito aqui na escola são as unidades produtivas, que é onde você consegue fazer na teoria, na sala de aula, ou lá mesmo dentro das unidades produtivas, e consegue fazer a turma pra dentro das unidades pra fazer na prática, que é aquilo que você viu na teoria, então essas experiências que a gente faz aqui, ela faz com que os próprios educandos percebam que aqui na escola, que está situado no semiárido. (Membro da escola 2 – Monitor).

E ainda temos esse relato, vejamos;

Queima é zero, veneno a gente usava não usamos mais. E esse cuidado com o meio ambiente eles sempre aconselha, para termos mais cuidado, controlar o lixo, cuidar da natureza, não queimar, tudo isso ela ensinou. Algumas coisas ela me ensinou, alguma coisa que ela aprendeu lá. (Família 2 – pai de egressa).

O conceito de desenvolvimento sustentável surgiu como uma grande resposta e uma possível solução para o mundo em pleno conflito com meio ambiente. O processo de industrialização ocorrido, sobretudo nos grandes centros urbanos do mundo modificou profundamente a estrutura econômico-social dos países envolvidos nessa “nova” dinâmica

social. O aquecimento global surgindo como grande consequência e direta deste contexto de globalização.

As consequências para o mundo nesse processo evidenciaram em pouco espaço de tempo a configuração de industrialização com o sinônimo de desenvolvimento. No meio rural verificamos na região semiárida do Estado brasileiro uma realidade semidesértica na vegetação e na sua população. A escola que até então que presente na comunidade não alcançava nos alunos e suas famílias do campo essa discursão em torno da natureza e seus processos na relação homem-natureza. Um pai de uma egressa nos relatou isso:

Se não fosse a EFA elas não tinham aprendido. Agora que a gente ver falar né, sobre aquecimento global, agora que a gente está ouvindo falando (Família 5 – pai de egressa).

Em nosso país que apresenta uma grande diversidade em recursos naturais convive nas últimas décadas com esse modelo de desenvolvimento capitalista baseado na exploração e acumulação de riqueza. Resultado de conflitos entre a elite agrária que produz para a exportação e os produtores rurais familiares e comunitários responsáveis pela produção de alimentos. Muitas comunidades rurais com suas famílias sofrem as consequências desta realidade no campo.

Em um mundo marcadamente globalizado, o desenvolvimento sustentável se apresenta como uma discursão a impactar as gerações hodiernas e vindouras. A problemática da sustentabilidade assume, neste final de século, um papel central na reflexão em torno das dimensões do desenvolvimento e das alternativas que se apresenta.

Portanto, constata-se que a Escola Dom Frágoso na sua prática de ensino coadunando teoria e prática por meio de uma educação ambiental com sua metodologia, suas linguagens e pedagogia busca disseminar o conhecimento sistemático sobre o meio ambiente e, sobretudo, levando aos educandos/as e suas famílias a uma postura de conservação da natureza, racionalizando e humanizando a sua convivência com o meio em sua utilização sustentável.

Uma outra contribuição relevante encontrada foi a questão dos valores religiosos. Uma das identidades do camponês e da camponesa são suas tradições religiosas. A peleja com o trabalho duro do campo e as diversidades naturais do sertão são vivenciadas e conduzidas a partir da sua relação com o sagrado. O sertanejo e sua esperança no bom inverno atribui a vontade divina e esperam confiantemente as precipitações até o 19 de março, dia de São José, dia crucial para saber se terão um bom inverno ou não.

Esta crença do sertanejo em atribuir até a data do dia de São José está relacionada cientificamente a um fenômeno astronômico chamado de equinócio¹⁰. Esse fenômeno segundo (SOUZA) representa o posicionamento médio do sol em relação a terra, ou seja, os raios estão iluminando igualmente os dois hemisférios, norte e sul, pois, nenhum está inclinado em relação ao sol. Os raios do sol estão incidindo diretamente na linha do Equador. Esse fenômeno ocorre duas vezes durante o ano, em março e em setembro. Nestes meses possivelmente ocorrerão as precipitações.

A cultura religiosa no campo se dá pela transmissão desses valores religiosos pelas as gerações, assim, avós, avôs, pais e mães conduzem suas famílias nesta condição de fé.

Na maioria das comunidades rurais o centro social e cultural das famílias é a Igreja. As festas religiosas dos padroeiros e padroeiras destas comunidades é o calendário mais esperado do ano pelas famílias. Os movimentos de toda comunidade são conduzidos pela Igreja local, os jovens, as crianças e adultos são todos envolvidos na dinâmica das tradições religiosas.

Figura 5 – Capela da comunidade de Santa Luzia.



Foto: elaborada pelo autor em dezembro de 2018.

A cultura urbana hodierna está cada vez mais secularizada e se distanciando das questões religiosas, verifica-se também, que esta tendência chegou zona rural. Os jovens camponeses cada vez mais, a partir das novas tecnologias e do acesso às informações, estão inseridos neste contexto urbano.

¹⁰ Equinócio vem do Latim, *aequus* que quer dizer igual e *nox* significa noite, ou seja, noites iguais. A ocorrência do equinócio dá início à primavera e ao outono. No Hemisfério Norte a ocorrência do equinócio da primavera: tem início no mês de março, previsto para os dias 19 a 21 de março. Fonte: Brasil Escola.

Entendendo o valor da religião nas famílias do campo e sua importância nos relacionamentos familiares, a escola busca também contemplar em sua prática pedagogia como forma de convivência momentos contemplativos. Esses momentos comuns na escola são sentidos na família, no sentido de resgate de princípios que seja sempre caracterizaram essas famílias, vejamos esse relato:

Quando amanhece o dia parece que eles fazem uma oração, um momentinho religioso né, também tem um momento religioso. Eu acho muito importante assim, porque tem uns adolescentes que gostam muito de se divertir, mas no momento de religião eles não se interessam. E os que estudam lá, eles sempre fazem esse momento. (Família 3 – mãe de egressa).

Esta perspectiva religiosa está associada aos valores éticos pautados e vivenciados na convivência de todos os ambientes comuns da escola. Encontramos vários seguimentos religiosos nos educandos/as e tendências sociais e culturais que são motivadas ao respeito mútuo, ao respeito as diferenças e diversidades próprias da natureza humana, portanto, dialogando-se.

5 A SEMENTE DA ESCOLA E A TERRA DO QUINTAL: A RECONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES, CONCLUINDO A PESQUISA

A humanidade desde seus primórdios passa por processos de evoluções e transformações. As descobertas e o desvendar sempre foram a máxima do homem, como ser racional. Com os avanços da tecnologia e o processo de globalização essas transformações ganham contornos cada vez mais acelerados. Em todos os aspectos a dinâmica da vida humana vai sendo cadenciada por este processo.

A vida no campo claro também não ficou de fora desta dinâmica global, inclusive sendo até descaracterizada muitas vezes. Sou professor por formação e convicção e compartilho da ideia de que “fora da educação não há salvação”, só ela, quando experimentada legitimamente nos permite adentrar no contexto emancipatório e humanizador de todos os homens e mulheres.

A educação é uma ferramenta imprescindível na construção de uma nação e na formação de seus cidadãos. As políticas públicas, as leis e todos os mecanismos sociais precisam com urgência voltar-se para a educação, no intuito de buscar desenvolver uma nação que atenda a contento seus cidadãos. Historicamente, o Estado brasileiro não teve de fato uma política educacional que seja efetiva na qualidade dentro da igualdade para todas as camadas

da sociedade brasileira. As grandes corporações financeiras nacionais e internacionais subsidiam os representantes legais do povo, e esses por sua vez, legislam dentro dos interesses dessas mesmas corporações, e investimentos e políticas públicas para os diversos setores da sociedade ficam comprometidos, sobretudo aqueles que são basilares em qualquer democracia, educação e a saúde, por exemplo.

A partir de um contexto de desesperança e desolação que historicamente se configurou a educação no campo, e a partir de uma inquietação que me impulsionou a partir do momento que vi uma mãe me procurar trazendo alegria e esperança nos olhos relatando uma mudança em seu filho depois que começou a estudar na EFA Dom Fragoso, emergiu em mim o ímpeto de estudar e pesquisar esse modelo de educação implantado por essa escola que tem como princípio a família como um espaço pedagógico. Para a escola todos os espaços dos educandos/as são espaços de aprendizagem.

Aqui, podemos retomar os questionamentos levantados que tiveram como ponto de partida indicados na introdução e que nos apontam para as reflexões e por conseguinte as conclusões; como se deu o retorno ao convívio familiar? De que forma a alternância dos espaços escolares se interligam? Com a presença da escola em casa, que situações favoráveis ou desfavoráveis surgiram no comportamento do estudante/filho?

Assim, o objeto do meu estudo, foi elucidar a contribuição da prática pedagógica da escola Dom Fragoso nas relações familiares dos educandos/as que se permitiram aventurar-se nesta educação que se apresentou como um verdadeiro processo educacional humanizador.

Acompanhando, averiguando e estudando a prática pedagógica desta unidade educativa fincada no sertão do semiárido cearense em especial nas famílias dos egressos, registramos as conclusões que foram verificadas.

Inicialmente as conclusões que apresentamos foi que a prática pedagógica da EFA Dom Fragoso possibilitou aos educandos/as caminhos seguros de aprendizado dentro de sua realidade no campo. A metodologia contextualizada nos processos educativos resgatou nos jovens camponeses a sua própria identidade existencial. Pude constatar que os jovens que estudaram na Escola, em sua grande maioria começaram a ver seu lugar como um terreiro de possibilidades, começaram a vivenciar a ideia de que não é preciso sair do seio familiar, pois a saída era até então uma imposição e não uma convicção.

Os conteúdos atrelados às práticas de convivência com seu habitat natural impulsionaram no alternante o resgate de sua permanência no campo, agora não mais como antes, mas como um lugar que pode germinar vida, e vida em abundância.

Os saberes da escola foram pensados além das quatro paredes da sala de aula, esse inclusive foi um desafio enfrentado pela própria escola, por se tratar de algo novo. Estes saberes pressupõem a condição para a transformação da visão de que o semiárido é um ambiente sem vida, é condição para a certeza que as potencialidades de desenvolvimento existem neste chão, sobretudo no quintal de casa.

O olhar que se reflete sobre o meio que vive abre as várias possibilidades para um novo diálogo do homem com a natureza. O resgate dos saberes tradicionais; o pai, a mãe, o avô e a avó, vai tecendo um renovado jeito de aprender e recriar novos significados para o que vai aprender, plantado na escola, vivenciado no quintal e colhido em casa.

Essa dinâmica educativa é experimentada em todo seu percurso na perspectiva da promoção de uma formação contextualizada e integral dos jovens camponeses/as buscando desenvolver a condição de sujeitos e autônomos dentro de práticas de convivência no semiárido na perspectiva do bem viver.

A concepção de educação de Paulo Freire foi um grande arcabouço para minha pesquisa, pois a importância deste, para a educação nos transporta para uma constante esperança na educação e, por conseguinte no homem. O contexto da Educação do Campo se delinea com a educação popular, para esse grande teórico, a integração e correlação da teoria com a prática em comunicação direta e constante, o que possibilita a construção daquilo que chamamos de educação humanizadora. Ainda enfatizando o educador, só tem sentido educar se essa educação for para libertar os homens e as mulheres, libertar sobretudo da opressão causada pelo próprio homem.

Um desdobramento que encontramos muito importante e fundamental no processo de aprendizagem no método implementado pela escola, foi que todo o itinerário formativo é articulado dentro do aspecto basilar para espécie a humana, a convivência.

O projeto educativo da escola situa-se como a base para a consolidação da proposta de convivência com o semiárido, o encadeamento metodológico e seus instrumentos, as unidades didáticas, os conteúdos e os espaços na própria escola propiciam essa convivência e o que constatei foi que esta convivência é transposta para todo o contexto da família do educando. A pedagogia dialética valoriza a busca e a construção coletiva do conhecimento, do aprender juntos, comprometido e comprometendo -se com a transformação da realidade. Uma pedagogia de relações entre sujeitos: educandos/as, suas famílias, comunidades e os monitores.

A convivência na EFA Dom Fragoso não é entendida apenas como uma ocupação de pessoas no mesmo espaço geográfico, desempenhando tarefas isoladamente. Ela é vivida na escola como um autêntico cuidado com o outro. Uma educação que é um processo que ocorre

em comunhão com as outras pessoas por meio daquilo que é básico dentro da comunicação humana, que é o diálogo. Dessa forma, os/as educandos/as sentem-se na liberdade e na confiança de manifestar suas angústias, seu sofrimento, falar sobre sua realidade e o que realmente consideram importante estudar para superar seus medos e angústias.

Vimos que na realidade do campo por décadas foi detectado o chamado, fenômeno do êxodo rural. O homem e a mulher do campo se veem obrigados a deixar seu chão em busca de melhores condições de vida, pois a produção no semiárido já não os levava à própria sobrevivência. Nisto as famílias do campo iam desfalecendo, filhos iam, ficavam os pais, sozinhos e desolados. Os que resistiam em ficar no campo, foi lhes incutido em sua mentalidade pelas políticas oficiais, o famoso, combate à seca. Nisto, aquilo que já era um cenário escasso para produzir e tirar o sustento da família se tornou quase um deserto de vida, com a saída dos jovens de suas famílias.

Eis que vem a escola e trabalha com uma nova construção de percepção, a de que não se combate à seca, ela é um fenômeno natural, portanto, sempre vai ser a realidade do sertão. O sertanejo tem sim, que aprender a conviver com ela, e não a combatê-la, e neste aprendizado, mediatizado por seu próprio meio natural, o jovem vai também aprendendo a conviver com sua própria família.

Nesse cenário e nesta dinâmica educativa, o aprender ganha significados cada vez mais amplos à medida que vai sendo situado no contexto em que é vivenciado, alterando, desta forma, as representações constituídas por grupos alheios à vida no campo, colaborando para a construção de nova compreensão da natureza e do espaço camponês, confirmando desta forma com o pensamento de Paulo Freire quando diz que “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2015, p. 96).

Outra conclusão que pude extrair nesta pesquisa, ainda que em caráter parcial merecendo ser aprofundada num prazo mais longo, consiste na questão muito básica da comunicação entre os seres humanos, o diálogo. Me chamou bastante atenção, esses dois dados que apareceram como categoria de análise, a convivência e o diálogo como contribuição da escola para família, pois na minha concepção a família é, ou deveria ser uma “perita” nestas duas questões, pois considerando como uma célula basilar e primeira da sociedade, apesar dessa configuração familiar está em processo de modificação, deveria ser ela, a família, a que transportaria para a macro sociedade esses valores, da convivência e do diálogo. Cabe ressaltar ainda que nesse processo educativo, o diálogo não se restringe somente aos educadores/as e educandos/as, mas todas as pessoas envolvidas nele, ou seja, a família e comunidade.

Pude perceber também que, muito além de ser uma mera comunicação pela troca de palavras, o diálogo é na verdade um instrumento de cuidado, do interessar-se pelo outro e esse interessar-se, pelo outro se estabelece um comunicar-se pelo diálogo. Essa comunicação dialógica perpassa a todos ambientes da família, ou seja, do terreiro da casa ao quintal, dialogando e convivendo com as práticas do campo. Construindo valores e reconstruindo vidas.

Neste intento é que na minha conclusão última a escola desabrocha na família uma prática educativa que se constitui verdadeiramente numa educação humanizadora. O hino cantado na escola já aponta isto, “Querer formar cidadãos mais humanos, mais irmãos é sua prioridade”. Portanto, a partir do pensamento freiriano, que diz que não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora dentro de uma relação dialógica permanente é que verifiquei a grande contribuição da escola para as famílias.

Ao longo de todo percurso desta pesquisa; elaboração do projeto, leituras dos teóricos, das visitas de campo na escola e nas famílias, enquanto fazia a redação pude constatar que mesmo diante de um cenário histórico e atual em que se encontra a educação e a sociedade em todos os seus espaços e contextos, existe sim uma escola que consegue chegar à plena convicção de que a escola não é apenas uma preparação para a vida, ela é a própria vida.

A EFA Dom Fragoso e seu projeto formativo conduz sua prática educativa na vivência de uma educação comprometida com a transformação da realidade, partindo do caráter em construção e relacional do ser humano. Portanto, trata-se de um projeto que é vivido como um processo permanente, assumido por todos os sujeitos, ou seja, coletivamente, levando em conta a dimensão individual desses sujeitos.

Todo o itinerário e seus instrumentos pedagógicos implicam na construção de condições propícias, em busca de uma sociedade pela qual todos se estabeleçam com dignidade e como sujeitos de sua história. Freire (2015) argumenta que, se a educação não pode tudo, sem ela não dá para pensar uma nova sociedade justa e igualitária. Porém, não é qualquer educação, mas uma educação que envolva a todos de forma a vê-los como a própria essência dessa construção, contextualizando seus espaços de vida, buscando o bem viver, na vivência, na convivência, no diálogo e dialogando-se, humanizando-se.

Neste trabalho de pesquisa foi evidenciado a contribuição desta escola para as famílias e para os educandos/as e aqui apresentamos para a comunidade acadêmica que é possível uma educação humanizadora, que existe um modelo devidamente provado e comprovando sua viabilidade, sua eficácia e eficiência. Diante desta eficácia é preciso que as políticas públicas tomem conhecimento e busque reconhecimento desta prática pedagógica em seu experimentado modelo. A ideia também é que esse estudo possa contribuir para todos os

educadores e educadoras buscarem em suas práticas educativas, coadunar a busca de conhecimentos com práticas do bem viver mostrados na EFA Dom Fragoso. O estudo também sugere para a sociedade em geral, sobretudo àqueles e àquelas que acreditam numa sociedade mais fraterna, justa e humana tendo a escola como semente desse projeto.

Esse estudo obviamente apresenta singularidades importantes, sendo, pois, teve o estudo de caso como metodologia de pesquisa, é importante que seja replicado, na perspectiva de futuras generalizações. Assim, acredito que o material pesquisado precisaria de um maior aprofundamento, podendo servir de base para estudos acadêmicos posteriores.

A EFA Dom Fragoso, trazendo uma educação contextualizada e humanizadora se apresentou como o caminho para se promover uma verdadeira mudança. Uma escola desejosa por essa transformação da sociedade, quer ter e oferecer condições de contribuir nessa construção. Tomamos afirmação de Paulo Freire: "A Escola não transforma a sociedade, mas pode ajudar a formar os sujeitos capazes de fazer a transformação da sociedade".

Concluindo a pesquisa, atesto que as contribuições da proposta pedagógica da Escola Dom Fragoso em regime de Alternância proporcionam às famílias do campo, à comunidade e, sobretudo aos jovens, uma nova forma de ver sua inserção no meio em que vivem. A busca do bem viver no seminário vivenciado em sua prática pedagógica em todo seu contexto como família, nos transporta para uma renovada esperança na família, na escola e sobretudo no homem e na mulher inserido na sociedade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE INDEPENDÊNCIA. **Projeto político pedagógico da Escola Família Agrícola Dom Fragoso**: habilitação em agropecuária - regime de alternância. Disponível em: <<http://caicaraviva.blogspot.com.br/2011/06/projetopolitico-pedagogico-da-escola.html>>. Acesso em: 29 maio. 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 281 p.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 22 maio 2019.

BRASIL. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 2017. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>. Acesso em: 22 maio 2019.

BEGNAMI, J.B. Experiências das Escolas Famílias Agrícolas: EFAS do Brasil. In: **Pedagogia da alternância**: formação em alternância e desenvolvimento sustentável. Brasília, DF: UNEFAB, 2002.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994. 336 p.

CALDART, Roseli Salette. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n 01, jan. 2009.

CALADO, Alder Júlio F. (org) **Profeta dos pobres**, Dom Fragoso nos fala. João Pessoa: Buscas, 2007.

CALAZANS, M. J. C. Para compreender a educação do Estado no meio rural - traços de uma trajetória. In: THERRIEN, J.; DAMASCENO, M. N. **Educação e Escola no campo**. Campinas, Papirus, 1993.

CALDART, R. S. Educação do Campo. In: CALDART, R. S. et al. **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. 789 p.

_____. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, M.; CALDART, R.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 5ª ed. 2011. 214 p.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. 249 p.

CRESWEL, J. W. **Projeto de pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEWEY, J. **Vida e educação**. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978. 113 p.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. São Paulo, 1952. 120 p.

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO. **Projeto político pedagógico da Escola Família Agrícola Dom Fragoso**. Independência-Ceará, 2015.

FURTADO, Eliane Dayse Pontes. O que se sabe e o que se faz sobre educação no contexto dos assentamentos rurais: colocando gás na lamparina. **Educação em Debate**, Fortaleza, n. 38, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 158 p.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. 19 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. 253 p.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. *In*: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1991.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAS**. Petrópolis: Vozes, 2007. 167 p.

GÖRGEN, Frei S. **Agricultura camponesa**. Cadernos de Estudos Cooperfumos, Santa Cruz do Sul, ago. 2009.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 342 p.

IBGE. **História de Independência**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/independencia/panorama>>. Acesso em: 20 maio. 2019.

IBGE. Perfil dos Estados e Municípios Brasileiros. **Cultura**: 2014. Disponível em:<https://ww2.ibge.gov.br/munic_cultura_2014/sele_tema.php?munic=2302206&uf=23&nome=independencia>. Acesso em: 22 maio. 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018., 112 p.

MACHADO, B. MANOEL; SOUZA, T.O. (Org). CEB's: **Um facho iluminando a história**. Juazeiro do Norte: URCA, 2016. 182 p.

MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello. **Educação do campo e práticas educativas de convivência com o semiárido**: a Escola Família Agrícola Dom Fragoso. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2011. 288 p.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 80 p.

NOSELLA, P. **Uma nova educação para o meio rural: sistematização e problematização da experiência educacional das Escolas da Família Agrícola do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo**. 1977. 204 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, São Paulo, 1977. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/10747>>. Acesso em: 22 Mai. 2018.

NOVÉ-JOSSERAND, Florent. Criação da primeira Maisson Familiale: desenvolvimento Inicial. In: Trad. BURGLGRAVE, Thiery (Trad.). **L etonnant Histoire das Maissons Familiaes Rurales..** Salvador-BA. 1998.

OLABUENAGA, J. I. R.; ISPIZUA, M. A. **La descodificacion de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa**. Bilbao: Universidad de Deusto, 1989.

PINSKY, Jaime. MARTINS. J.S. (Org). Ana Scott. **O Brasil no contexto – 1987 – 2017**; ed. Contexto. São Paulo, 2017.

PINEAU, G. **Temporalités en formation: vers de nouveaux synchroniseurs**. Paris: Anthropos, 2000.

ROMANELLI, O. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 265 p.

SOUZA, E. C.; MEIRELES, M. M. de. A forma da outra beira: escolas rurais – entre invisibilidades, permanências e perspectivas. In: ANTUNES, H. S.; FARIAS, G. F. (Orgs.). **Desafios e perspectivas na Educação Rural: fazeres pedagógicos e seus múltiplos olhares**. Curitiba: CRV, 2014.

SOUSA, Rafaela. Solstício e equinócio. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/solsticios-equinocios.htm>. Acesso em 03 de outubro de 2019.

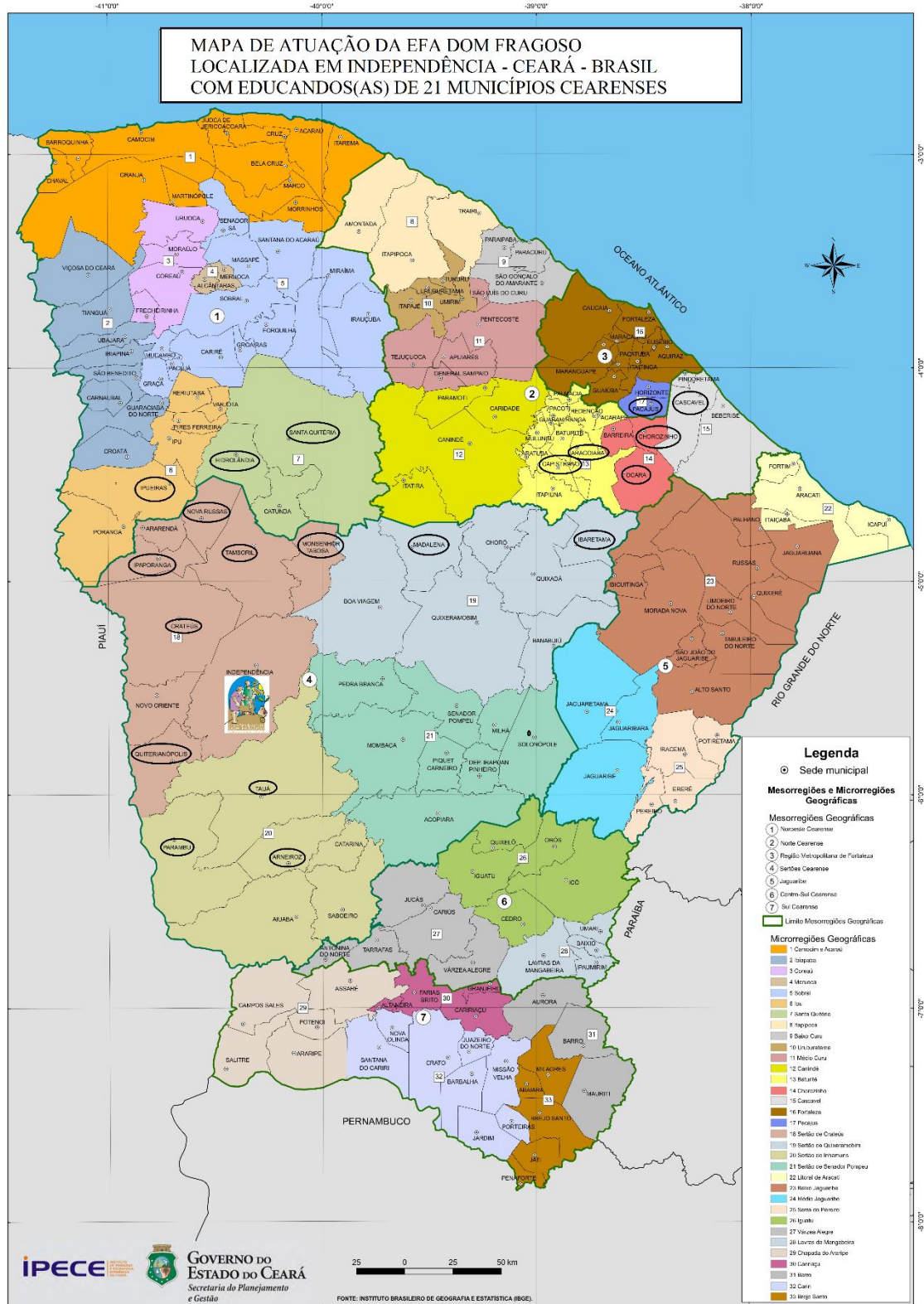
TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas. 1987. 176 p.

WHITAKER, D. C. A.; ANTUNIASSI, M. H. R. Escola pública localizada na zona rural: contribuições para a sua estruturação. **Cadernos Cedes**, n. 33, p. 9-42, 1992. Disponível em: <encurtador.com.br/ikGW6>. Acesso em: 18 junho 2019.

YIN, R. K., **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: BROOKMAN, 2005. 200 p.

VIDAL, W.N; VIDAL, M.R.R. **Botânica organografia: quadros sinóticos ilustrados**, 4. ed. : Viçosa: Editora UFV. 2003. 124 p.

ANEXO A - MAPA DE ATUAÇÃO DA EFA DOM FRAGOSO EM 2019



ANEXO B - MAPA DO SERTÃO DOS INHAMUNS/ CEARÁ

**ANEXO C - MATRIZ CURRICULAR - CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO
INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO HABILITAÇÃO EM AGROPECUÁRIA – EM
REGIME DE ALTERNÂNCIA**

ÁREAS DE CONHECIMENTO/DISCIPLINA			Carga Horária 1º ANO			Carga Horária 2º ANO			Carga Horária 3º ANO		
			SE	SF	Créditos	SE	SF	Créditos	SE	SF	Créditos
BASE NACIONAL COMUM	Linguagem, Códigos e suas Tecnologias	Língua Portuguesa	110	70	12	100	65	11	100	65	11
		Espanhol	20	10	02	20	10	02	20	10	02
		Artes Regionais	20	10	02	10	20	02	10	20	02
		Educação Física	20	10	02	20	10	02	20	10	02
	Ciências da natureza, matemática e suas Tecnologias	Matemática	100	65	11	100	65	11	100	65	11
		Física	40	20	04	40	20	04	40	20	04
		Química	40	20	04	40	20	04	40	20	04
		Biologia	50	25	05	50	25	05	50	25	05
	Ciências Humanas e suas Tecnologias	Geografia	60	30	06	60	30	06	60	30	06
		História	60	30	06	60	30	06	60	30	06
		Filosofia	20	10	02	30	15	03	30	15	03
		Sociologia	20	10	02	30	15	03	30	15	03
	TOTAL DA BASE NACIONAL COMUM			560	310	58	560	325	59	560	325
PARTE DIVERSIFICADA	Inglês	10	05	01	10	05	01	10	05	01	
	Acompanhamento Personalizado	30	45	05	30	45	05	30	45	05	
TOTAL DA PARTE DIVERSIFICADA			40	50	06	40	50	06	40	50	06
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	Disciplinas do Curso Técnico Agropecuária	Agricultura I	50	25	05	-	-	-	-	-	-
		Zootecnia I	50	25	05	-	-	-	-	-	-
		Informática	30	15	03	-	-	-	-	-	-
		Sociologia Rural	30	15	03	-	-	-	-	-	-
		Administração Rural	40	20	04	-	-	-	-	-	-
		Agroecologia	30	15	03	-	-	-	-	-	-
		PVFC I	20	10	02	-	-	-	-	-	-
		Práticas de Convivência com o Semiárido Brasileiro	-	-	-	20	10	02	-	-	-
		Ciências do Solo	-	-	-	30	15	03	-	-	-
		Manejo e Mecanização do Solo	-	-	-	20	10	02	-	-	-
		Produção Vegetal I	-	-	-	60	30	06	-	-	-
		Desenho e Topografia	-	-	-	30	15	03	-	-	-
		Irrigação e Drenagem	-	-	-	30	15	03	-	-	-
		Produção Animal I	-	-	-	60	30	06	-	-	-
		PVFC II	-	-	-	20	10	02	-	-	-
		Produção Vegetal II	-	-	-	-	-	-	50	25	05
		Produção Animal II	-	-	-	-	-	-	50	25	05
		Agroindústria Familiar	-	-	-	-	-	-	60	30	06
		PVFC III	-	-	-	-	-	-	60	30	06
Economia e Comercialização Agrícola	-	-	-	-	-	-	50	25	05		
Informática Aplicada	-	-	-	-	-	-	20	10	02		
TOTAL DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL			230	145	25	240	165	27	250	170	28
ESTÁGIO							150	10		150	10
TOTAL PARCIAL			830	505	89	840	690	102	850	695	103
TOTAL GERAL DO CURSO			1.335	89	89	1.530	102	102	1.545	103	103

ANEXO D - OBSERVAÇÕES SOBRE O CURRÍCULO

1.Siglas:

SE = Sessão Escolar. SF = Sessão Familiar e Socioprofissional. TE = Tempo Escola.
TF = Tempo Família.

PVFC = Projeto de Vida da Família Camponesa.

2.Créditos: Cada Crédito tem o valor de 15 horas.

3.Os créditos são distribuídos para o TE e o TF.

4.A Alternância no meio familiar e Socioprofissional será contada como dia letivo. Esta matriz Curricular está em conformidade com Resolução CNE/ CEB de Número 01, de 03 de abril de 2002 (Diretrizes Operacionais Para a Educação Básica nas Escolas do Campo) e com o Parecer CNE/ CEB 1/2006, homologado pelo Ministério da Educação em D. O. U em 15/03/2006 – onde os Tempos relativos à sessão Familiar/Socioprofissional é computada como tempo letivo.

5.Os conteúdos referentes a História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo currículo escolar, em especial, em Arte Regional, Língua Portuguesa, Geografia e História em atendimento à Lei n.º 10 639, D. O. U., de 10/01/03.

6.A carga horária das disciplinas da Educação Profissional será trabalhada, repartindo 50% do tempo para teoria e 50% para práticas em campo, conforme definição da EFA Dom Fragoso.

7.Carga horária total do curso: 4.410 horas, sendo 2.640 para a Base Nacional Comum, 270 para Parte Diversificada, 1.200 para a Educação Profissional e 300 para Estágio Supervisionado.

**ANEXO E - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA DO
PROCESSO SELETIVO PARA 2019**

1. Família

a) Nomes completos de pai, mãe, irmãos...

b) Onde moram?

c) Como é o relacionamento em casa?

2. Qual a motivação para vir para a EFA?

a) Como foi feita a escolha de vir?

b) Quem decidiu?

3. Como é o acesso a terra e à água da família?

4. Atividades desenvolvidas pela família (agropecuária e outras... que garantem a sobrevivência)?

5. Nessas atividades desenvolvidas pela família como se dá a participação dos/as filhos/as?

6. Participam de alguma igreja/religião?

7. Participam de algum movimento social? Qual? E como se dá essa participação?

8. Quais as principais dificuldades que a família enfrenta?

9. Tem alguma necessidade quanto a medicamentos e alimentação?

**ANEXOS F - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADAS –
FAMÍLIAS E EGRESSOS**

Assunto 01: Fale sobre a EFA Dom Fragoso.

Assunto 02: Fale sobre sua família.

Assunto 03: Fale sobre a Pedagogia da Alternância.

Assunto 04: Fale sobre a sua comunidade.

Assunto 05: Fale sobre a Educação do Campo.

**ANEXOS G - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA –
MEMBROS DA ESCOLA**

Assunto 01: Fale sobre seu trabalho na EFA Dom Fragoso.

Assunto 02: Fale sobre a sua convivência com as famílias dos alternantes.

Assunto 03: Fale sobre a Educação do Campo.

Assunto 04: Fale a Pedagogia da Alternância.

Assunto 05: Fale sobre os projetos que os alunos executam na família.

**APÊNDICE I – QUADROS DE ANÁLISE UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC FACULDADE DE EDUCAÇÃO –
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

QUADROS DAS ANÁLISES – agrupamento dos temas e as falas

TEMAS	SUJEITO	FALAS DOS SUJEITOS	IDEIAS CENTRAIS	FREQUENCIAS (no. de vezes ideias repetidas)	CATEGORIAS (maior no. de vezes de deias repetidas por Tema)
EFA DOM FRAGOSO	F1 – PAI	Na EFA lá só tem uma coisa que eles não ensinam os alunos é roubar, mas o resto, eles ensinam a trabalhar, ensina a vocês se educar, ensinar você a conviver com o campo, meio ambiente. Eles já vinheram várias vezes. Eles viam saber como era que estava aqui, as coisas e tal, se seu filho aqui, se mudou ou não mudou.	Acompanhamento na família, educação contextualizada e humanizadora.	9 vezes.	Educação contextualizada.
	F1-MÃE	A escola tem uma vantagem muita mais do que essa outra. Eles educam as crianças do jeito que é pra ser. Ser um caminho certo, não entrar no caminho errado. O pessoal da escola vem me visitar duas vezes por ano. Perguntava como estava indo ele tinha um caderno de atividade em casa. Era para saber como estava aluno indo na sua comunidade se ele participava de reunião.	Acompanhamento na família, educação contextualizada e humanizadora.	5 vezes.	Educação humanizadora.
	F3 - PAI	Uma das qualidades que eu vejo, que as pessoas que se formam lá, tem uma educação totalmente diferente, quando você ver uma pessoa que foi aluno da EFA, ele é totalmente diferente de outra pessoa. A parte da educação, de ser educado, de se expressar, dos conhecimentos das coisas, você puxar uma conversa ele tem uma mentalidade diferente.	Mudança de comportamento.	2 vez.	Educação transformadora.

	F2 - PAI	Não, não é igual. Porque, quando amanhece o dia parece que eles fazem uma oração, um momentinho religioso né, também tem um momento religioso. Eu acho muito importante assim, porque tem uns adolescentes que gostam muito de se divertir, mas no momento de religião eles não se interessam. E os que estudam lá, eles sempre fazem esse momento.	Prática da religiosa na escola.	1 vez.	Valores Religiosos.
	F4-MÃE	Os alunos se cria lá 3 anos parece que são irmandade, é uma coisa mais maravilhosa. Irmandade um dos outros, eles são irmãos né, aquela humanidade que quando sai da EFA quando vão se despedir chora com saudade, a união que faz a força. Lá eles traz a verdade, não mentir, a falar o que viu, e de praticar, se tem uma coisa errada, olha mãe é assim e assim.	Convivência, afeto e valores.		Educação humanizadora.
	F2 - PAI	Se não fosse a EFA elas não tinham aprendido. Agora que a gente ver falar né, sobre aquecimento global, agora que a gente está ouvindo falando. Assim, nas outras escolas eu estudei pouco, mas a diferença é enorme, agente ver o jeito dos alunos falarem, diferente o comportamento, tudo bem diferente. A diferença é que em casa é muita tarefa pra fazer.	Despertar da consciência ambiental.	1 vez.	Consciência ambiental.
	F5-MÃE	Porque é uma escola diferente, uma escola que primeiro, leva a família e a comunidade, todos trabalhando juntos, e aí por isso, acho que é diferente das outras, que não tão nem aí. Com elas (as filhas) eu aprendi muito, que eu não sabia nem a origem da minha família, da minha comunidade. Eu nunca tinha parado para pensar né, e foi a partir do momento que coloquei a Soraia lá, que eu fui descobrindo aprendendo junto com ela. Aprendi, aprendi muito com as meninas. Coisa da minha comunidade, que nem me interessei em saber, aprendi com elas, devido a escola, que a escola pede para a gente estudar isso, sobre a origem da família e da comunidade.	Integração , Escola, família e comunidade.	3 vezes.	Convivência familiar.

	F1 - PAI	É uma escola boa demais. Os alunos de lá são bem desenrolados, tem suas tarefas, se tornaram pessoas bem diferentes. A EFA ensinou a se comportar ter respeito né.	Educação transformadora.		Educação transformadora.
	F1-MÃE	Eu coloquei eles na EFA porque eles aprenderam lá a trabalhar e a respeitar as pessoas, aprenderam a conviver com as pessoas, mexer com as plantas e os animais. A diferença é que aqui, os meninos não tinha um certo moral, eles não tinham respeito nem pelos estudos deles, e lá nunca ouvi falar de danação deles.	Educação contextualizada e construção de valores.		Educação humanizadora.
	F1-EGRESSO	A EFA que trabalha a formação integral né, formação do jovem como um todo, primeiro a EFA busca formar um cidadão melhor né que desenvolva criticidade e que crie e fortaleça essa identidade camponesa né a partir das técnicas de convivência com o semiárido comprovando com as práticas existente na própria escola.	Educação integral e contextualizada.		Educação contextualizada.
	F2-EGRESSA	Eu achei diferente, por isso que quis conhecer e ir pra lá, e a princípio até a estrutura da escola, me encantou o jardim, todo o espaço é muito acolhedor, os professores que são os monitores, eu achei tudo muito diferente, o que me chamou atenção não foi, a vivência do campo em si, não foi o curso técnico, foi a pedagogia da alternância, a educação contextualizada, porque tudo fazia muito sentido.	Educação contextualizada.		Educação contextualizada.
	F3-EGRESSA	Conviver ali com pessoas tão diferentes, aquela diversidade de gente né, a gente dividiu os alojamentos com as meninas, então os primeiros desafios foram esses, a questão das matérias técnicas era algo novo, o acompanhamento dos monitores de perto fazendo ali papel de pai e mãe, puxando a orelha quando era preciso está entendendo, a rotina também era algo assim bastante novo porque era aquele sino toda hora, é, hora do café da manhã, hora da mística que era um momento de oração.	Convivência e um novo modelo de escola.		Convivência.

	F3-EGRESSA	A gente tem um monitor que acompanha a gente, então a gente estava constantemente contando para ele o quê que a gente fez no período que estava em casa e de certa forma ele é a comunicação do pai da gente também para dizer como a gente estava na escola, então tinha esse laço porque como a escola é um tripé né, que é família, comunidade e escola então tinha que está nessa comunicação, então a gente contava, tivesse com problema, a gente compartilhava. Lá eu consegui entender, eu aprendi a ter responsabilidade, eu aprendi a importância de escutar o outro saber o que o outro sente, de ajudar, de se sensibilizar pelos os outros. E aí gente constrói esse laço esse respeito sabe.	Acompanhamento personalizado e construção de valores.		Educação humanizadora.
	F5-EGRESSA	A EFA é uma escola no campo, que trabalha com a pedagogia da alternância, que é o período do educando, que é passar 15 na escola, 15 dias em casa, ela é uma escola formada por agricultores, ela é sustentada, financiada por agricultores né, familiares e por apoios. É uma escola que surgiu pros jovens do campo, pra permanência deles no campo né, surgiu com esse objetivo, pra que os jovens ao sair da escola, possam sobreviver no campo, e é uma escola que não trabalha só com essa história da agricultura, ela trabalha na agricultura familiar, mas vai além disso né, ela prepara a gente pra vida inteira.	Educação contextualizada e educação para a vida.		Educação contextualizada.

	F4 - EGRESSO	A gente enxergava a EFA como uma escola que ensinava as atividades do campo que a gente aprendia a viver no campo a trabalhar as coisas que tem da agricultura né a desenvolver a agricultura familiar. Eu via a EFA com uma visão maior do desenvolvimento, no geral no desenvolvimento no todo lá além de ser, de aprender a trabalhar na agricultura e pecuária você também aprender a conviver com pessoas diferente locais, diferentes aspectos culturais é uma coisa que você vai aprender a conviver em qualquer lugar que você chegar. A EFA ensina você a olhar para o pedaço de terra e ali você está enxergando que ali que você vai conseguir fazer alguma coisa que vai obter lucro que vai obter uma vida né, as vezes a gente passa próximo a um local que tem um potencial bem grande né e não enxerga e a gente indo para EFA consegue enxergar um potencial enorme.	Educação contextualizada e educação para a vida.		Educação contextualizada.
	F4-EGRESSO	A parte que a gente está lá na EFA Dom Frágoso, o modo de ensino é totalmente diferente, passamos a ter outra visão do mundo, um pensamento mais aberto. Apesar da EFA ser direcionada mais para a área da agricultura, mas a gente também tem a visão do mundo fora, do capitalismo. Víamos um pouco de tudo lá. A EFA me ajudar na forma de conviver com as pessoas né. Lá aprendíamos ser bem responsáveis.	Educação contextualizada e educação para a vida		Educação humanizadora
	M 3- FUNDADOR	A EFA é uma tentativa de refletir o campo, a sua realidade, a suas potencialidades, e os desafios, e que possam trabalhar a partir disso, uma educação que ajude a turma a descobrir e a enfrentar os problemas que tem na sua realidade, e a viver no campo descentemente, porque a gente não quer um pessoal no campo de qualquer jeito, a família tem direito de permanecer no campo, com qualidade de vida, com acesso à terra, água, a energia elétrica, as condições de trabalho, produzindo para seu sustento, mas também comercializar de forma justa, que	Educação contextualizada e relação campo e cidade.		Educação contextualizada.

		<p>produz, contribuindo também com o pessoal da cidade, porque há essa dificuldade entre relacionamento do pessoal da cidade com o campo, praticamente não existe, o pessoal vai a cidade mas o povo da cidade nem gosta o povo do campo, trata como povo matuto, pessoal ignorante, não tem espaço na cidade e a partir desse processo da reflexão da Educação do Campo acho que há um envolvimento maior um interesse maior de conhecer como se dá esse processo de apoiar e começa a ter uma relação campo e cidade.</p>			
	M4-FUNDADORA	<p>Na EFA a gente tinha a preocupação não só diz muito, aprender a identificar o solo a cuidar da terra a cuidar das plantas a saber cuidar de um pomar de animais né. Fazer todas as coisas necessárias, mas a gente quer que acima de tudo que eles sejam pessoas humanas que eles sejam verdadeiros cidadãos responsáveis por si, pelas famílias, pela sociedade. Ser pessoas que tenham consciência crítica tudo isso implica na pedagogia da alternância. Que eles possam disseminar as coisas. Eles têm uma consciência a maioria dos cristãos até mesmo de Igreja né também cada religioso e cada padre da ideia destorcida que a gente fica preocupado. Tudo isso depois acabar o preconceito de que tem trabalho de homem e tem trabalho de mulher, todo trabalho tem sua dignidade o importante é a gente em comum a constituição do bem viver que a gente precisa.</p>	Educação humanizadora.		Educação humanizadora.
	M2-MONITOR	<p>O que presa muito aqui na escola são as unidades produtivas, que é onde você consegue fazer na teoria, na sala de aula, ou lá mesmo dentro das unidades produtivas, e consegue fazer a turma pra dentro das unidades pra fazer na prática, que é aquilo que você viu na teoria, então essas experiências que a gente faz</p>	Escola que ensina a fazer na prática.		Educação contextualizada.

		aqui, ela faz com que os próprios educandos percebam que aqui na escola, que está situado no semiárido.			
	M1-MONITORA	Na EFA também tem a questão de que nós vivemos aqui como se fosse uma grande família, então esse trabalhar sobre os valores, esse diálogo franco verdadeiro que existe aqui na seção monitores e educandos, eles acabam levando, eles acabam aprendendo a olhar no olho, a dizer aquilo que pensa, pois que o que eles pensam não seja aquilo que a gente quer ouvir, mas isso é bom de falar na cara aquilo que pensa e acabou, se não gostou vamos entender porque não gostou nós vamos entender por que não gostou, procurar pelos menos compreender. O diferencial da EFA é a convivência. Esse povo conhece mais da gente do que o povo da minha própria família, esse povo me conhece demais, até no jeito de andar eles sabem se eu estou bem se eu não estou bem, a convivência, eu atribuo muito a convivência, ela permite isso. Ela faz com que de verdade quando dizemos que somos uma família isso se torna real, porque é realmente uma grande família, com aquilo que é legal e com os nossos defeitos também, é tal e qual e aquilo que não é legal a gente vai todo dia trabalhar para mudar isso, a partir da aceitação, a partir de compreender que cada ser é um ser na sua individualidade mas que essa individualidade é que faz com que o coletivo aconteça, porque ninguém é igual a ninguém, cada qual com suas individualidades, mas essas individualidades sendo trabalhada coletivamente no sistema de grupo, ele faz de verdade o potencial com que isso se torne real. Todos que estão aqui tem esse objetivo, os objetivos são comuns, da questão da aprendizagem, do conviver melhor no	A escola como uma convivência familiar.		Convivência familiar.

		semiárido. Todo nosso objetivo de verdade ele é vivenciado aqui dentro.			
TEMAS	SUJEITO	FALAS DOS SUJEITOS	IDEIAS CENTRAIS	FREQUENCIAS (no. de vezes ideias repetidas)	CATEGORIAS (maior no. de vezes de deias repetidas por Tema)
FAMÍLIA	F1 - PAI	É um menino bem mandado, mandava fazer uma coisa ele ia, nunca disse não vou. Me ajudava, cuidava da roça, da luta. Porque você sabe que tem menino que tem a língua grande né. Porque ele era calado demais, até dentro de casa ele conversava pouco, ele era muito tímido, mas ele desenvolveu a conversar, tá entendendo? E com esse negócio lá ele já foi desenvolvendo onde ele já dava reunião, em muito lugar por aí. Fez foi melhorar tudo, a convivência lá é outra também, aqui estava numa convivência boa, mas porque trazia de lá, beleza era a gente aprendendo com ele e ele aprendendo com a gente.	Diálogo e convivência familiar.	10 vezes.	Diálogo e convivência.
	F2-MÃE	Um menino bom, toda vida ele foi um menino bom, porque pensou só em fazer o certo, mas ainda ficou melhor depois que ele estudou lá, ele fazia né, as plantação e roça, ele ajudava, ajudava na luta, depois dele tá lá aprendeu muito e melhorou mais pra ele ajudar. É muito bom a gente ter os filhos e ter que conviver no mesmo lugar que eles se criaram, melhor que sair, pra esses, aí a fora nessas cidades.	Convivência e permanência no campo.	12 vezes.	Convivência familiar.

F2 - PAI	Sempre vivi da agricultura, eu ensinei eles trabalhando junto comigo igual fui criado trabalhando, a Jaíza como mulher nunca levei pra roça não, mas sempre teve vontade de ajudar. Ela é uma pessoa muito educada, é bem desenvolvida. Ela depois da escola passou a ser mais carinhosa.	Afeto nas relações familiares.	6 vezes.	Educação humanizadora.
F2-MÃE	Ela é muito boa, uma menina muito obediente, sempre foi, sempre gostou de trabalhar, na hora que ela sai do emprego já tá com outro. Ela trabalhou lá se eu não me engano foi 3 ou 4. A escola ajudou ela a gostar de trabalhar, ficou mais educada. Eu acho, que se ela tivesse ficado por aqui, estudando nas escolas daqui ela não era a pessoa que ela é. Eu como mãe, acho que não tinha dado educação à ela igual ela tem hoje. Mais amorosa, mais educada, elas chegavam lá, ela aconselhava os irmãos dela. Ela era tímida, acanhada.	Afeto nas relações familiares.		Educação humanizadora.
F3-MÃE	Toda minha vida ensinei minhas filhas a reza, ensinei elas trabalhar, meus pais me ensinaram eu foi assim, raiz de meus pais. Quando amanhece aqui em casa, ela me ajuda, zela a casa, trabalha na horta dela. Elas melhoraram, nunca fez raiva eu, menina obediente, porque hoje quem não tem pai sofre, porque só uma mãe para criar a dificuldade grande.	Melhorou o relacionamento familiar.		Educação humanizadora.
F5-PAI	Todas as minhas filhas foram comportadas, e quando elas vieram de lá, o jeito de falar delas mudou, elas ajudam muito na comunidade, a mudança delas foi boa né. Rapaz, assim, a Maria que prestava mais atenção no dever delas, eu não acompanhava assim. Eu via só a Maria falando: “tem que fazer as atividades” aí eu comecei a cobrar também né.	Melhorou o relacionamento familiar.		Diálogo.
F5-MÃE	Lá em casa agente sempre foi uma família unida, a gente sempre conversou, e tudo, as meninas foram bem comportadas, minhas meninas. como a gente já vem de uma família que eu já vou educando elas deis de pequenininha, já aprendendo a respeitar, respeitar os avós e tudo, aí eu não queria que elas	Escola e princípios familiares.		Convivência familiar.

		mudassem, pra quando elas voltarem a estudar lá na cidade, que umas escolas diferentes, que já envolve outras pessoas né, ai eu achei que elas podiam mudar né, e que na EFA ia continuar com esses princípios, que lá na escola tem os princípios morais né, da família e tal, ai eu achei que lá realmente era um lugar certo pra elas.			
	F4 – PAI	Meu filho nunca foi com esse negócio de trabalhar na roça, de jeito nenhum, as vezes eu dizia oh homem para ter preguiça, tu tem preguiça demais. Mas mudou muito, mas antes ele não era de trabalhar na roça. Eles já eram bem obedientes, mas melhoraram mais ainda. No comportamento, no respeito, em tudo. Eles ficaram bem atenciosos e educados.	Resgate da Identidade camponesa.	1 vez.	Identidade camponesa.
	F4-MÃE	A gente dizia para fazer isso, e eles não iam na hora que a gente mandava. Ai depois que eles foram pra EFA, ficaram uns meninos mais entendidos, mais calmos, eles agora procuram é concertar o que está errado. Eles ficaram mais próximos, se abriram mais, ficaram mais amorosos. Porque lá eles cuidam deles como se eles fossem pais e mais de cada aluno.	Diálogo, afeto e Convivência familiar.		Convivência e diálogo.
	F1- EGRESSO	Antes da EFA meu pensamento era seguir os passos dos meus irmãos né, ir para a cidade grande, eu sou o filho casula de uma família de nove irmãos né. O que mudou mesmo foi a realidade da nossa família porque nós não tínhamos noção de como produzir, nós não tínhamos uma convivência dentro da família com relação com a igualdade de gênero né, ainda existia né de uma certa forma dentro da família um machismo das práticas do dia a dia né, só quem cozinhava era minha mãe, só quem limpava a casa era minha mãe, só quem lavava a louça era minha mãe e a partir dessa época a gente foi levando isso pra dentro da família de modo que hoje lá em casa ninguém tem resistência por relação a isso.	Convivência familiar e relações de gênero.		Convivência familiar.

	F2 - EGRESSA	Eu sempre estive muito presente no campo com meus pais, mas não por afinidade, eu ia porque tinha que ajudar. Uma grande mudança que eu vivenciei, a gente tinha que dialogar muito com a nossa família, e na adolescência a gente não tinha esse hábito, era muito na minha, a gente conversava uma coisa ou outra, mas não tinha aquele hábito de sempre conversar, de falar da nossa vida, e aí com o PE, que foi primeira pesquisa, que era descobrir a história da nossa família e da comunidade, aí tive que ir atrás de informações, que eram muitas perguntas, quais as nossas origens, de onde os familiares vieram, e a partir daí a gente foi criando esse vínculo, de conversar. Discutia muito com meus irmãos, acho que isso era mais da adolescência, e percebi que mudou muito a minha convivência com a família.	Identidade camponesa, diálogo e convivência familiar.		Convivência familiar.
	F3 - EGRESSA	Antes a gente já era muito próximo, a gente sempre foi uma família unida, graças a Deus, acho que a EFA, aliás, acho não tenho certeza que contribuiu ainda mais nessa questão da afetividade, foi o do trabalhar mais junto, a gente começou a fazer, ajudar o pai no roçado, ajudar a mãe na horta tá entendendo.	Diálogo, afeto e Convivência familiar.		Convivência familiar.
	F3 - EGRESSA	A gente aprendeu a trabalhar, mas em conjunto sabe, a gente aprendeu mais assim a sentar, planejar as coisas pra fazer então tudo o que eu fazia, mãe é assim ó, pai e as meninas, eu dizia, fulano de tal eu ouvi as experiências dele, era assim, eu achei bem bacana, vamos ver se a gente consegue fazer isso pra ajudar aqui em casa, pra melhorar isso.	Diálogo e Convivência familiar.		Convivência familiar.

	F5 - EGRESSA	A gente não tinha diálogo né, assim, tinha a união da família e tudo, mas a partir de quando eu entrei na escola se tornou diferente porque a primeira ligação nossa com a família foi que quando a gente voltasse de lá, a gente soubesse da história da família né, primeiro plano de estudo, que a gente faz, que era para saber a história da família a origem do nome como foi que os nossos pais se conheceram. Então isso já é um bom relacionamento que a gente vai ter com a família da gente. Meu pai e minha mãe, mas o meu avô também eles eram muito assim conservadores com essa questão de mudar a forma de produzir. E quando começamos a trazer isso pra família, logo foi de surpresa porque, nós éramos meninas, mulheres trazendo isso pra eles... e com certeza mudou bastante, porque era um relacionamento muito individual, hoje é mais coletivo agente conversa mais, e isso eu posso garantir que foi a escola que mudou.	Diálogo, relações de gênero e convivência familiar.		Diálogo.
	F4 - EGRESSO	Antes era bem complicado, porque a gente praticamente, não tinha nada de sentar de conversar era escola, brincadeiras com os colegas as vezes ia para roça e a agente nunca tinha trago para a família que a família se interessasse, a partir que a gente começou a fazer um quintal produtivo, começou a desenvolver a caprinocultura, a família foi se aproximando a gente começou a trabalhar junto, mas antes não tinha isto, melhorou muito a questão da convivência com a família.	Diálogo e convivência familiar.		Convivência e diálogo.
	F4 - EGRESSO	Não mudei tanto, sempre fui assim, mais reservado. Mas aprendemos a ser mais responsável, por lá, cada um tem que ter essa responsabilidade, ser bem independente.	Ser responsável.		Educação humanizadora.

	MEMBRO - FUNDADOR	Esse é um desafio grande, porque desde do início a gente, percebeu que é importante a participação da família, sem ela não dá pra gente, desenvolver uma coisa que seja consequente com os jovens, então a gente pensou, primeiro eles tinham nas outras EFAs, o plano profissionalizante do jovem, depois de muitas discursões, a gente pensou que precisava fazer uma coisa que envolva a família, então chegamos a essa denominação “Projeto de vida da família camponesa”, porque o seguinte, o jovem está numa família e ele vai conversar lá com a família, quando ele vem para a EFA, a família continua as atividades lá, a família jamais vai trabalhar para o filho que está desenvolvendo um projeto, mas ele vai trabalhar com a família desenvolvendo um projeto que é da família, então, primeiramente precisamos conhecer qual é a realidade da família, e ajudar essa família ter um diagnóstico da sua propriedade, das possibilidades que ele tem, que problemas eles estão enfrentando, e o que dá pra melhorar, tanto de outras iniciativas que eles podem ter, que podem melhorar	Participação da família.		Educação humanizadora.
	M4 - FUNDADORA	A gente percebe o aluno mais afetuoso, a gente nunca tinha recebido um abraço, a dificuldade com os pais e muito maior do que com as mães, porque os pais são mais fechados, muitos meninos não conversam muito com os pais, então tem haver a diferença que alguns deles já se aproximam do pai, já conversão com os pais, com as mães é mais fácil, com as mães o problema e mais de assumi o que elas faz, de ter atenção a ela de dividir com ela, tanto menina como menino não é só a menina que tem que agir não, agente nota muito bem isso, é depois o pai satisfeito porque vai fazer um trabalho e o filho, papai eu aprendi que isso aqui também poderia ser assim, a gente lembrando que não é porque o pai dele não sabe, ou atrasa-lo, mais para avançar enriquecer mais ainda o pai, aí o pai rapaz é claro tem de tudo, quem é você pra me ensinar, quer dizer que	Diálogo, relações de gênero e convivência familiar.		Educação humanizadora.

		eu já agora com toda idade você agora uma criança, tem uns que tem dificuldade de aceitar o que estão aprendendo lá e fazer, mais a experiência que eles faz e papai vamos fazer um acordo você experimenta desse jeito e agente experimenta desse outro pra ver o que dá mais resultado, porque não adianta ficar brigando, porque quando os mais velhos, mantem um sistema você não pode desmorona ou transforma em pouco tempo.			
	M2 - MONITOR	Nós temos mudança na questão afetiva, entre o educando e a família. MARCONE – Como assim afetiva? No sentido de que tem muitos educandos, quando chega na escola não tem o diálogo com a família, só passa a ter depois que sai da escola, você compara quando o aluno que acabou de chegar na escola que ele tem pouco diálogo com os pais, mas no percurso que ele está nos 3 anos aqui, isso vai modificando, os próprios pais colocam isso pra gente, modificando ao ponto de que quando chega no 3º ano, você passa a observar de como ele está saindo de como ele chegou, assim uma coisa absurda, uma mudança muito brusca, houve uma melhora muito grande, do diálogo, da relação, nós tivemos diversos casos aqui que nem dialogava, e quando havia dialogo era em outros sentidos não era no sentido de melhorar eram discursões na verdade, a gente percebe essa melhora. Nós temos melhora também em outros aspectos as vezes até o contrário as vezes o próprio educando ele tem aquela percepção aquela vontade de querer mudar mas os pais tem alguns problemas que a gente tem dentro da sociedade de modo geral, problemas de utilização de vícios e no decorrer do período que ele está aqui na escola, ele consegue mudar alguns aspectos nesse sentido, temos casos aqui por exemplo, de mães que fumavam e deixaram depois que o filho estudou aqui, isso a partir do diálogo que nós temos aqui, da responsabilidade que	Diálogo, afeto e Convivência familiar.		Convivência familiar.

		nós temos aqui, dentro dos serões, das aulas, de mostrar a realidade que do que causa por exemplo tabagismo então isso influência na orientação que o educando tem na família.			
	M1 - MONITORA	Nós encontramos situações de jovens que não falavam com os pais direito, que eram praticamente intrigados. Os pais relatavam, que uns não tinham um bom relacionamento, não tinham diálogo, eles falam que na primeira seção eles conseguem perceber essa mudança, essa mudança pessoal, essa mudança de relação mesmo, entre pais e filhos, filhos e comunidade de um modo geral. Existe sim essa mudança, e ela começa a acontecer, eu diria que nos primeiros dias.	Diálogo e Convivência familiar.		Diálogo e Convivência familiar.
TEMAS	SUJEITO	FALAS DOS SUJEITOS	IDEIAS CENTRAIS	FREQUENCIAS (no. de vezes ideias repetidas)	CATEGORIAS (maior no. de vezes de deias repetidas por Tema)
COMUNIDADE	F1 - PAI	Quando ele chagava aqui ele convidava a comunidade, fazia reunião para repassar e para pegar alguma coisa da comunidade para levar para lá né, história, história antiga, do passado, daqueles mais velhos, fazia entrevista com ele para levar pra lá. Num projeto Dom Helder aqui na comunidade que surgiu, ele era o técnico da comunidade.	Participação na comunidade.	13 vezes.	Convivência na comunidade.
	F1 - MÃE	Ele acompanhava porque a gente, que tem o pessoal da comunidade, que sempre tem a luta, ele já era um pouco. Nas reuniões, tudo a ele participava na Igreja.	Participação na comunidade.		Convivência na comunidade.
	F3 - PAI	Graças a Deus é um lugar muito bom, me dou bem com todo mundo. Participo, das celebrações.	Participação na comunidade.		Participação na comunidade.
	F4 - MÃE	Ela não participava nada de reunião da comunidade. Ela faziam as reuniões pra passar o que elas assistiam lá.	Participação na comunidade		Participação na comunidade.
	F4 - MÃE	Incentiva a participar, quando receberam a formatura eles disseram, vocês não deixem, continuem, continuar praticando, assistindo as reuniões da PJF.	Participação na comunidade.		Convivência na comunidade.

	F2 - PAI	Elas pensavam em sair da comunidade, aí quando foi pra EFA, foi quando perceberam que queriam ficar aqui mesmo, daí elas não quiseram mais sair. Dizendo, que aqui dava para conviver e elas aprenderam lá. Agente ficou sempre participando das reuniões na comunidade.	Permanência na comunidade		Convivência na comunidade
	F2 - MÃE	Sempre participei, sempre gostei. Quando eu era jovem participava, era coordenadora da região, sempre me envolvi nesses movimentos da comunidade sempre, ajudava na Igreja, na época de festejo, mas também depois que as meninas entraram na escola, eu ajudo mais ainda, que as meninas me envolvem, as vezes nem estou querendo ir, elas inventam grupo de jovens, que criaram ai, me colocaram nesse grupo pra mim participar, ser assessora, e me levam para as reuniões, faz eu participar desses grupos e tudo mais, ai estou envolvida de qualquer jeito.	Participação na comunidade.		Convivência na comunidade.
	F4 - PAI	Quando chegava aqui, mais era o negócio das leituras deles, eles davam explicações para os outros da comunidade que tinham acabado de entrar na escola, e dava reunião para comunidade.	Participação na comunidade.		Convivência na comunidade.
	F4 - MÃE	Aqui tem a Igreja católica eles participavam, mas sempre quando eles viam da EFA eles traziam uma reunião para da pro pessoal, e ia saindo convidando o povo pra reunião. Mas antes eles e envolviam pouco mas se envolvia com a comunidade.	Participação na comunidade.		Convivência na comunidade
	F1 - EGRESSO	Antes da EFA eu não tinha essa ligação tão forte com a comunidade, depois da EFA através principalmente do plano de estudo né que são pesquisas desenvolvidas dentro da comunidade pra que a gente possa diagnosticar a realidade e intervir no que for possível né descobrindo as potencialidades pra que a gente possa intensificar e aquilo que tem de dificuldade a partir do diagnóstico feito pelo plano de estudo o jovem educando através da escola e intervir junto com todo né,			

		fortalecendo a organização social né. E antes da EFA eu não tinha isso depois que, desde o primeiro ano que a gente reafirma o plano de estudo a gente vai criando uma relação muita boa com a comunidade né intervindo tanto na parte de organização social, relação ao associativismo do fortalecimento, a escola proporciona isso também pra comunidade e também na parte produtiva né melhorando levado as técnicas adquiridas aqui na escola técnicas de convivência com o semiárido e implantando na família e implantando em outras famílias interessadas na comunidade que vai contagiado as outras e fazendo com que melhore.	Participação na comunidade.		Convivência na comunidade.
F2 - EGRESSA		Meu pai não tem muito estudo, digo conhecimento, mas ele sempre participou de associação, sempre esteve engajado na vida social da comunidade, hoje ele sempre acessou muitos projetos, e acho que isso ajudou também, porque a gente tinha aqui na nossa comunidade na época que eu estudava, acessava o projeto Dom Helder, que financiava algumas atividades produtivas na comunidade, e tínhamos muita formação nessa época através do projeto, e tudo que trazíamos de novidade, os técnicos aqui nos incentivavam, e faziam essa caminhada junto com a gente, depois que a gente chegou pros nossos pais que queimar não era o caminho que a gente tinha que descobrir outro formas, que tinha que aprender fazer raleamento, que o sol quente acaba danificando o solo, não foi de imediato que eles aceitaram, foi devagarinho, mas hoje eles são totalmente flexíveis a isso, já faz muito tempo que ele não queima, e muita gente criticava que ele não queimava.	Preocupação com o meio ambiente.	2 vezes.	Consciência ambiental.

	E12	<p>Não existe família sozinha, comunidade sozinha, porque a EFA, ela trabalha com tripé, que é Escola família e comunidade juntas pra Educação do Campo funcionar. Se eu tenho só família e escola, eu não consigo desenvolver parte do meu processo de educação, porque parte do meu processo de educação ele acontece dentro da comunidade. Por exemplo algo que era visto na comunidade como principais dificuldades, era questão do desmatamento, que a nossa comunidade Nossa comunidade está no processo de desertificação muito grande, então o que os educandos tentarão fazer na atividade de retorno como solução, o resultado daquela pesquisa, vamos fazer uma distribuição de mudas na comunidade, então funciona mais ou menos dessa forma, é, e as reuniões que a gente fazia, as pesquisas que a gente fazia era com o pessoal da comunidade.</p>	Parceria escola, família e comunidade.		Consciência ambiental.
	F3 -EGRESSA	<p>Nossa comunidade ela tem muitas experiências, tem muito projetos, é uma comunidade que a gente consegue ver o desenvolvimento dela, o que era 10 anos atrás hoje é muito diferente né, a gente ver a solução da comunidade, e graças a Deus a nossa comunidade é conhecida como uma das experiências dentro do município muito boa, a gente é elogiado pelos trabalhos e isso é muito bacana.</p>	Transformação da comunidade.		Mudança na comunidade.
	F5 -EGRESSA	<p>Antes da escola você se preocupava com a comunidade também? Não. Posso dizer que essa minha mudança toda, foi depois que eu entrei na escola, tanto na família quanto na comunidade. Porque o primeiro plano de estudo que a gente faz quando chega na escola é com a família e a com a comunidade, que é quando a gente vai saber a história da comunidade, procurar as pessoas mais idosas da comunidade que já estão mais tempo aqui, e a gente vai descobrindo qual é a cultura da comunidade as formas das famílias viverem a história da própria comunidade, como surgiu, quais foram os primeiros</p>	Descoberta da história da comunidade.		História da comunidade.

		habitantes na comunidade, o porquê do nome da comunidade. Eu praticamente não conhecia muitas famílias daqui.			
	F4 - EGRESSA	Minha família quase não participava da comunidade depois que a gente começou a estudar lá, a gente mesmo convocava as reuniões com o pessoal da comunidade, a família da gente ia daqui a pouco a se enturmar todo mundo, e até hoje a gente participa dos eventos da comunidade. Eu não tinha preocupação com nada, podia estar do jeito que fosse para mim estava tudo bem. Depois que a gente foi para EFA foi que a gente foi ver o estrago que estava a comunidade vendo como era para ser, quando a gente viu como era para ser, a gente disse sabe que lá está bagunçado o negócio, eu lembro demais.	Participação e preocupação com a realidade da comunidade.		Convivência na comunidade.
	F4 - EGRESSO	Antes eu já participava das coisas da Igreja, de outras organizações, tipo quadrilhas e outros eventos, e já depois da escola, nós aprendemos a fazer dinâmicas, então ajudou bastante.	Melhorou a participação na comunidade.		Convivência na comunidade,
	M3 - FUNDADOR	Acho que nós então, demos esse passo e foi bem importante, e que consiste o seguinte, nenhuma família vamos dizer, que está no campo está começando hoje a sua vida, não partiu do zero, mas o que aconteceu que permitiu às famílias um lugar para morar, terra pra trabalhar, então com isso a gente ver, qual é a realidade dessa família? O que é que ela já faz? O que que ela já produz? O que ela produz vamos dizer, são culturas adaptadas ao nosso clima, os animais que eles criam são animais adaptados, porque nós fomos colonizados, e hoje muito do que tem na agricultura, é influência de fora, como o gado, chegou e todo mundo gosta, mas o problema é um animal grande demais não se adapta ao clima de seca, eles sofrem muito. Então a gente vem discutindo o que é proveitoso, o que dá certo, o que não dá, o que é adaptável e o que não é, então a gente vai nesse diagnóstico tentando ver todas essas coisas, que	Pesquisar as potencialidades das famílias da comunidade e buscar condições de vida de acordo com o ambiente do campo.		Educação contextualizada.

		a família faz, e a partir daí o que vocês têm, como é que vocês fazem? O que é do ponto de vista da ciência pode ser melhor? O que a ciência pode contribuir? Então estamos tentando somar e articular, esse saber prático popular com o saber científico, então é essa contribuição, a partir daí o jovem vai fazer seu plano, nossa família tem isso. Nós temos casos de família na comunidade que criaram gados, mas decidiram vender ou trocar por cabras ou abelhas, e foi uma coisa que deu muito certo, porque eles viram a despesa menor.			
	M3 - MONITOR	Na comunidade, por exemplo é necessário quando eles vão fazer visita, que eles visitam as casas, conversem, escutem mais do que falam pra entender como é a situação pra depois refletimos juntos e outra coisa que agente insisti em muito é que nessas visitas eles tenham um momento especial pra comunidade, como é que a comunidade vai está dizendo o que é que a comunidade está pensando, o que é que está sentindo as vezes eles ah, mais não dá tempo, fazer reunião de manhã como alguns fazem, a gente combate ,porque fazer de manhã? mais não posso fazer de manhã, as vezes você tem que fazer um pouquinho mais de sacrifício, se for mais próximo voltar na mesma noite, mais preciso ter uma reunião a noite, com a comunidade pra poder sentir a presença da comunidade, ai quando chega no segundo ano, o seu tema é, família e comunidade.	Pesquisar a realidade da comunidade e participar da vida comunidade		Convivência na comunidade
	M3 - MONITOR	Sim, não só pra família mas pra comunidade também, através do estágio, das reuniões com o pessoal das associações, com mobilizadores sociais, até mesmo com as pessoas da própria comunidade, que também está à frente da Igreja, há essa relação de troca de experiência, principalmente com o plano de estudo, que é essa pesquisa que eles fazem, e com o PVFC, que é uma prática que eles tem que fazer nas unidades que eles irão criar ou melhorar os que já tem.	Pesquisar a realidade da comunidade, fazendo trocas de experiências existentes na comunidade com		Convivência na comunidade.

			as práticas na escola.		
	M1 - MONITORA	Quando eles retornam novamente pra comunidade, eles voltam com uma mudança, uma resposta pra comunidade, que existe os dois momentos, que a atividade de devolução, que é algo mais teórico, que é ajudar as famílias a refletirem, e depois é feito uma atividade prática, que é a atividade de retorno.	Retorno para a comunidade através da conscientização.		Convivência na comunidade.
TEMAS	SUJEITO	FALAS DOS SUJEITOS	IDEIAS CENTRAIS	FREQUENCIAS (no. de vezes ideias repetidas)	CATEGORIAS (maior no. de vezes de ideias repetidas por Tema)
PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA	F1 - PAI	A escola é uma escola diferente, o aluno passava lá 12 dias e 17 dias em casa, chagava aqui ia fazer os deveres dele, ia me ajudar na luta. Porque lá donde é a escola eles ensinam tudo, ensinam trabalhar, tem aquele momento do trabalho, tem aquele momento de estudar, tem aquele momento de rezar. Fazia, por exemplo, tu trouxesses um dever de lá para chegar aqui, você convida a comunidade e fazia aquelas pesquisas que fazia com o povo. Ai acontecia que ele ia cuidar daqueles deveres dele, que os deveres dele era só esses ai mesmo né, pegar informação.	Interação, escola, família e comunidade.	16 vezes	Convivência.

F1 - MÃE	Lá você passa 12 dias na escola e 12 dias aqui, é um negócio totalmente melhor, isso aí já tem vantagem, porque os dias que tão aqui, pode ajudar os pais, fazer os deveres dele, ajuda alguma coisa que o pai tem que fazer. O que eles fizer lá é pra eles praticar no seu lugar, fazer horta que é pra você ter os alimentos, mas saudável.	Interação, escola, família e comunidade.		Convivência.
F2 - PAI	Na EFA tem 15 dias lá e aqui, e lá eles não só estudam mais trabalham também. Os dias que estão lá, estão estudando, e lá estão em contato com a roça, planta, limpa, destroca, toma conta do animal Sempre quando amanhecia o dia 6 horas, os alunos faziam aquela roda ali, ai tinha o momento de oração, ai depois cada um ia cuidar da sua atividades, da de comer o boi a vaca, ai voltava merendavam e depois iam pra sala de aula.	Educação contextualizada.		Educação contextualizada e convivência.
F2 - MÃE	O sistema diferente lá da educação, que nos víamos que os alunos que não era da escola, eram totalmente diferentes, a pessoa lá fica lá 15 dias, e 15 dias volta para cá. Os dias que estão lá, estão estudando, e lá estão em contato com a roça, planta, limpa, destroca, toma conta do animal.	Educação contextualizada.		Educação contextualizada e convivência.
F3 - MÃE	A raiz começou daqui, completou lá, o que eu não sabia lá, ela explicou para mim. Era diferente porque não tinha tanta coisas boas que elas praticaram lá e trouxeram pra semear no nosso lugar pra nós fazer aqui, fazer o que comer e ter mais vida.	Interação, escola, família e comunidade.		Educação contextualizada e convivência.
F2 – PAI	No meu ver, acho que ajuda sim. Em qualquer outra área que elas quiserem trabalhar. Elas passam 15 dias lá né, eles comem, juntos, trabalham juntos, tem hora para tudo, disciplina.	Convivência e disciplina.		Convivência.
F5 - MÃE	Elas iam contar tudo que tinha acontecido na escola, quando chegava. Traziam atividades, iam responder as atividades que os professores passavam para elas responderem, iam fazer reunião com a comunidade, fazer pesquisa do plano de estudo.			

		Que eles têm um plano de estudo né, que é o PE que eles chamam. E cada uma sessão eles trabalham um assunto diferente né, envolvendo a comunidade, eles fazem pesquisa com 10 família da comunidade, e ai leva o resultado pra escola, e ai lá, eles juntos fazem uma síntese geral, ai depois, quando é na outra sessão ela vem e faz a devolução, reunião de devolução pra comunidade, sobre aquela pesquisa que ela fizesse.	Interação, escola, família e comunidade.		Diálogo e convivência.
	F5- PAI	Eles passavam 15 dias lá e 15 dias aqui, eles tinham sim tarefas pra fazer aqui em casa. Mais era o negócio das leituras deles, eles davam explicações pros outros que tinham acabado de entrar na escola.	Interação, escola, família e comunidade.		Diálogo e convivência.
	F4 - MÃE	Os 15 dias aqui eram para eles fazerem as atividades deles, e as atividades da casa. Quando chegava aqui passavam o que aprendiam, o tempo que eles passam lá eu cuidava aqui, aí quando eles vinham eles ajudavam. Eles conversavam com a gente, explicava o que estava acontecendo lá.	Interação, escola, família e comunidade.		Diálogo e convivência.
	F1 - EGRESSO	Por Alternância, 15 dias na escola e 15 dias na comunidade, na escola a gente levava atividades referentes a cada uma das disciplinas tanto da base técnica quanto da matriz curricular comum, o ensino médio. Dentro da comunidade a EFA nos estimulava durante a seção familiar a participar por exemplo da associação estimulava a gente e criar grupo de jovens dentro da comunidade, participar dos momentos de celebração seja qual for, algo que tenha nível de comunidade Durante a seção familiar, a gente tava sendo estimulado a participar também né.	Interação, escola, família e comunidade.		Convivência.

	F2 - EGRESSA	O que me chamou atenção, na pedagogia da alternância foi a educação contextualizada, porque tudo fazia muito sentido. Os cálculos de matemática, a gente calcular a área da mandala, calcular o pomar, muito o que tinha até da nossa vivência, porque as outras escolas que a gente estudava, não contextualizava nada com a nossa realidade, aí a gente ficava se perguntando, porque estudar aquilo se não ia precisar na minha vida, principalmente em matemática. Na EFA os professores eram muitos dinâmicos, de levar a gente pra aula no pomário, ter uma aula no jardim, de sair do espaço da sala de aula e compreender que não precisava ficar só na sala de aula, e todo o espaço que a gente tinha, podíamos fazer algo, tendo conhecimento, e foi lá também que eu despertei pro campo.	Educação contextualizada e identidade campesina.		Educação contextualizada.
	F3 - EGRESSA	Na EFA tem o tripé né, que é Escola, Família e Comunidade, então toda Seção que a gente ia pra escola a gente voltava com o caderno de acompanhamento, onde o monitor escrevia.	Interação, escola, família e comunidade.		Convivência.
	F3 - EGRESSA	Era 15 dias pra você estudar em casa, você ia entender, porque tinha a pesquisa e você tinha que estudar em casa e contextualizar aquilo e de certa forma levar pra lá e assim meus colegas iam trazer a realidade deles e eu levava a minha chegar lá eu ia conhecer experiências diferentes né, e passar 15 dias na EFA era, era a primeira vez porque eu nunca tive aquele costume de ficar longe de casa, era eu sem mãe, sem pai e sem irmão por perto, então eu tinha que me virar com aquilo e com pessoas diferentes.	Interação, família, escola e autonomia.		Diálogo e convivência.

	F5 - EGRESSA	Porque a gente passa 15 dias lá trabalhando juntos, escutando juntos, dormindo juntos, então, quando a gente vem para cá, é parecido. Uma coisa que eu noto muito, que lá tem muito a questão da igualdade de gênero, não tem esse negócio, que meninas só fazem isso e meninos só fazem isso, e aí quando a gente vem para cá, que aqui em casa somos 4 mulheres e só o nosso pai de homem, então essa mudança da escola em relação a isso eu destaco, porque tem esse pensamento antigo que sempre existiu. E quando a gente começou a estudar na escola, ela trabalhou muito essa questão da igualdade de gênero, e quando voltamos pra casa, a gente foi abrindo a mente em relação a isso.	Interação, família e igualdade de gênero.		Diálogo e convivência.
	F4 - EGRESSO	A questão da alternância, facilita muito a desenvolver para a gente aprender a conversar aprender a dialogar com pessoal. Toda vez na alternância, porque a gente trabalha com temas nos planos de estudos aí primeiro começou a família, a convivência com o semiárido, a família e aspecto cultural, cada tema desse a gente trazia para a família para a comunidade discutir ver como as famílias trabalhava aqui, dentro da comunidade esses temas se existia, quais as culturas que tinha aqui na comunidade e além da agente está levando para a escola, a gente aprendia lá outras culturas diferentes que os outros estudantes traziam da comunidade deles, a gente fazia uma troca de experiência.	Interação, família, escola e diálogo,		Diálogo e convivência,
	F4 - EGRESSO	A gente vinha com atividades. Atividades tanto na área técnica quanto também na convencional que a gente tinha, que era química, geografia, histórias e outras... mas a gente tinha mais foco era nas áreas técnicas, fazer pesquisas com as famílias elaborar algumas coisas. Tinha um caderno de acompanhamento, que a gente descrevia o que fazíamos aqui, e era levado pra lá pra eles terem todo um alto controle, pra saber o comportamento jovem aqui na comunidade e tudo mais.	Interação, escola, família e comunidade.		Convivência,

	M3 - FUNDADOR	No plano de estudos, que eles voltam pra casa com a temática de pesquisa, que exatamente procurando, digamos assim, já encaminhar esse projeto, que eles procuram conhecer qual é a realidade da família, o jeito de fazer a agricultura, o jeito delas se relacionarem, como é que é a participação deles na vida do município, da sociedade, esses vários espaços que tem, e então com isso eles vão alargando a compreensão, descobrindo como encaminhar esse projeto., e as visitas depois de acompanhar as famílias, vão um pouco nessa linha, também quando eles voltam para apresentar o resultado da pesquisa feita, e depois levar a reflexão, a discursão feita na escola, a preocupação em contextualizar a disciplina, trazendo essa problemática que eles enfrentam lá, então essa coisa vai clareando tanto pra ele quanto para as famílias, e até pra comunidade que participou dessa pesquisa feita, então, dessa forma a gente tenta envolver as famílias.	Interação, escola, família e comunidade.		Educação contextualizada e convivência.
	M4 - FUNDADORA	A pedagogia da alternância ela alterna o que? Em primeiro lugar alterna o tempo, o tempo que os alunos, e os educandos passam no campo e na escola, e o tempo que passam na comunidade, na família, então a gente começou a compreender que a pedagogia da alternância ela se equilibra, ela se realiza a partir de três colunas mestres, a escola, a família e a comunidade. A gente então estuda o tempo depois a gente alterna essa participação dessa integração de professores, direção com as famílias e a comunidade. A gente alternou também a questão da teoria da prática, alterna não só o tempo, alterna o conteúdo então vai olhar a realidade, vai olhar qual é a sabedoria o que é que eles já sabem de conhecimento a partir dos pais. Saber pensar que eles vão para a escola, que vão agora para um ambiente diferente, porque os pais sabem, não valem muito. Mais uma preocupação que a gente tem nessa metodologia de trazer para a escola, o trabalho dos pais a	Interação, escola, família e comunidade.		Educação contextualizada e convivência.

		experiência dos pais, o que eles já fazem no campo. Agora a finalidade era refletir com ele. Ampliar esse conhecimento, enriquecer, questionar, devolver. Isso relaciona a família. Isso naturalmente já é uma fonte de ligação de abertura é a coluna vertebral, a espinha dorsal da pedagogia da alternância.			
	M3 - MONITOR	Eu atribuo o que nós chamamos aqui na escola de tripé, que é a relação entre a escola, a família e a comunidade, se eu disser que é só a escola eu estou mentindo, porque ele não relação só na escola, ele tem uma relação na família, e na comunidade, então na minha concepção, é nesse tripé que ele vai ter uma verdadeira mudança, uma coisa é você olhar o que você tem na sua família, outra coisa é você olhar o que tem nas outras famílias da comunidade, e uma coisa é você em uma relação e outra buscar entender dentro da escola, então como é que você gerencia essas três áreas digamos assim, então eu acredito que esse tripé é o que faz, é o que move a mudança em cada um, tanto os educandos quanto nós aqui monitores. Inclusive se um deles falhar, o processo não anda.	Interação, escola, família e comunidade.		Convivência.
	M1 - MONITORA	O projeto formativo é planejado com as ferramentas da pedagogia da alternância, e essas ferramentas da pedagogia da alternância, o planejamento é feito juntamente com esses jovens também, exemplo, plano de estudo, é feito e dividido em várias etapas, o jovem primeiro vai conhecer um pouquinho sobre aquele tema, vai ter um momento de sensibilização para que eles possam elaborar de fato as perguntas que eles realmente querem saber sobre a comunidade deles, e depois existe um diálogo, que tem que fazer um enxugamento de algumas coisas, não dá também para perguntar tudo né, tem que perguntar aquilo que vai fazer com que aja um crescimento. É elaborado as perguntas, aí eles retornam pra casa com essas perguntas, ai fazem o questionamento com as famílias, e ao retornar pra cá, a gente vai fazer o aprofundamento dessa	Interação, escola, família e comunidade.		Convivência e diálogo.

		vivência, de toda a vivência que eles trazem, e esse aprofundamento vai se dar nos vários aspectos.			
TEMAS	SUJEITO	FALAS DOS SUJEITOS	IDEIAS CENTRAIS	FREQUENCIAS (no. de vezes ideias repetidas)	CATEGORIAS (maior no. de vezes de ideias repetidas por Tema)
EDUCAÇÃO DO CAMPO	F1 - PAI	Essa escola agrícola ela é uma escola que ela é camponesa né tem ficado do campo mesmo né por que a pessoa convivia com o campo. Era de futuro, a pessoa aprender a conviver com o semiárido né, que o nosso semiárido aqui se você não souber cuidar dele, cada vez vai acabando a mãe natureza. Depois que ele estuda lá, vive orientando a gente planta isso aqui, faz essa muda aqui, é assim, aprendeu lá. Mas lá naquele meio quando ele estava na escola ele dizia, eu quero segurar no meu campo, eu não quero esse negócio para ir trabalhar fora, meus irmãos tão em fortaleza, eu quero conviver é no campo. Lá o estudo é outro rapaz, você vai para lá é para aprender a conviver com o campo e nós que somos do campo temos que saber a conviver com o campo. Porque se você não souber conviver com o campo você não sai do campo. Que a coisa mais ruim que existe é a pessoa fazer uma coisa pensando que está direito e não está,	Aprender a viver e conviver no campo para permanecer no campo.	5 vezes	Educação contextualizada e convivência.

		<p> você já pensou o cabra aqui no campo, as vezes pega uma foice, vai cortar um pé bem acolá vai só destruir a natureza, nisso aí até hoje eu não toco fogo mais em nada, se eu tenho bocado de milho lá na minha roça, eu só faço fazer aquela fileirazinha e deixo lá, e aquilo vai servir de adubo de primeiro eu tocava fogo queimava.</p>			
	F2 – MÃE	<p> Aprendeu muito lá, sobre a convivência da gente com os alimentos, com todo esse negócio de criar, tem os sistemas também, foi muito bom. A EFA ajudou com que ele ficasse no seu lugar né, ensinou a vida do campo. E lá ensinou a fazer uma horta, e nem uma horta ele sabia fazer, aprendeu lá e repassou para nós. O Gerardo antes era que nem ele disse a gente ia plantar nos tempos certos, mas nós não cuidava, eu toda vida gostei de plantar um plantinha assim de remédio um pé que der fruto, mas ai com ele lá ainda melhorou mais né ele tinha as ideia né pra dá, como é que faz, até como é quando dá praga nas plantas eles ensinam tudo.</p>	<p> Aprender a viver e conviver no campo para permanecer no campo.</p>		<p> Educação contextualizada e convivência.</p>
	F2 – PAI	<p> Queima é zero, veneno a gente usava não usamos mais. E esse cuidado com o meio ambiente eles sempre aconselha, para termos mais cuidado, controlar o lixo, cuidar da natureza, não queimar, tudo isso ela ensinou. Algumas coisas ela me ensinou, alguma coisa que ela aprendeu lá, plantava palma nós plantava era largão assim, a gente recebeu um projeto e disse pai a palma aqui temos que plantar ela mais próximo, do jeito que o senhor está plantando ai o senhor vai gastar muita terra ela não vai</p>	<p> Consciência ambiental, identidade campesina e educação para</p>		<p> Educação contextualizada.</p>

		fechar nunca e não poder botar animal dentro. Na EFA além de você estudar você está tendo o contato com o criar com a terra e vi aluno lá que nunca tinha tirado leite, o pai dele criava mas nunca tirou leite, aprendeu tirar leite, outros não sabia nem criar de porco de galinha, as outras escola quer nem saber se você é filho de agricultor, se não é o que você faz.	convivência no campo.		
	F2 – MÃE	Ela aprende lá, ela diz: “mãe isso deve ser feito assim, assim, isso daqui tem que colocar isso, no adubo assim”, os filhos ensinando os pais as coisas do campo.	Pais e filhos aprendendo juntos.		Convivência.
	F3 - MÃE	O governo quer é pisar mesmo, queria que o povo jogasse veneno para morrer mais ligeiro, para dar mais lucro pra eles, pra ir pro médico. Antes disso aí, que antes disso aí todo mundo sofre, quando era no tempo da lagarta jogava veneno aí estava nem aí, quando descobriram a verdade, todo mundo se afastou do veneno. EFA é só a vida da gente daqui, convivência e essas outras públicas é dos outros estados que puxa pra cá não tem nada haver nós não somos dos outros estados nós temos que conviver aqui nosso lugar do Brasil, o que Deus deixou a terra pra todos nós trabalhador, nós tem que conviver aqui o nosso movimento, não é lá trazendo lá de longe, os coisos envenenado pra matar as pessoas não.	Consciência ambiental e educação para convivência no campo.		Convivência.
	F5 - PAI	Elas foram aprendendo mais do que eu, ai foi bom. Tem coisa que eu aprendi lá. O veneno ninguém usa mais, eu usava. A gente ver que não é necessário o veneno. Está melhor. Aí o alimento é saudável, e ninguém queima mais. Rapaz, o quintal da gente, antes delas irem pra lá, se você visse como era antes, era igual esse terreiro ai do lado, não tinha nada, e hoje tem uma grande diferença.	Consciência ambiental e pais e filhos aprendendo juntos.		Educação contextualizada.

	F5 – MÃE	Elas mudaram na maneira de trabalhar, de respeitar, de aprender a trabalhar com a terra, assim com o meio ambiente, e a conviver com a comunidade, também essa maneira. Elas se envolveram mais ainda né, com a comunidade, depois que elas foram pra lá, pra escola.	Educação para convivência no campo.		Educação contextualizada e convivência.
	F4 - PAI	Eles faziam um negócio de plantio, de canteiro, fazer horta, tudo isso. Eles ensinavam nós aprendia, chamavam e explicavam como era que fazia. Se não tivessem ido estudar eles com certeza iriam estudar fora. Tem um que não terminou os estudos e foi iludido pra São Paulo.	Pais e filhos aprendendo juntos, permanência no campo.		Educação contextualizada e convivência.
	F4 - MÃE	O que mudou, foi que eles passaram a cuidar do quintal, porque não tinha nada, eles passaram a trazer as mudas de lá.	Consciência ambiental.		Educação contextualizada.
	F1 - EGRESSO	Houve uma mudança radical né. Primeiro o que foi mais difícil, fazer com que a família, deixasse de queimar, no preparo do solo pro plantio né, isso já vem de muitas gerações anteriores, isso é difícil pra gente adquirir essa consciência de que as queimadas vão prejudicar o meio ambiente, vão degradar o solo né, a primeira mudança foi essa né, a gente deixou de queimar aproveitando os restos de cultura, pra revolver o solo a gente passou a utilizar os esterco nos nossos animais de uma forma melhor, por exemplo, vinha um caminhão levava pra serra grande né, a gente achava que estava sendo uma vantagem, limpava as instalações do animais e levava aqueles esterco, mas a partir dos conhecimentos aqui adquiridos, a gente passou a utilizar dentro da nossa produção, esses esterco né e várias outras coisas. A gente foi mudando né no decorrer dos três anos aqui na escola.	Consciência ambiental e educação contextualizada.		Educação contextualizada.

	F2 - EGRESSO	A gente ia plantar, ia ajudar a colher, mas pela importância de fazer a adubação no solo, de compreender que as queimadas não é essa coisa bacana que vemos nossos pais fazendo, que tem resultados muito negativos. E fomos despertando pra isso, pra entender que aqui não é esse lugar desgastado de gente sofrida, de gente pobre, de gente que não tem oportunidade.	Consciência ambiental e educação contextualizada.		Educação contextualizada.
	F3 - EGRESSA	A questão dos manejos, essa p mais técnica que a gente vai aprendendo o manejo por exemplo, limpar o chiqueiro, então pai, vamos limpar o chiqueiro a cada 15 dias que não tinha isso antes era limpava quando dava certo, ele não sabia que aquelas fezes podia prejudicar na sanidade do animal, é pai vamos fazer aqui o pé de luva, porque vai proteger o casco do animal.	Educação ambiental.		Educação contextualizada.
	F3 - EGRESSA	Pra eles, assim, como meu pai já tinha uma certa idade a gente sabe que as pessoas de idade, elas tiveram uma convivência diferente, por exemplo, se eu fosse dizer que eu ia curar uma bicheira de um bicho, pra ele talvez fosse esquisito né, porque era trabalho de homem né, então uma menina fazer aquilo ali, pra ele talvez, assim como também a gente ele achou estranho.	Relações de gênero.		Educação contextualizada e convivência.
	F5 - EGRESSA	Na EFA eles trabalham com a nossa realidade, por exemplo nós que somos do campo, e já a escola convencional é todo mundo lá sentados nas cadeiras, talvez ninguém não conhece nem o nome do próprio colega, só lá, conhecendo uma realidade de povos que a gente nem conhece, e só. E na EFA não, a gente tem esse diálogo com o colega, conhecer a história do outro, da comunidade deles também, mais assim para nossa realidade. Eu acho que é diferente.	Educação contextualizada e convivência.		Educação contextualizada e convivência.
	F4 - EGRESSO	Com certeza eles mudaram que desce sobrevivência para família, porque você muitas vezes na maioria das famílias tem uma casa, mas não tem nenhum quintal produtivo o único criatório que tem é galinha e depois que a gente foi para EFA nos trouxemos tecnologias que existia			

		a muito tempo e o pessoal não enxergava. Quintal produtivo, a facilidade que tem é um quintal produtivo até com agua de reuso desde quando a gente estudou na EFA que a gente planta uma plantazinha e vai mantendo, fazendo os canteiros, cria bode cria ovelha, galinha, apicultura, as abelhas, através disso a família também visitava a EFA e tinha os dias de campo e via como que desenvolvia as coisas lá e trazendo para cá e começou a desenvolver. Aqui antes da EFA não existia produtividade o pessoal só vivia do feijão e do milho, alguns pecuaristas mesmo de tradição aqueles que não deixa de criar bovino mesmo sabendo que estão tendo prejuízo nunca deixam de criar. Mas os demais essa questão agrícola não tinha.	Educação contextualizada e produtividade.		Educação contextualizada.
	F4 - EGRESSO	A forma de manejo da terra, também com os animais, ouvi uma grande melhora nessa área. Também acontece que os monitores vêm fazer visitas, pra ver se tem mudanças. Ai teve mudança no quintal, porque antes a gente não tinha controle de produzir.	Educação contextualizada e produtividade,		Educação contextualizada.
	M3 - FUNDADOR	A educação ela precisa ser integral, então não podemos botar ideias novas na mente dessa turma, pra que eles não se preparem somente pro ENEM pra faculdade, mas a preocupação maior é que eles se percebam como gente, como pessoas eles fazem parte de uma família numa comunidade, de uma sociedade que tem esse tipo de problema, então ajudando esses jovens, esse relacionamento rapaz e moça, ajudando essa turma a ter uma convivência familiar, onde os monitores não se coloquem somente como professores, mais como alguém que quer acompanhar, quer ser amigo, ser companheiro, que escuta, que conversa e, tudo mais, ajudando esses jovens a crescerem melhor, creio que temos que ajudar essa turma a valorizar mais a convivência familiar, hoje pode-se perceber que tem desafios grandes, porque tem muitos jovens que tem uma família que não tem muita estrutura, as vezes os pais são separados, jovens	Educação para a vida,		Educação humanizadora,

		que são criados pelos avôs, então, tem esses problemas diversos que temos que encarar e ajudar, e tem outros que vão surgindo, como outros que já não são mais camponeses, e nem urbanos, que já passaram por uma experiência de vida na cidade, sofreram a marginalização, e de um lado a gente se preocupa, porque aqui não é um reformatório, mas a gente não pode excluir esses jovens que estão querendo e manifestando esse desejo de ter uma formação que ajude na vida, ou seja temos essa preocupação de acolher e descobrir possibilidade de reatar laços familiares de constituir onde não tem essa família dele criar da comunidade no ambiente que ele possa se desenvolver, possa ter o carinho essa ajuda.			
	M4 - FUNDADORA	O forte que é você partir do chão da vida, do chão da realidade, por isso que nós temos escola no campo, que a gente discute muito isso, mas não são escolas do campo. Isso criou ao meu ver uma dificuldade de identidade, porque esses jovens nem as vezes nem são mais do campo nem são mais da cidade que eles ficam perdidos né. Por isso que nesse sentido a gente queria uma escola que eles se firmassem no seu lugar, fosse uma escola do campo e no campo e tem que ver se tem terreno suficiente para poder fazer a experiência.	Educação contextualizada e identidade campesina.		Educação contextualizada e educação humanizadora.
	M2 - MONITOR	Nossa experiência faz com que os próprios educandos percebam que aqui na escola, que está situado no semiárido, numa comunidade onde temos bastante dificuldade de água, o que eles conseguem fazer aqui, muitos também vão conseguir fazer em casa. Uma das coisas que a gente faz é fazer essa troca de experiência né, principalmente das nossas unidades produtivas com a parte técnica que a gente vai fazendo, com a realidade deles que também eles trazem muitas coisas das comunidades que a gente não tem conhecimento mas quando chega aqui a gente faz a troca de experiência assim também	Educação contextualizada e troca de experiências da escola com a família.		Educação contextualizada

		quando a gente visualiza nas comunidades quando a agente ia fazer as visitas dos jovens.			
	M1-MONITORA	A partir de quando eu percebi que é possível ter um quintal produtivo, a partir das fruteiras, das hortaliças, dos criatórios de médios e pequenos animais, e não precisa tanta coisa para produzir sua própria alimentação, isso era o negócio que mais me encantava, ai depois veio a dinâmica do plano de estudo que faz com que essa transformação, ela seja possível, a dinâmica do plano de estudo, ela traz muito isso.	Educação contextualizada e produtividade.		Educação contextualizada.

LEGENDA: IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS	
SETOR – FAMÍLIA	SETOR ESCOLA
Família 1 – PAI, MÃE e EGRESSO	MEMBRO DA ESCOLA 1 – MONITORA
Família 2 – PAI, MÃE e EGRESSA	MEMBRO DA ESCOLA 2 - MONITOR
Família 3 – MÃE, EGRESSA 1 e EGRESSA 2	MEMBRO DA ESCOLA 3 - FUNDADOR
Família 4 – PAI, MÃE, EGRESSO 1 e EGRESSO 2	MEMBRO DA ESCOLA 4 - COFUNDADORA
Família 5 – PAI, MÃE e EGRESSA	